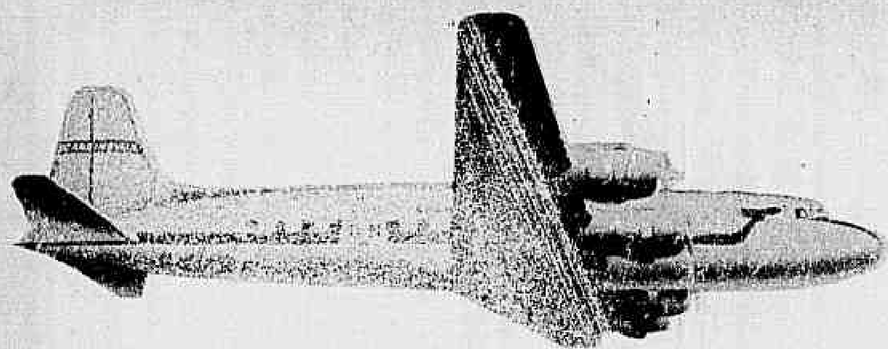
REVISTA DA SEMANA



CR$ 3,00





Visite a Alemanha

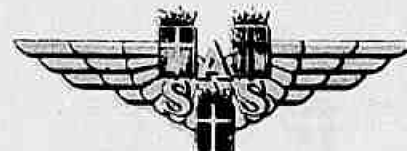
voando pela

SAS





Nos mais confortaveis aviões do mundo — os DC-6 da SAS... com um serviço que iguala o dos mais famosos hoteis... com requintes de cortesia... com uma cozinha da mais alta qualidade... com a despreocupação de seu proprio lar... por um custo que torna realidade o seu sonho de viajar — V. S. visitará a Alemanha.





SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM

(LINHAS AEREAS ESCANDINAVAS)

Av. Rio Branco, 277 loja 18D - Tels. 32-6710 e 32-7320

Agencias em RECIFE - SALVADOR - S. PAULO - PORTO ALEGRE

Passagens tambem à venda nas Agencias de Turismo e nas Companhias Nacionais de Navegação Aerea.

SENSACIONAL!

A "REVISTA DA SEMANA"

INICIA NO NÚMERO DE 6 DE OUTUBRO A PUBLICAÇÃO DE

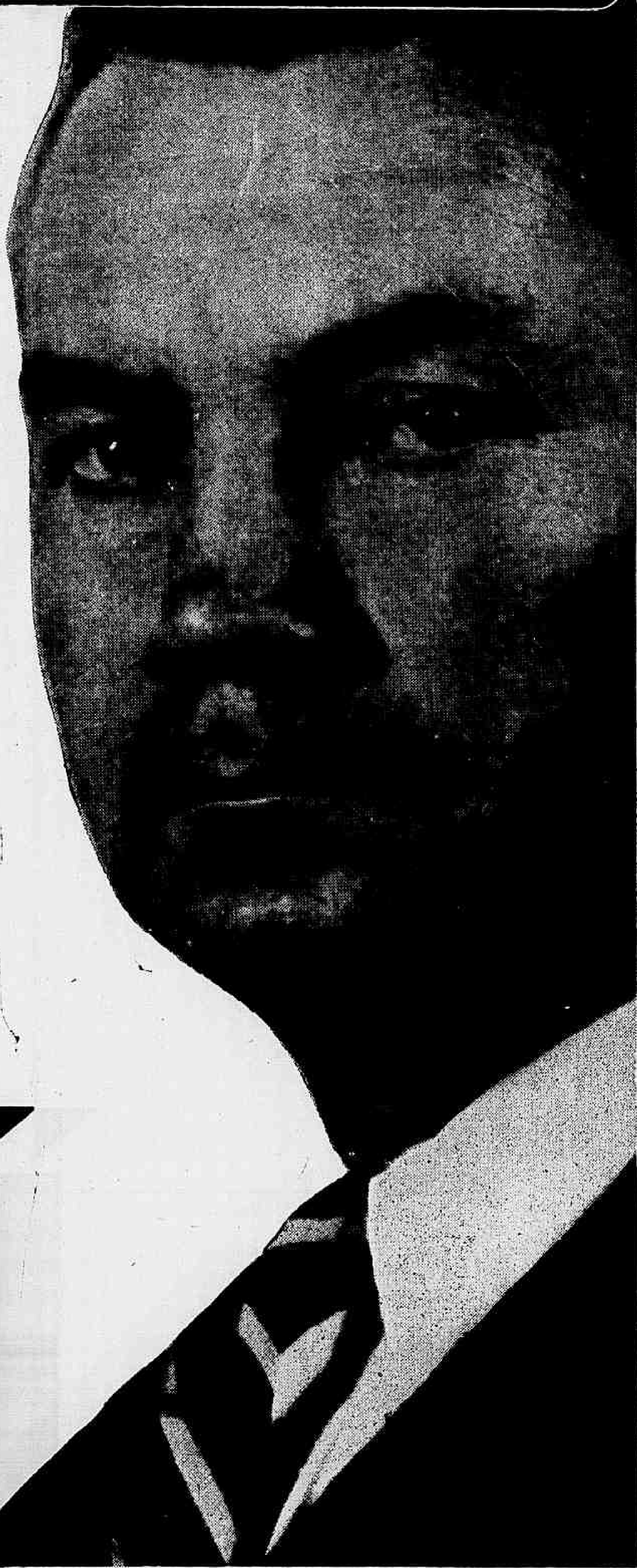
O DIARIO DE FORRESTAL

(A TRAGÉDIA DO HOMEM QUE DIVERGIU DE TRUMAN)

E QUE PREVIU COM EXATIDÃO A PRESENTE CRISE UNIVERSAL!

Uma história exclusiva, nunca antes revelada, que desvenda grandes mistérios da política internacional:

* INCIDENTES NOS BASTIDORES DA CASA BRANCA...
* A BATALHA DE BERLIM...
* A INCOGNITA DA CHINA...
* O ENIGMA DA RUSSA...!



O DIARIO DE FORRESTAL

DIREITOS EXCLUSIVOS ADQUIRIDOS PARA O BRASIL PELA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Êles fugiram da "Cortina de Ferro" (Antônio Arlindo) 8/12
Capas Negras no Brasil 16/18
Um grito que atravessa os séculos 20/23

ATUALIDADES

Curável a loucura? 24/25
Primavera... Ritmo... Movimento... .... 28/29
Sôbre um fundo de Paris 30/31

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 4/5
Personagem da Semana 5
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44
Puxe pelo Cérebro 12
Palavras Cruzadas 46
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58

HUMORISMO

"Charge" de Théo 6
Êste mundo e o outro (Darcy) 13

LITERATURA

Longe do Pago (Theresa de Almeida) 7
Semana Literária (Edmundo Lys) 14/15
O Exemplo (Vicente C. de Carvalho) 27
Iluminado (José A. Moura) 34
À Sombra das Moças Fantasmas (Lyse) 37

CINEMA

Touros Bravos 42/43
Ingrid Bergman será feliz? 56/57

FOLHETINS

Uma jovem do outro mundo 48
Um amor proibido 49

CURIOSIDADE

Exame de Consciência 26

FEMININAS

Listrados (Ramon) 32/33
Variados 36/37
Juvenis 38/39
Week-End na Cozinha 40/41

ILUSTRADORES

J. Ribeiro — Orlando Mattos — Rafael.

FOTOS

Nódgi — Jorge Lyra — José Santos — Arquivo.



NA CAPA

Arlene Dahl

(Foto M.G.M.)

A SEMANA

COMENDADOR ARMANDO VEIEIRA DE CASTRO

O comendador Vieira de Castro, nascido em Freitas, Fafe, Portugal, a 2 de agôsto de 1886 veio para o Brasil em janeiro de 1907, empregando-se como caixeiro da Casa Granado. Sua dedicação ao trabalho, seu caráter reto, da probidade inatacável foram-lhe dando maiores oportunidades, colocando-o em posição de destaque entre os seus chefes e companheiros de trabalho. De etapa em etapa, o humilde caixeirinho chegou ao mais alto pôsto na firma: — a presidência. Espírito fino, de educação aprimorada, o comendador Armando Vieira de Castro se tornou, desde muito, numa das mais prestigiosas figuras do comércio do Rio. A colônia lusitana o estimava e o tinha como uma das mais conceituadas do seu meio, não sòmente pelas qualidades de caráter e espírito, como porque o comendador Vieira de Castro está sempre ao lado das boas causas, dando seu apoio material ou moral aos programas que trouxessem meios de progresso para o Rio. Era diretor de várias associações de cultura, beneficência e esportes desta capital, estando sempre disposto a colaborar com as idéias generosas em favor do meio em que vivia. Diversos asilos e associações de assistência popular tinham nêle o seu maior sustentáculo, o amigo de sempre, o protetor desinteressado. Embora colocado em elevada posição social, o comendador Vieira de Castro nunca perdeu aquela simplicidade dos bons. Não sabia o que era orgulho, nem vaidade; bondoso e comunicativo deu grande impulso aos estabelecimentos comerciais que chefiava, e a todos tratava com urbanidade e cortesia. Faleceu em Braga, em setembro, quando visitava pessoas da família.



★

O PROBLEMA DA BORRACHA



A vida econômica da Amazônia sempre foi a borracha. O seringal é o símbolo da prosperidade regional, tanto do território do Acre como do Estado do Amazonas. O Pará, embora colha bons proveitos com a exportação da borracha, possui outra excelente fonte de riqueza, a castanha, apreciadíssima nos Estados Unidos, onde é muito mais consumida do que entre nós. Mas, o ponto alto, o "pivot" amazônico é mesmo a seringueira, com o seu leite de enorme valor. Entretanto, por mais inacreditável que pareça, a borracha não conseguiu, jamais depois do seu fastígio aí pela primeira década do século atual, colocar-se como se vem mantendo o café em nossa economia nacional. O seringueiro já dominou matas e bancos; era um nababo, e sua glória em libras esterlinas fêz a grandeza de Manaus, o encanto de Belém, a felicidade do Inferno Verde, que não era mais do que o Paraíso dos nordestinos e até dos sulistas. Mas, tôda glória tem suas quedas, e o Amazonas deixou o Capitólio para despenhar-se na Rocha Tarpéia. De quando em quando pensam em ressuscitá-lo. O amazonense se enche de esperanças, mas, em seguida, tudo cai na mesma banzeirice, num remanso estagnado e desesperador. Agora surge mais uma notícia que fere a economia amazonense de ponta a ponta. Desejam alguns homens de govêrno explorar as seringueiras em Minas e Bahia. Para Minas vão, de início, vinte milhões de mudas. Para a Bahia, também. Isso significa o abandono da Amazônia. Não seria mais racional que o govêrno procurasse resolver o problema da borracha no seu "habitat" e intensificasse a emigração para aquelas terras, valorizando a região pela presença do homem?

★

O CASO DO MARANHÃO

TODOS se lembram o que foi aquêle comêço de revolta em S. Luís, capital do Maranhão, em virtude do resultado da eleição para governador da terra de Gonçalves Dias. Uma coligação política, em oposição ao partido que elegera o Sr. Eugênio de Barros lutou desesperadamente para impedir que o eleito tomasse posse. O caso dependia do "veredictum" do Supremo Tribunal Eleitoral, que, após longo exame de recursos e contestações, chegou à conclusão de que o Sr. Eugênio de Barros estava eleito e devia tomar posse. Diante dêsse resultado, recrudesceram as manifestações hostis em S. Luís do Maranhão, contra o eleito. Está aquêle Estado sendo governado pelo Sr. César Aboud, até que a situação melhore e os ânimos voltem à tranquilidade. Para evitar maiores perturbações da ordem, a Assembléia Legislativa estadual prorrogou a licença do governador eleito e ora reconhecido pelo Tribunal Eleitoral. O Sr. Eugênio de Barros está vivendo dias de grande sensação, e, segundo declarações suas à imprensa, está disposto a voltar à capital do seu Estado a fim de assumir o poder, suceda o que suceder. A segunda semana de setembro foi, tôda ela, ocupada com o caso do Maranhão. De episódio eleitoral, nitidamente jurídico, passou a ser encarado como exclusivamente político, tendo-se desligado o PTB da coligação oposicionista e se espalhado, aos quatro ventos que os inimigos do Sr. Eugênio de Barros despacharam para o Rio um homem de confiança, com o fim de assassinar o governador eleito. Quando vamos mesmo criar juízo, minha gente!



EM REVISTA

DIVÓRCIO NO LEGISLATIVO



O deputado Nelson Carneiro, autor do projeto que anula casamento civil de desquitados após cinco anos de separação, permitindo aos cônjuges desavindos convolação de novas núpcias, enfrentou a situação de sua causa com o maior interêsse. Se todos os legisladores, ao escolherem uma tese, lutassem por ela com a fôrça e a convicção do deputado Nelson Carneiro, o nosso legislativo federal produziria muito mais do que produz em matéria de leis. Infelizmente, porém, nem todos têm a vocação de luta dêsse deputado e os projetos vão-se ficando aí pelos fundos das gavetas, pelas pastas dos presidentes de comissões, pelas mesas dos relatores, e terminam tão empoeirados e esquecidos que é melhor mesmo levantar outra lebre, que as anteriores já não dão mais nada. O deputado Nelson Carneiro, não satisfeito com sua atuação na tribuna de sua Câmara, foi a Niterói e ocupou a tribuna do Legislativo Fluminense com a intenção de expor aos seus colegas estaduais o espírito do seu projeto. Dizem os que o ouviram que êle se saiu muito bem, tendo defendido sua tese com muita habilidade e conhecimentos jurídicos e processuais. No dia seguinte o seu antagonista, Pe. Câmara, também deputado federal, pediu que a mesma Assembléia lhe concedesse igual honra, a fim de combater a palavra do divorcista. E também falou. Animado com isso, o deputado Cid Franco do legislativo paulista, requereu que sua Câmara convidasse o deputado Nelson para falar na tribuna da Casa. Mas foi rejeitado o seu requerimento. Nem mesmo no plenário poderá ser recebido o legislador baiano. O divórcio atingiu os legislativos...

★

CARNE E LEITE

DURANTE três dias consecutivos houve assembléias de pecuaristas de vários Estados fornecedores de carne e leite ao Distrito Federal reunidos na ABI, com a presença de altas autoridades governamentais e sob a presidência do Sr. Benjamin Cabello. Invernistas de S. Paulo, Minas, Mato Grosso, Goiás, E. do Rio etc., discutiram acaloradamente e apresentaram aos delegados do govêrno as suas razões de desejos de aumento de preço dos produtos de que vivem. Os jornais passaram a publicar estatísticas mostrando o elevado custo das utilidades aplicadas ao meio rural, bem como salários dos trabalhadores de campo. Tomou-se por base o número 100, a partir de 1946. Nestes cinco anos a subida foi geral e, muitas vêzes violenta, inclusive nos preços dos artigos do interêsse dos convencionais. Entretanto, ainda não chega o aumento geral já havido. Os negociantes de leite, carnes laticínios querem mais documentam suas discussões com irrefutáveis dados estatísticos. Aproveitaram ainda a boa companhia e o excelente clima reinante na Assembléia dos três dias, para pedir ao govêrno os isentasse de vários tributos fiscais e de baix. geral nos transportes pelas estradas de ferro. Pelo rumo que vão tomando as coisas, leitor, o litro de leite chegará a Cr$ 5,00. Como êsse produto da pecuária é a base da manteiga, do queijo, do leite em pó, da coalhada, do doces e bolinhos (mesmo os que não recebem leite), da média e do arroz-doc a vida vai dar um pulo colossal em seu custo. Apertem os cintos...



★

BRIGOU? PAGA!



NÃO é sòmente em nossos legislativos que se registram brigas, conflitos, tiros, bofetões, puxar de armas, ameaças e nomes feios. Na velha e culta Europa, nos outros países desta América deliciosamente jovem e rica, na Ásia e na Oceania, também há Câmaras Legislativas em cujos recintos os "pais da pátria" se engalfinham trocam sopapos e tiros. É, pelo que parece, uma contingência dos fervores político-partidários. Mas, não há dúvida que seria muito mais edificante e bonito se não houvesse tais coisas, tanto aqui, como lá fora. Um legislador é uma pessoa que deve recomendar-se pela compostura, pela atitude moral acima das tricas políticas, uma criatura serena e capaz de defender suas idéias ou abater a dos antagonistas, mantendo sempre o mais elevado nível cultural e de educação moral e política. Infelizmente, porém, muitas vêzes, os licurgos perdem a serenidade e lançam mão de cadeiras, cinzeiros, tinteiros, punhais, pistolas, etc., como argumento decisivo para fazer calar os opositores de suas idéias. E a briga nos recintos legisferantes é uma das mais tristes cenas de que há memória nos anais de nossa pobre civilização. Foi para evitar dêsses episódios chocantes, que o vereador carioca, Sr. Celso Lisboa, apresentou à Câmara Municipal um dos mais interessantes projetos estabelecendo multas para os colegas que sacarem de suas armas, tentarem fazê-lo ou, simplesmente, procurarem agredir os seus colegas de casa, com objetos perfuro-cortantes ou contundentes. Multas de um a três meses de subsídios, em dôbro, no caso de reincidências. Talvez os valentes se acalmassem...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Osvaldo Costa

SÁBADO, 15 de setembro, às 13,30, levantou vôo do Aeroporto Santos Dumont, desta capital, o avião particular de prefixo PP-AKD, pilotado pelo aviador Lupércio Lins, conduzindo o banqueiro e deputado Osvaldo Costa, proprietário do avião, e mais duas pessoas. O aparelho se destinava a Varginha e, daí, a Poços de Caldas, até onde ia o Sr. Osvaldo Costa, em visita a uma sua filha que estuda ali num dos estabelecimentos de ensino. Mas, ultrapassadas as horas previstas para a chegada do avião a Varginha, as maiores e mais angustiantes apreensões começaram a dominar o espírito das pessoas que aguardavam o PP-AKD naquelas cidades. Na segunda-feira, boatos alarmantes se espalharam e, na têrça, houve um vespertino que noticiou o encontro do PP-AKD destroçado entre Jimirim e Campanha, com todos os seus ocupantes mortos. A situação já era tão angustiosa que na própria Justiça Eleitoral, já se cogitava da convocação do suplente do deputado Osvaldo Costa, tido como morto. Na manhã de quarta-feira, 19 de setembro, porém, alvissareira notícia foi dada pelos matutinos: o Sr. Osvaldo Costa, bem como todos os seus companheiros de viagem, estavam salvos. O avião fizera uma aterrissagem forçada em plena floresta a cêrca de 20 quilômetros de Resende. Os excursionistas tiveram que apelar para a resistência física e procurar caminho até à salvação. O Sr. Osvaldo Costa logo que pôde, comunicou-se com a família, dizendo que tudo estava bem, apenas êle com os pés feridos e inchados pelo esfôrço da caminhada. Seu nome ocupou as atenções dos meios bancários, políticos e sociais do Rio, tornando-se a personagem da semana que findou.

Contos para a "Revista"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

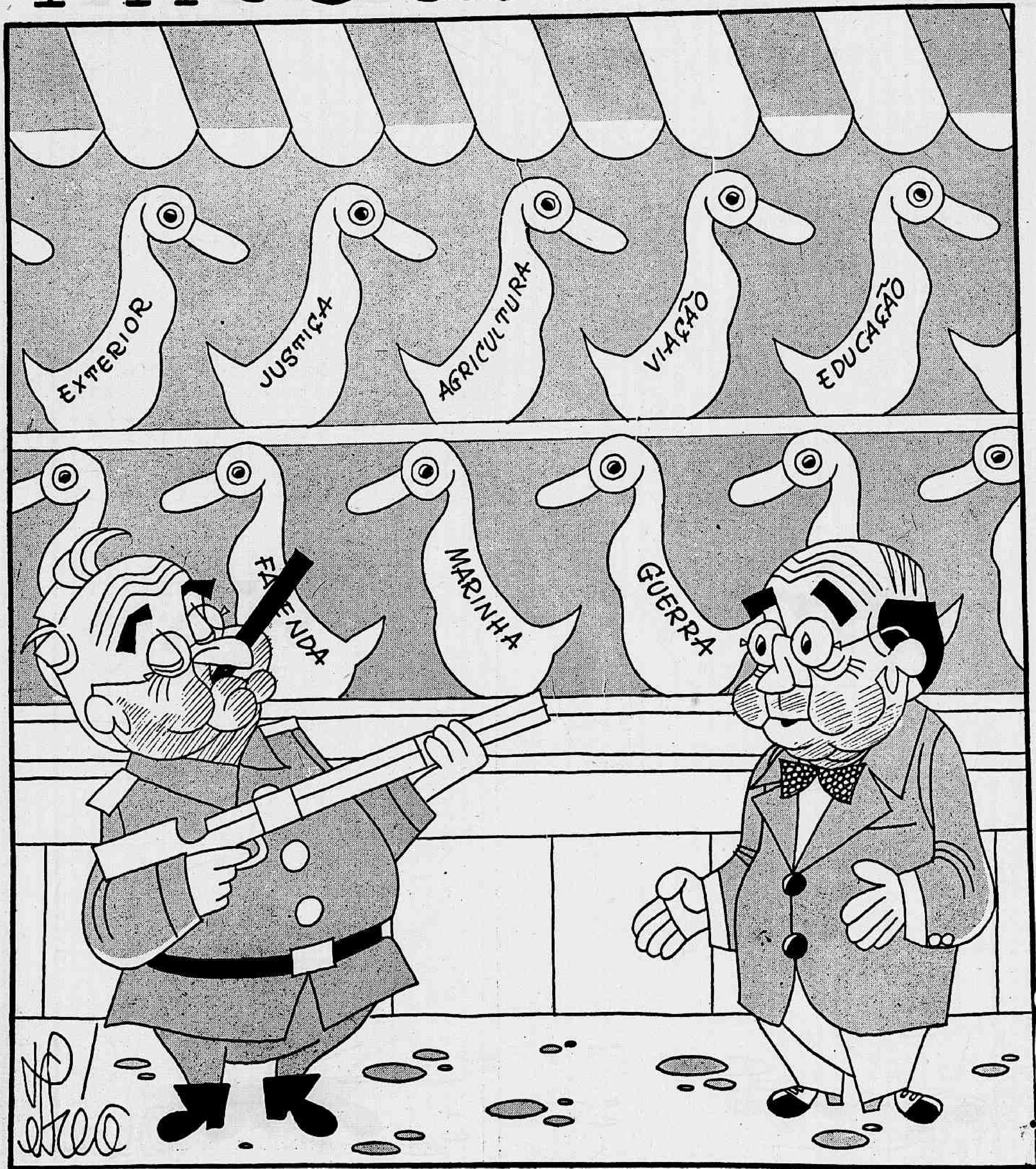
★

"O EXEMPLO" E "ILUMINADO"

O leitor encontrará na página 48 a continuação do conto "O Exemplo", cujo início está na página 27. E na página 44, encontrará, também, a continuação do conto "Iluminado", cuja introdução vai na página 34.

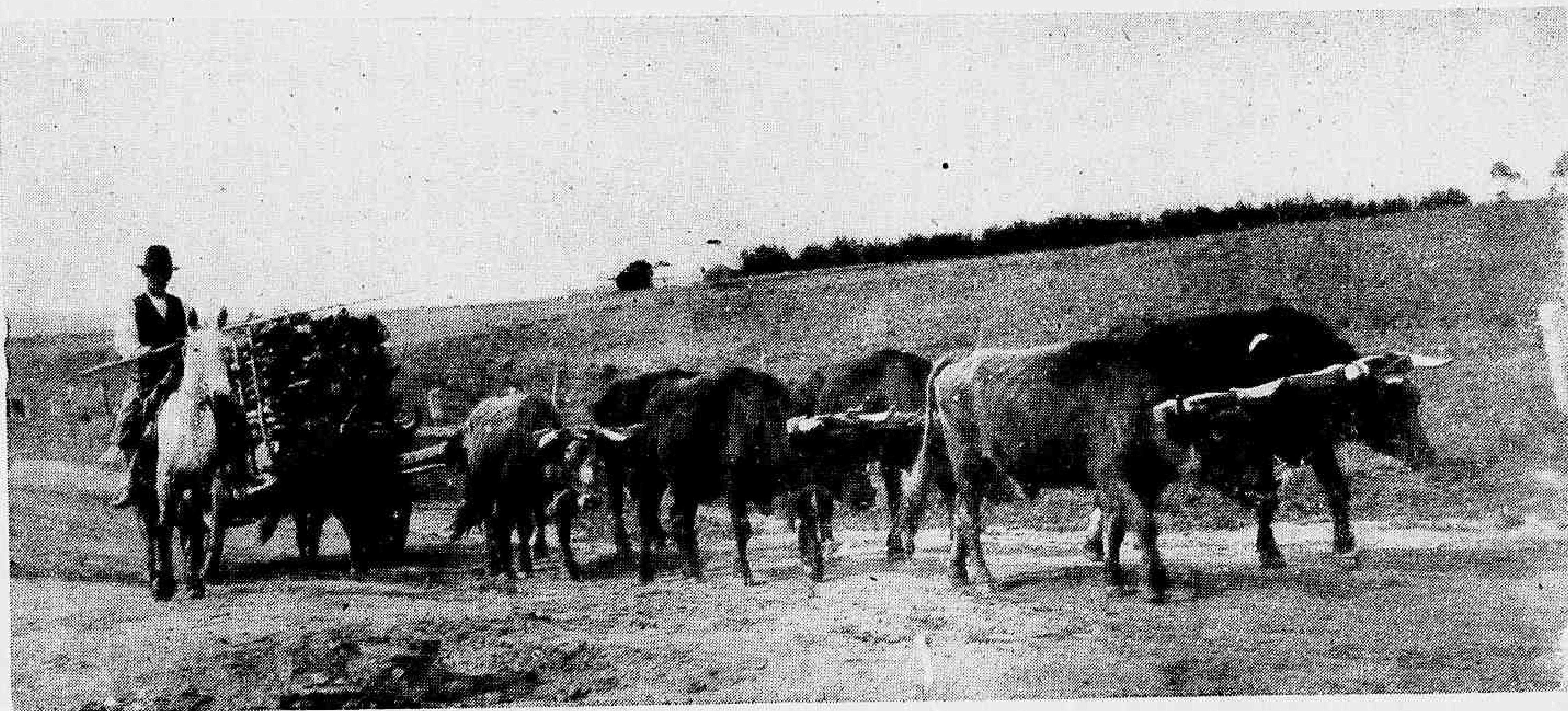
Por um lapso de revisão essas indicações deixaram de fazer-se nos locais respectivos.

TIRO do ALVO



NEREU — QUAL SERÁ O PRÓXIMO?
GETÚLIO — EU MESMO NÃO SEI. ÀS VÊZES ATIRO EM UM E ACERTO EM OUTRO...

ANO LI • N.º 39 **REVISTA DA SEMANA** 29 - 9 - 1951



Longe do Pago

ÊLE veio devagar, arrastanto as alpercatas rasgadas, arfando, sentindo uma dor aguda no peito. Andou mais um pedaço e teve de parar. Tossiu um pouco, passou as costas da mão grossa pelos lábios, depois recomeçou a trajetória. Onde iria? Sabia apenas que estava longe do pago, mas, onde iria? Isso era pergunta que só Deus tinha poder para dar resposta.

O vento uivou numa travessa e a chuva recomeçou a cair, fria, impiedosa, lavando as ruas negras, fazendo as luzes se duplicarem no chão. A chuva caia, molhando a camisa rasgada, as bombachas rasgadas, tudo que êle vestia e que era rasgado. Lá no pago a coisa era diferente. Sempre bombacha boa, chapéu de barbicacho, desabado nos olhos, chilenas choradeiras, rebenque enfeitado de prata, bota lustrosa, e um lenço bonito para as pencas de domingo... Quanta coisa boa tinha lá fora, não contando comida farta e que deixara "porque sim, no mais"! Burrada vir para a cidade. Mas, aquêle homem tinha uma fala, que se cobra falasse quando atrai passarinho, essa fala seria igual a daquele homem.

— Cidade é riqueza, dinheiro, roupa fina, casas grandes, tudo bom e fino e rico. Fartura, dinheiro, senhoria!

★

Veio-lhe uma vontade de gritar, gritar pelas ruas adormecidas no silêncio onde só a chuva falava, gritar para as portas fechadas, para a luz irritante dos focos bojudos, para tôda a cidade. Gritar:

— Cidade? Chô égua!

Tossiu. Sentiu falta de ar, o peito apertado como se houvesse sôbre êle as patas de um cavalo. Onde estava? Não sabia o nome da rua, nem da cidade, nem de nada. Nesse momento esqueceu tudo. Ficou parado com as mãos no peito, tentando tirar aquela coisa de cima, que pesava e doia tanto. Seus olhos deixaram de ver as luzes brilhando no chão, nos postes, nas gôtas da chuva, nos vidros das portas. Não via rua, nem casa. Parecia ter ficado cego para tudo aquilo que o rodeava, mas seus olhos continuavam a ver. Estava vendo, sim, aquêle cinamomo na frente do rancho onde amarrava as rédeas do picaço, os companheiros chimarreando no galpão, a cachorrada aos gritos correndo uma mulita, fuçando na beira da toca, uma gaita suspirando uma valsa qualquer e um sossêgo doce e manso se espalhando por tudo.

Via, não a rua deserta e molhada, mas o campo verde, o sol brilhando na sanga, uma viuvinha tremendo no fio do aramado, um carancho engarupado no galho mais alto de um molho, e muita gente tocando uma tropa corredor à fora. Isso acontecera há muito, mas não estranhava que lhe voltasse à memória, agora tão emperrada. Fôra sua primeira tropeada. Depois relembrou um baile, mas perguntou-se por que os pares dançavam tão depressa e os músicos tocavam assim, meio tortos nos bancos. Sabia que não conhecia ninguém e estava ansioso por não enxergar o rosto de Rosaura.

E a vida, a bela vida de antes, não esta miséria de agora, que não era vida nem nada, passou-lhe pelo pensamento, num entrevêro de gente e de lembranças.

Tossiu. O ar faltou, mas as imagens sucediam-se, agora com mais rapidez. Uma vez quase morrera afogado no Passo do Cemitério. Passo excomungado! A ânsia aumentou e o coração, aos pulos, aumentava a realidade da lembrança. Quase morrera afogado... Sua roupa estava molhada! Tossiu de novo. Ânsia! Desespêro! Bracejou, aflito.

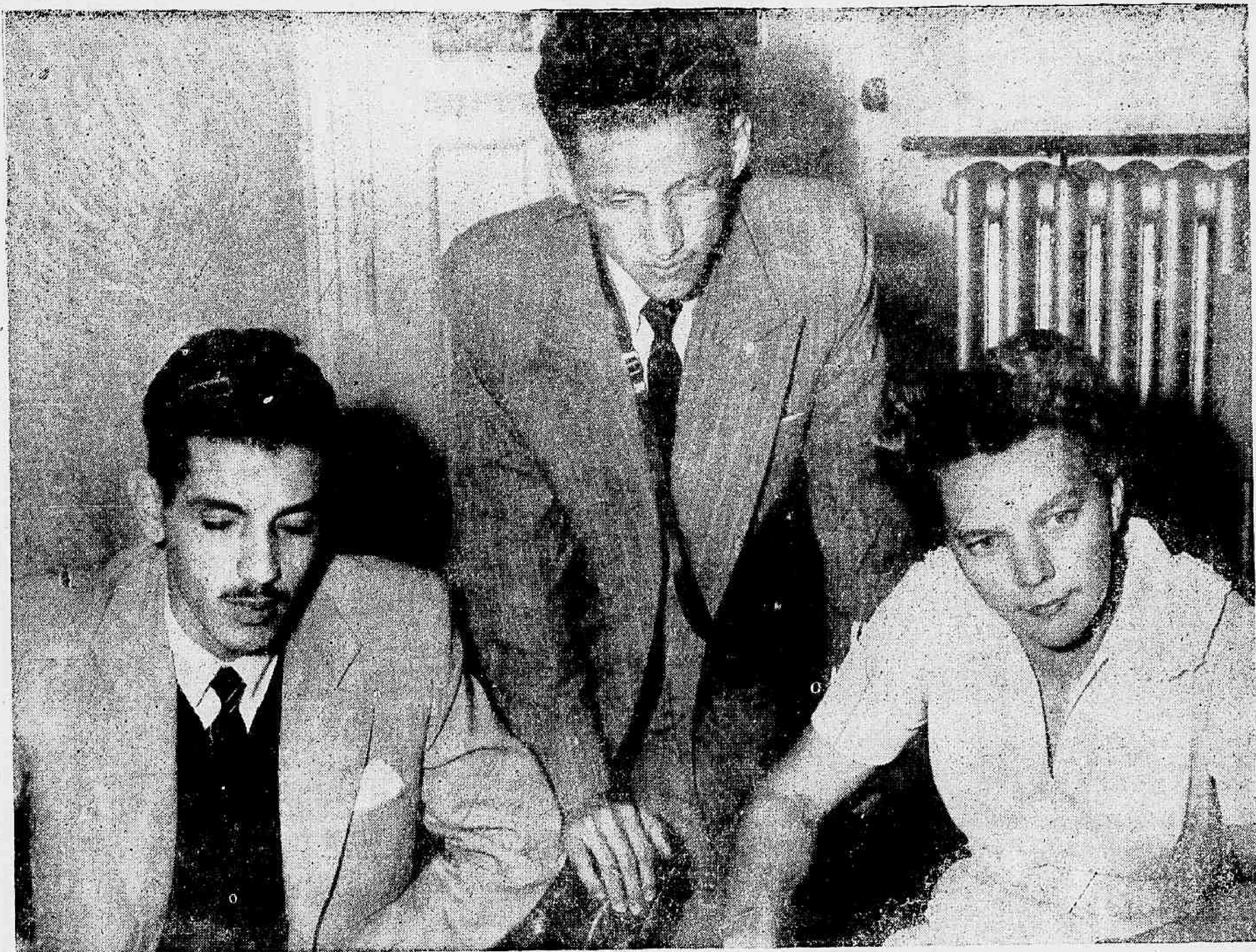
— Mamãe velha, me acuda!

Levou a mão ao peito e estirou-se de bôrco na rua dura e molhada.

THEREZA DE ALMEIDA



OS TRÊS BRAVOS ESTUDANTES BRASILEIROS, JUNTO AO PAVILHÃO NACIONAL, CUJA HONRA ÊLES DEFENDERAM DENTRO DA CORTINA DE FERRO SOVIÉTICA — POR OCASIÃO DO COMICIO NA ESCADARIA DO TEATRO MUNICIPAL.



AINDA EM FRANCFORT, quando ali se refugiaram, abandonando a concentração da juventude comunista em Berlim, descansam e aguardam seu regresso ao Brasil. O dinheiro que receberam em Francfort, para a viagem de volta, não bastava. Soane Nazaré de Andrade tem 21 anos, Taciano Cordeiro 27, e Carmen Ribeiro, 25. Por grandes preocupações êles passaram.

ELES FUGIRAM DA "CORTINA DE FERRO"

O MAIS COMPLETO RELATO DA EXTRAORDINÁRIA AVENTURA VIVIDA POR SOANE NAZARÉ DE ANDRADE, CARMEN RIBEIRO E TACIANO CORDEIRO ★ O QUE FOI A VIAGEM DOS TRÊS JOVENS BAIANOS ★ O ACAMPAMENTO DE GÊNOVA E A BELEZA DA PAISAGEM AUSTRÍACA ★ VIENA, CIDADE SEM MÚSICA ★ FOME NA TCHECOSLOVÁQUIA ★ AMBIENTE DE ÓDIO EM BERLIM ★ COMO DECORREU O "CONGRESSO DA PAZ" ★ BRASILEIROS ATACAM O BRASIL E RECEBEM INSTRUÇÕES NUM HOTEL QUE TEM O ESTRANHO NOME DE "HOSPÍCIO HOTEL" ★ COMO SE DEU A FUGA ★ NO BRASIL

De ANTONIO ARLINDO

A notícia teve, logo de início, enorme repercussão em todo o Brasil: quatro estudantes brasileiros tinham rompido a "Cortina de Ferro" e abandonado a delegação brasileira dos participantes do "Congresso da Paz", que os comunistas realizavam em Berlim. Soane Nazaré de Andrade, Carmen dos Santos Ribeiro e Taciano Cordeiro eram os seus nomes. Todos os três da Bahia. Os telegramas não davam informações detalhadas. Estavam em Frankfort, sob os cuidados do consulado brasileiro. Foi preciso que os três jovens chegassem ao Rio, para que se soubesse de sua longa odisséia.

Na madrugada em que o avião os trouxe da Europa, o aeroporto do Galeão estava cheio de gente. Os estudantes do Rio prepararam uma recepção condigna para os seus colegas, tendo a UNE, a UGES e a ALA congregado muitos elementos da classe estudantil, com faixas, cartazes alusivos e foguetes, para as boas-vindas aos três estudantes baianos. O ministro da Educação, Sr. Simões Filho, compareceu pessoalmente ao aeroporto, a fim de dar mais brilhantismo ao ato. Logo à descida dos estudantes, os seus colegas do Rio entoaram o hino nacional, num momento de grande vibração patriótica.

Soane, Carmen e Taciano contaram, à reportagem da REVISTA DA SEMANA, todos os pormenores de sua viagem e de sua fuga. E esta é a história que vamos transmitir, hoje, aos nossos leitores.

A PARTIDA DA BAHIA

Quem fala, de início, é Taciano Cordeiro:

— Sempre fui compreensivo em relação ao comunismo. Quando iniciaram o movimento para levar alguns universitários baianos a Berlim, para o Congresso da Paz, disse a um dos que eu sabia fazer parte do corpo dirigente dêsse movimento, perguntando-lhe se não havia uma vaga para mim. Com surprêsa minha, recebi, à noite, a comunicação de que eu poderia ir. As perspectivas eram muito boas. Por 10 mil cruzeiros, teria viagem de ida e volta, passando por Gênova, Milão, Viena, Praga e Berlim.

Soane e Carmen ingressaram na delegação da mesma forma. Carmen explica:

— De nós três, eu era a única simpatizante do comunismo. Costumava vender rifas para êles e tinha mesmo confiança em que o comunismo viria resolver a situação do mundo, em-



NO COMÍCIO das escadarias do Municipal, o comício se estendeu até noite fechada, usando da palavra os três estudantes e outros colegas solidários com a sua brava atitude.



DANDO UM EXEMPLO de amor à Pátria e grande ardor cívico, Taciano, Carmen e Soane fizeram despertar, na alma da mocidade brasileira, um espírito mais forte de patriotismo.

bora nunca tenha querido entrar para o partido.

E Soane acrescenta:

— Como todos três estudamos Direito e estamos no mesmo ano, seria uma alegria viajarmos juntos, conhecermos a Europa, coisa que só as pessoas ricas conseguem fazer.

— E' verdade que o governador Régis Pacheco custeou parte da viagem da delegação brasileira ao Congresso de Berlim Oriental?

— Não, o govêrno do Estado da Bahia não teve a menor interferência no assunto. O máximo que sei é que os organizadores do movimento pensaram em pedir êsse auxílio, mas o assunto não chegou a se concretizar.

— Quantos embarcaram em Salvador?

— Cêrca de vinte estudantes da Bahia e mais alguns de Pernambuco.

— A viagem por mar foi agradável?

E' Carmen quem responde:

— Muito. Descemos em Las Palmas, pertencente à Espanha, paramos em Cannes, onde desceriam alguns passageiros e fomos até Gênova, que era o fim de nossa viagem marítima.

EM TERRAS DA EUROPA

— Qual foi a primeira impressão que tiveram da Europa?

— A pior possível — responde Soane. — Assim que chegamos a Gênova, disseram-nos que teríamos de ir para um acampamento situado a 30 quilômetros da cidade, onde se encontravam outras delegações. E surgiu uma moça, que dizia ser a nossa chefe. Quando saímos da Bahia, tinham-nos dito que a reunião não teria um caráter político. Seria apenas o congraçamento dos jovens que desejassem a paz para o mundo. Quando aquela moça afirmou ser a nossa chefe, protestei, porque achei que deviamos eleger, para os cargos de chefia, aquêles em quem confiássemos. Deviamos fazer uma eleição democrática. Quando me asseveraram que ela possuía a confiança do partido, minha revolta foi ainda maior, porque nada tinhamos a ver com partidos.

— E que tal a vida no acampamento?

— Péssima — responde Carmen — Estávamos na Europa e não estávamos na Europa. Fomos levados de



NÃO ERAM APENAS estudantes as pessoas que se aglomeravam na Praça Floriano, mas representantes de tôdas as classes sociais, num exemplo vivo de exaltação cívica. Todos desejavam ouvir a palavra autorisada dos rapazes que tão bem souberam honrar, em terras comunistas, o nome do Brasil, escrevendo uma página de vitalidade que jamais se esquecerá.



NO PALÁCIO DO CATETE, os acadêmicos bahianos são recebidos pelo Presidente da República, que lhes dirige palavras de reconhecimento pela heróica atitude assumida na zona soviética. Em baixo, os mesmos ladeiam o professor Simões Filho, Ministro de Educação e conterrâneo dos representantes da indômita terra da Bahia, de onde sairam.



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE NOME SE DÁ A UMA PESSOA QUE PODE SERVIR-SE COM AMBAS AS MÃOS, COM ABSOLUTA EFICIÊNCIA:

Ditirâmbica?
Ambidestra?
Ambigua?

2 — QUE QUER DIZER VOZ ANSERINA:

De barítono?
De ventríloquo?
Semelhante ao grasnar do pato?

3 — COMO SE CHAMA A UMA PESSOA SEM BRAÇOS:

Anódina?
Anquilosada?
Anólena?

4 — UM SINÔNIMO DE INAPETÊNCIA:

Anorexia?
Esquisofrenia?
Distrofia?

5 — QUE QUER DIZER «CALIGEM»:

Cegueira pela cal?
Poeira de fornos?
Nevoeiro espesso?

6 — QUAL O ANIMAL QUE «COAXA»:

A rã?
A cobra?
O urso?

7 — QUEM PAGA «DIZIMO», QUANTO DEVE PAGAR:

Uma contribuição livre?
Uma décima parte dos vencimentos?
Ou dez vêzes por ano?

8 — QUE NOME TEM O ENCÔSTO DAS CADEIRAS:

Espaldar?
Dossel?
Dormideira?

9 — QUE QUER DIZER «FÊZ»:

Sandálias egípcias?
A pia das igrejas?
O barrete turco?

10 — QUAL É O PLURAL DE «GUARDA-PÓ»:

Guarda-pós?
Guardas-pó?
Guardas-pós?

11 — DE QUE MINERAL É COMPOSTA A «MARCASSITA»:

Sulfato de magnésio?
Sulfeto de ferro?
Carbonato de cálcio?

12 — COMO SE CHAMA A PESSOA NASCIDA NA ILHA DE MARAJÓ:

Marajá?
Marajoara?
Marijoana?

13 — UM SINÔNIMO PARA A PALAVRA «IMPAR»:

Nunes?
Cândido?
Calmo?

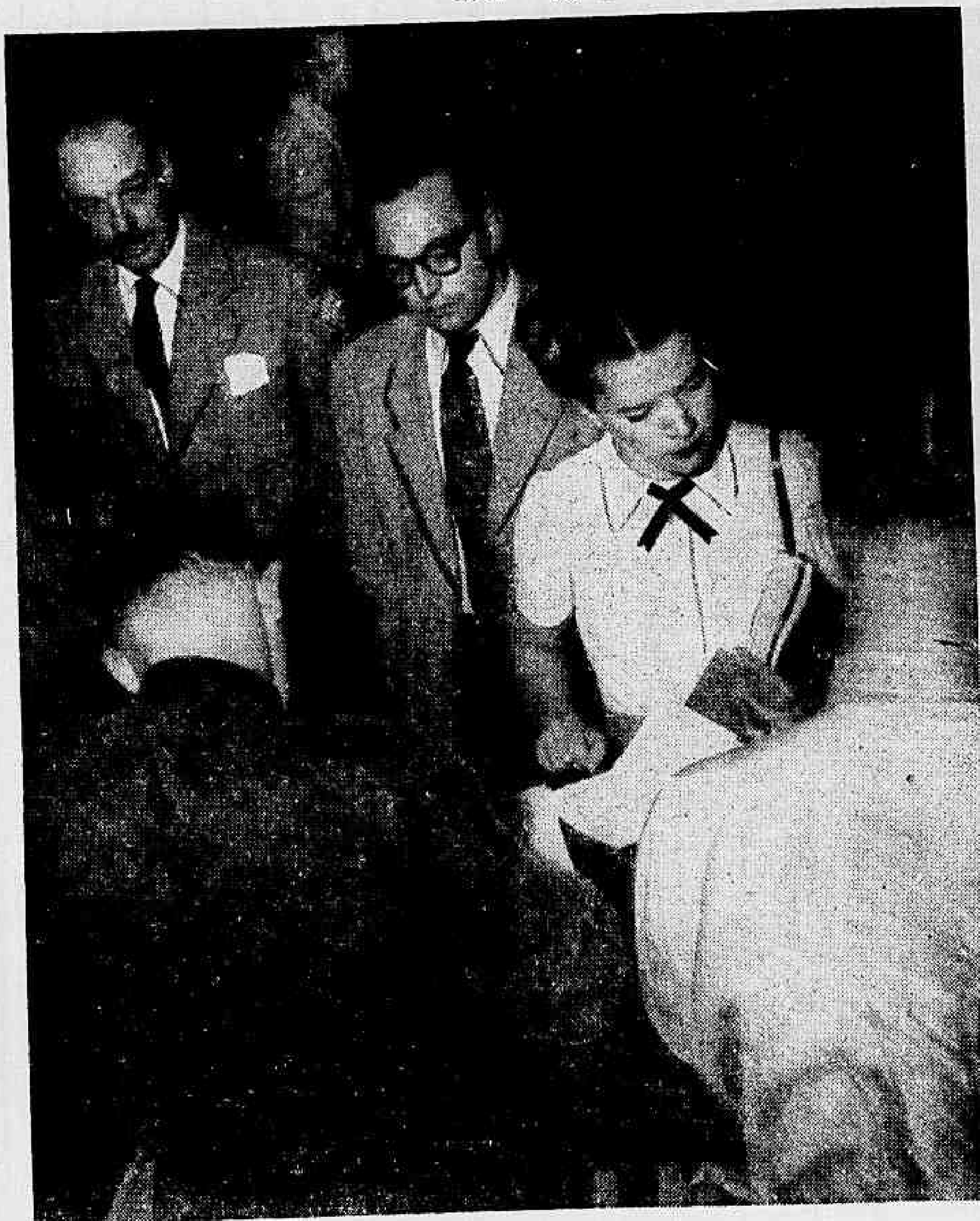
14 — QUE QUER DIZER «ORDENHAR»:

Guardar vacas em estábulos?
Tirar leite?
Vigiar o gado no campo?

15 — QUE NOME SE DÁ À LUZ AZULADA QUE, EM NOITES DE TEMPESTADE, SURGE, ÀS VÊZES, NO TÔPO DOS MASTROS DOS NAVIOS:

Fogo fátuo?
Constelação?
Fogo de Santelmo?

(Respostas na pág. 47)



CARMEN RIBEIRO, ainda em Francfort, momentos antes de embarcar, mostra seus documentos, que ela e seus companheiros rehaveram dos comunistas de Berlim com grande dificuldade.

caminhão até ao sopé de um morro, onde descemos e tivemos de subir até ao alto. Passamos quatro dias lá em cima. Dormíamos em barracas incômodas e comíamos muito mal.

Taciano Cordeiro toma, então, a palavra:

— De Gênova, fomos a Milão, onde ficamos à espera do trem que nos levaria a Viena. Guardarei sempre na memória uma das paisagens mais lindas, que já vi: é a do interior da Áustria. A impressão que se tem é a de um verdadeiro cartão-postal. Ficamos os três olhando pela vidraça do trem, enquanto a paisagem lá fora se desenrolava, numa sucessão de imagens cheias de beleza. Nós três ficamos juntos o tempo todo, porque, sendo da mesma delegação e estando unidos pelo mesmo propósito de ver de perto o que o comunismo estava realizando de bom na Europa, gostávamos de comentar o que víamos. Nesse trem para Viena, atravessamos a fronteira da Zona Britânica com a Zona Soviética. Um soldado russo entrou no compartimento e houve uma grande confusão, porque os chefes da delegação brasileira não conheciam a senha e quase que não nos foi permitido continuar viagem. Mas a delegação canadense, que viajava conosco, deu as necessárias explicações e tudo acabou bem.

VIENA, CIDADE SEM MÚSICA

Chegamos, finalmente, a Viena.

— Quanto tempo passaram na capital da Áustria?

— Quatro dias.

(*Cont. na pág.* 50)



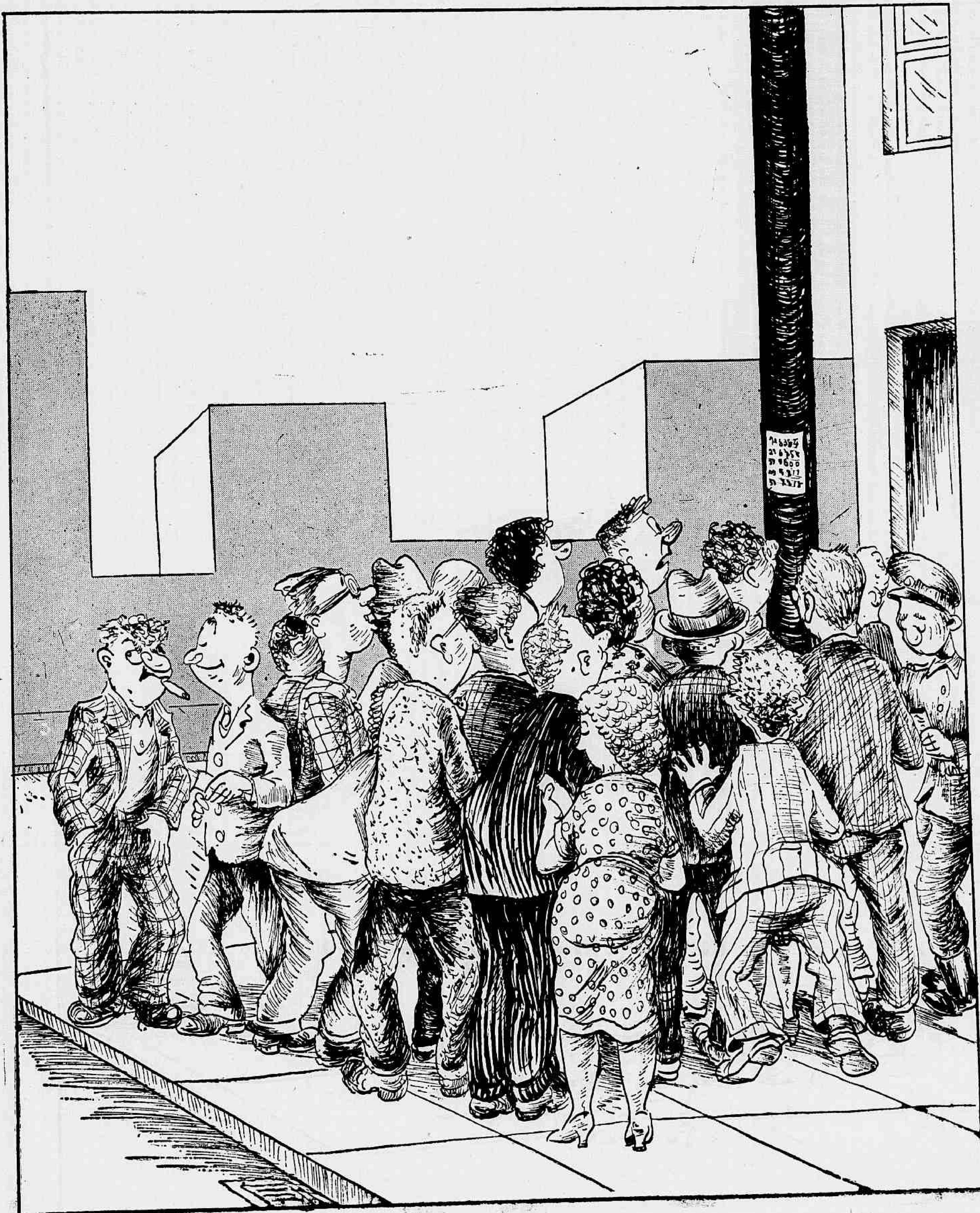
FINALMENTE NO BRASIL, salvos e dispostos a intensificar uma forte campanha anti-comunista em todo o país. Neste momentos êles se encontram na Bahia, depois do dever cumprido.

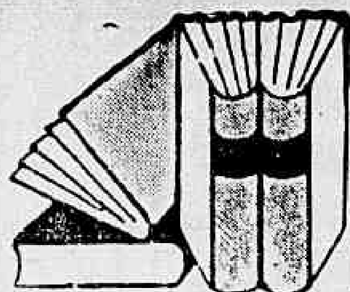
ESTE MUNDO E O OUTRO

CREAÇÃO DE **DARCY**

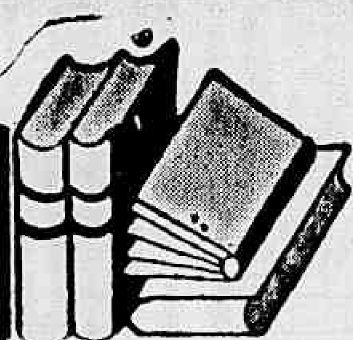
CIDADE MARAVILHOSA

16 - PROIBIDO O JÔGO DO BICHO





SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



PAULO SÉRGIO

PAULO SÉRGIO, cujo livro de poemas acaba de aparecer, com o título — "Procura da Eterna Caminhada", nasceu em S. Paulo em 1930. Desde logo se tornou um dos líderes de sua geração, pelo talento criador e por sua bela cultura. Seu livro, edição do Clube de Poesia, revela uma vocação lírica extraordinàriamente dotada. Publicado dois anos após o falecimento prematuro do poeta, representa um tributo do jovem grupo de São Paulo a uma das mais fortes expressões de sua geração. O título dêste livro que se lê com ternura e melancolia, com a tristeza que nos dá o desaparecimento de uma voz significativa de nossa poesia — foi escolhido por Cassiano Ricardo. (Desenho de Darcy Penteado, no pórtico do volume).

A Gioconda

(de LEONARDO DA VINCI)

CARLOS PELLICER

Século XVI! Coube-lhe a glória
do triunfo que se universaliza
através do sorriso, ó Mona Lisa,
que as portas te abre, par em par, da História.

Sorris, ao pressentir tua vitória,
com clara previsão de profetisa.
Tua expressão, hermética e concisa,
tornará imortal tua memória.

Com o sinal-da-cruz de tuas mãos
contrastam os teus olhos cortesãos,
em cujo brilho a brejeirice vejo.

E, ante o teu mudo e singular sorriso,
quem te contempla — queda-se indeciso
se há de erguer-te um altar ou dar-te um beijo...

(Tradução de MANOEL MOREYRA)

NOTA: — Publicada nesta página, há tempos, o admirável sonêto de Carlos Pellicer, no original castelhano, provocou uma primorosa tradução que também inserimos aqui, de autoria de Xavier Júnior. Hoje, divulgamos outra tradução, também excelente, de autoria do poeta Manoel Moreyra.

NOTICIAS DE SÃO PAULO

Hélio Augusto Ribeiro, de Rancharia, Estado de São Paulo, publica o seu primeiro livro de versos, sob o título: "Mensagens". Trata-se de uma obra de caráter lírico, onde o seu autor dá vazão aos seus sentimentos pátrios e ao seu apêgo à terra e às belezas naturais.

★

★ *Chega de Marília*, jovem cidade do interior do Estado, mais um número do jornal literário: "Caiçara". Destacamos as colaborações dos seguintes escritores: Lauro Vargas, João Mesquita Valença, Nidoval Reis, Bueno de Rivera, Cyro Pimentel, Mauro Rubens, Flávio Sampieri, Mário de Souza, José Escobar Faria, Lycio Neves, Afrânio Licínio de Miranda, Otávio Melo Alvarenga, Geraldo Vidigal, Reynaldo Bairão.

★

★ *Máximus Bernardus*, poeta paulista da mais nova geração, lançou recentemente o seu livro de estréia, intitulado: "Procura". Êste escritor já tem no prelo: "Autêntica Existência", obra poética, prestes a sair.

★

★ *Isolina Portugal* reuniu um grupo de escritores em sua residência. O motivo da reunião foi o concêrto do pianista campineiro Orlando Fagnani, que executou maravilhosamente os compositores contemporâneos: Poulenc, Debussy, Prokófieff, Manuel de Falla, Turina, Tedesco, Villa-Lobos. Entre os presentes anotamos os nomes dos seguintes intelectuais: José Geraldo Vieira, José Escobar Faria e sra., Maria de Lourdes Teixeira, Darcy Penteado e Reynaldo Bairão.

★

★ *Enquanto Fernando Nobre* foi eleito membro da Academia Paulista de Letras, Haroldo de Campos, autor do "Auto do Possesso", prepara um novo livro de versos. Décio Pignatari também prepara um novo livro de versos. A safra poética, aqui em São Paulo, promete ser das melhores lá para os fins de 1951.

★

★ *Sérgio Milliet*, em breve, lançará a sétima série do seu "Diário Crítico". O conhecido escritor trouxe de Paris alguns poemas em prosa dignos de publicação em livro, uma vez que êle se renova espantosamente.

★

★ *O livro* "Passaporte Lacrado", de José Geraldo Vieira, será todo ilustrado por Elizabeth Nobiling. Trata-se da estréia dêste grande romancista como poeta. E como um dos nossos poetas mais sérios contemporâneamente.

★

★*Realizou-se* em São Paulo mais um Congresso Paulista de Escritores. Êste congresso prepara o campo para o IV Congresso Brasileiro de Escritores, a ser realizado depois do dia 20 de setembro próximo, em Pôrto Alegre.

★

★ *Antonieta Dias de Morais*, autora de um livro de poemas chamado: "Gôta no Rio", está preparando uma nova obra, ainda sem título definitivo. Dizem que, nêste segundo livro de versos, Antonieta Dias de Morais, se renova completamente, utilizando-se não só de um intenso lirismo, porém, ainda, versando problemas de ordem puramente social. Aguardemos.

★

★ *Em concêrto* a ser realizado em Belo Horizonte, a sra. do Vice-Governador de Minas interpretará peças da compositora paulista Dinorah de Carvalho. Segundo consta, trata-se de uma grande artista, possuidora de uma belíssima voz e de uma vasta cultura musical.

★

★*Em princípios* de outubro, o poeta Reynaldo Bairão realizará uma conferência em Campinas, Estado de São Paulo, subordinada ao tema: "Evolução da Música Contemporânea". Agora em setembro Reynaldo Bairão irá a Minas, numa caravana cultural, a fim de realizar em Belo Horizonte a sua anunciada palestra sôbre "A Poesia Nova Brasileira".

★

★ *Almir Mavignier* está expondo na sala pequena do Museu de Arte Moderna. Êste artista, que reside no Rio de Janeiro, vem pela primeira vez a São Paulo expor a sua mais recente produção artística.



«São Paulo — Av. São João» — Desenho de Darcy Penteado, exposto no Salão dos Artistas Plásticos de São Paulo, em 1948.

★ *E, por falar* em Museu de Arte Moderna, informam os jornais que o Ministério da Educação, Artes e Ciências da Holanda escolheu 45 telas de pintores contemporâneos dos Países Baixos, que deverão figurar na exposição internacional de artes plásticas (Bienal), a ser realizada em São Paulo, de outubro a dezembro de 1951.

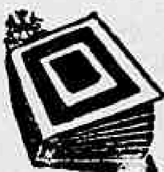
★

★ *Na Galeria Domus* inaugurou-se a exposição de cerâmicas de Robert Tatin, conhecido artista francês. O "vernissage" foi um acontecimento artístico-social digno de registro.

★

★ *A convite* do secretário da Segurança Pública, e sob o patrocínio da revista "Investigações", o prof. Jacques Bernard-Herzog, procurador da República da França, realizou uma conferência subordinada ao tema: "A instrução criminal na França".

NA POEIRA DOS ARQUIVOS...



EXALTANDO o grande Herluf Winge — amplamente ignorado entre nós... — disse muito bem Carlos Couto, págs. 24 e 25 da introdução às "Memórias sôbre a Paleontologia brasileira", de Peter Wilhelm Lund, Rio, 1950 primorosa edição do Instituto Nacional do Livro: "Muito significativa é a atitude do sábio classificador do material osteológico coletado por Lund para com êste venerando vulto da ciência. Apesar de lhe ser superior em conhecimentos, tendo de corrigi-lo e contrariá-lo muitas vêzes, Winge nunca se lembrou nem de leve, de desdourar a justa glória do benemérito ancião de Lagoa Santa, tratando, antes, de atenuar e desculpar suas falhas. "Êste, sim, é o "sábio verdadeiro, o justo, o forte"! ★ NO "DICIONÁRIO" de Silva Bastos o que, poderosamente, causa impressão inesquecível é a vigorosa clareza das definições. Aos olhos e ao entendimento seus verbetes oferecem nitidez solar! E quem, como nós, trabalhou (ou trabalha) em organização de calepinos, sente o mais sincero entusiasmo pela obra vitoriosa de Silva Bastos. ★ ÀS VÊZES, distrações *— notem que o têrmo é delicado... — distrações de autores paracem linguagem de sambistas ou de jogador de futebol... No livro "Roma Pagã", do dr. João Henrique, Livraria do Globo, Pôrto Alegre,* 1935, *pág.* 166, *há coisas incríveis como estas: "... pouco depois* foram tiradas *também aos colégios sacerdotais* o direito *de eleição de seus membros".* Foram tirados o direito *é falta não apenas de equidade, mas especialmente de gramática primária dessas que até os modernistas compreendem...*

(JOTAGÊ



A canção das fontes

O escritor Marques Gastão que nos manda de Lisboa o seu livro de contos: — «A Canção das Fontes».

LETRAS MINEIRAS

★ ESTÃO AGITADOS os círculos literários de Belo Horizonte com a sensacional disputa da cadeira, agora vaga pelo falecimento do glorioso escritor Godofredo Rangel. Até o momento, o candidato inscrito, com vigoroso apôio, é o poeta Nilo Aparecida Pinto, figura de realce na poesia brasileira contemporânea. Fala-se que será também candidato o Bispo de Montes Claros, D. Antônio Morais. Sua candidatura não é, contudo, provável. Segundo a opinião da imprensa e de intelectuais, não ficaria bem ao conhecido orador sacro concorrer sem a segurança da vitória, na sua qualidade de Príncipe da Igreja. Outro argumento forte é que sua candidatura só seria aconselhável caso obtivesse unanimidade de votos. Isto porque à obtiveram outras duas grandes figuras da Igreja: D. Aquino e D. Silvério, quando candidatos à Academia Brasileira. Concorrendo a uma Academia de menor significação, D. Antônio certamente aguardará situação em que possa obter unanimidade em sua eleição.

★ JÁ ESTÁ NAS livrarias da Capital o livro do sr. Benedito Valadares. O «Esperidião» é assunto de tôdas as rodas e vem sendo recebido com grandes elogios nos jornais e nas ruas. Também o livro está conseguindo esplêndido êxito comercial. Vê-se, a cada momento, na Avenida Afonso Pena, passar o volume do sr. Benedito Valadares, conduzido por literatos, políticos e funcionários públicos.

POEMA

(De MARIA JOSÉ DE CARVALHO)

Sejamos lentos, sem resaibo,
Sem desperdício, multiplicados.
Que a erva daninha nos invada.
Terá poder de asfixia?
O trêvo é lindo e delicado
E a água entre as le'ras
Para nós será doce murmúrio.
Papoulas de sangue poderemos [ser,
Ou, para o ledo pássaro, ali- [mento
Qual a madura nêspera.
Não será o múltiplo caminho [da unidade?

FORA DO PRELO

AUTO DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA — Nilo Bruzzi — Serviço Nacional de Teatro — Rio — Em bonita edição do Serviço Nacional de Teatro aparece, na coleção «Dionysos», esta peça em dois atos, comemorativa das festas centenárias da capital do Espírito Santo. Trata-se, como o título indica, de um auto medieval e o autor, um belo poeta, apresentou obra que faz honra ao seu talento e ao acontecimento comemorado.

A peça, que o S.N.T. em boa hora lançou em livro, é do maior merecimento, tanto do aspecto teatral, como do literário e do histórico. Os versos que entremeiam as falas são trabalhados com grande lavor técnico e, sempre, de grande espontaneidade de inspiração.

Estamos, assim, a ver aqui que a terra de adoção do poeta do «Luar de Verona» realmente é a cidade do seu afeto mais terno, aliás como êle próprio o confessou. Êste é o ramo de flores que seu amor filial lhe levou por sua festa.

★

POEMA DA ETERNA CAMINHADA — Paulo Sérgio — Clube de Poesia — São Paulo — Aparece na série de cadernos que o Clube de Poesias de São Paulo vem editando postumamente, esta coleção de poemas de Paulo Sérgio, o jovem poeta paulistano morto na flor dos anos.

Paulo Sérgio Milliet Duarte da Costa nasceu em 1930 e faleceu antes de completar vinte anos, em 1949. Inteligência precóce, desde cêdo voltado para os interêsses do espírito, todos os seus companheiros, mais velhos do que êle, reconheciam nesse menino que escrevia versos, não apenas uma impressiva vocação poética mas, ao mesmo tempo, uma cultura apreciável em jovens de sua idade.

Filho de um grande poeta e escritor, Sérgio Milliet, Paulo encontrou no pai, naquêle ambiente de bom gôsto e inteligência de sua casa, na bibliotéca paterna, tudo aquilo que solicitava sua vocação. Assim, desde cêdo se fêz notar, cheio de personalidade e de inspiração, através de poemas que, embora fossem a madrugada de seu talento, nos deixam sentir o quanto perdemos nêle.

Agora sai o seu livro, o livro que êle não teve tempo de fazer e que o carinho de seus amigos vem de publicar. Ao par de outras qualidades sensíveis desta poesia, cumpre salientar, em sua musa, umas notações de humor, amargas, sim, como todo humor, sem complacência com a anedota ou com o jôgo de palavras — que foram cacoetes da geração de 22.

Enfêrmo, sentindo a vida esvairse sem que pudesse realizar-se, é justo que seus tons sejam carregados, que sua voz se repasse, sempre, de invencível melancolia. Assim, tanto mais é de admirar que êle tenha resistido ao sentimentalismo, tenha se furtado ao comprazimento ostensivo da dor, permanecendo naquela zona de pureza tão bem marcada por um de seus poemas, em que há êste verso de comunicativa e infinita tristeza, mas cheio de pudor:

«Melancolia vaga em noite vaga...»

Ou, então, naquela renúncia sem excessos do «Poema do Nada»:

«A noite é quase morna e sem pa- [lavras.
Novamente me perco indefinidamente
na doce sutilização do nada».

★

EÇA DE QUEIRÓS, ROMANTICO OU NATURALISTA — Berilo Neves - Rio. — Berilo Neves põe de lado suas preocupações com a **costela de Adão** e dá-nos, neste livro, um curioso estudo sôbre a dualidade literária de Eça de Queirós. O livro está repleto de elementos biográficos e críticos, constituindo amplo exame da obra e da personalidade do «pobre homem da Povoa de Varzim». Bem escrito, somando ao texto, trabalhado com espírito e com afeto, uma documentação abundante, constitui, para todo interessado no grande romancista, um presente régio a comemorar o primeiro século do mestre luso.

Acrescenta-se a isso que o livro representa melhor conhecimento de muitas particularidades do escritor e aí temos uma obra de incontestável valor e muita oportunidade, quando a nova geração, mais distante de Eça do que a nossa, que certo tempo o abandonou por atitude — está necessitando de conhecer melhor essa figura de escritor a que tanto devem as letras de Portugal e do Brasil, nesta metade de século.

O LIVRO ILUSTRADO



Mais um livro sôbre Disraeli vem de ser publicado. Trata-se de «Dizzy: the Life and Nature of Benjamin Disraeli», de Hesketh Pearson do qual esta é uma das ilustrações.

CASTRO ALVES, POESIAS ESCOLHIDAS — Instituto Nacional do Livro — Rio. — Nascem e desaparecem escolas e estilos. Surgem, com o estrondo e a rapidez dos foguetes, nomes e livros. Vêm à tona, graças a esforços de alguns dedicados, certos vultos que, afinal, voltam ao silêncio do esquecimento. Mas êsse, que soube plasmar a natureza e a sensibilidade, as aspirações e a pujança do Brasil — Castro Alves — continuará atravessando os séculos como o vate de sua terra e de sua gente. Não apequenemos a natural modéstia de nosso povo, quando falarmos dos brasileiros que, pela fôrça do gênio, se tornaram universais, conquanto profundamente nacionais. Castro Alves demonstra que atingimos às mais belas expressões do progresso mental, vale dizer, a civilização em sua plenitude criadora. E, além de tudo, êle nos representa porque representa a mocidade em seus anseios de liberdade e patriotismo.

Fêz bem o Instituto Nacional do Livro em estampar, em volume elegante, uma seleção, com prefácio e notas de Homero Pires, as «Poesias Escolhidas» de Castro Alves.

Chame-se a atenção para o fato de o prefacista ter apontado e corrigido êrros de vários antologiadores e críticos dos versos eternos do cantor bahiano. E' livro que se deve reler com o carinho consagrado a uma flor da raça.

★

PARA ALÉM DA MORTE... - Ludovina Frias de Matos — Livraria Fernando Machado - Pôrto — Já em terceira edição, os sonetos que Ludovina Frias de Matos reuniu, sob o título de «Para além da morte...» comprovam o entusiasmo da crítica protuguêsa quando apareceram. Manejando o verso com a graça dos românticos e a fidalguia dos parnasianos, embora jamais sacrificando a idéia à forma, demonstra sua autora excepcionais qualidades líricas. Não do lirismo lacrimoso e ôco, mas daquele que analisa a vida e os sentimentos através das próprias delicadezas do raciocínio. Não será exagêro reconhecer na poesia de Ludovina Frias de Matos (o volume está apresentado pela Livraria Fernando Machado, do Pôrto), grandes virtudes que a irmanam a Antero de Quental.

★

ANTOLOGIA dos POETAS BRASILEIROS DA FASE PARNASIANA — Manuel Bandeira — Instituto Nacional do Livro — Rio de Janeiro. — Prosseguindo em sua orientação, altamente benemérita, de divulgar o nome e a obra dos autores que merecem, de fato, viver em todos os tempos, o Instituto Nacional do Livro publicou, e já se encontra em terceira edição, a «Antologia dos poetas da fase parnasiana», trabalho de Manuel Bandeira, revisão crítica de Aurélio Buarque de Holanda. Os respectivos poetas são apresentados em pequena bibliografia, criteriosamente feita, vindo a seguir as produções escolhidas pelo selecionador. Não se podem negar o bom-gôsto e o bomsenso que nortearam a feitura do volume em cujo pórtico se encontra uma série de considerações de Manuel Bandeira, esclarecedora para a maioria dos leitores. A êle e ao Instituto Nacional do Livro cabem justos aplausos por mais esta realização.



AS JOVENS universitárias de Coimbra em visita à Fazenda Bela Vista, Alto de Teresópolis, em companhia de seus colegas, onde os esperava uma legítima festa campestre luso-brasileira. Houve churrasco e guitarradas, números de improviso e muitos pretextos para homenagear os ilustres visitantes, que na tarde seguinte visitavam São Paulo.

OUTRAS HOMENAGENS AOS ESTUDANTES DE COIMBRA

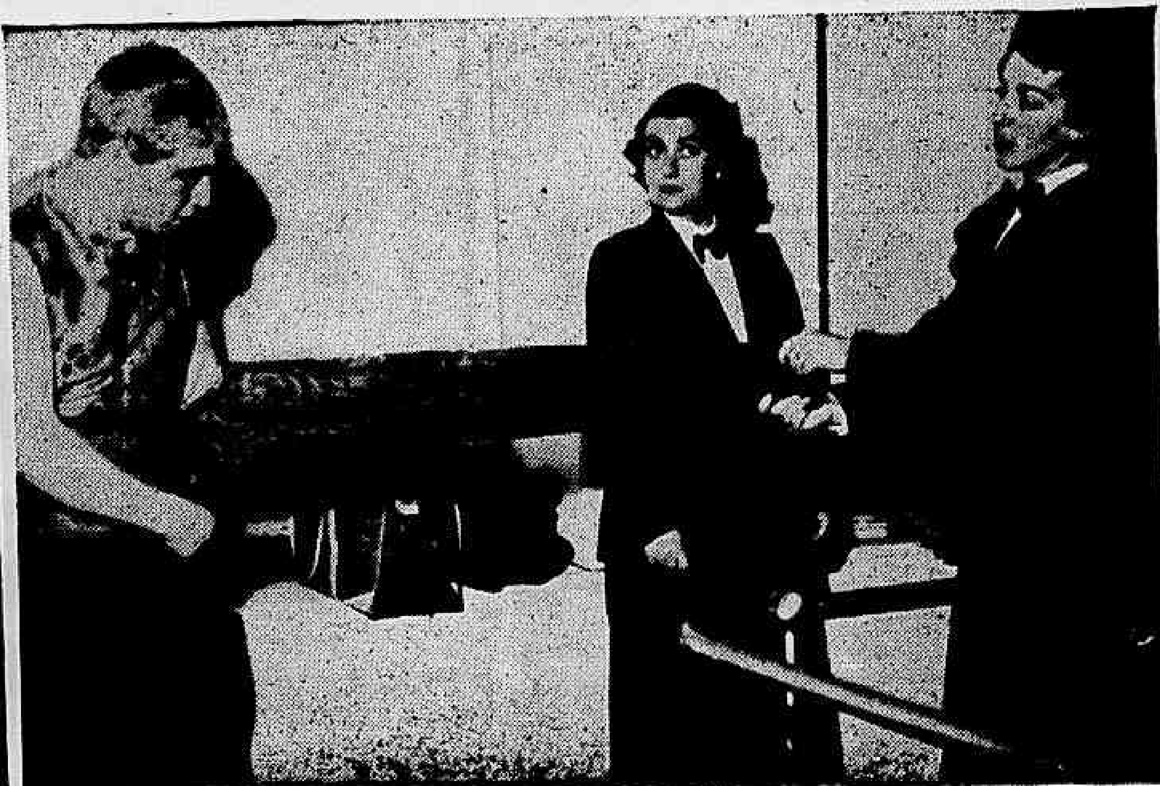
FLAGRANTES DA RECEPÇÃO NA FAZENDA BELA VISTA ★ REPETEM-SE AS HOMENAGENS NO INTERIOR DE S. PAULO ★ HISTÓRICO DO TEATRO DO ESTUDANTE ★ ONDE SURGEM CAMÕES, SÁ DE MIRANDA E ANTÔNIO FERREIRA ★ O "FADO ACADÊMICA" DE COIMBRA, BERÇO DO EMPREENDIMENTO

QUANDO fechamos os trabalhos desta edição, ainda o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra se encontra em excursão pelo interior de São Paulo, colhendo novos e fartos aplausos. E' curioso, portanto, saber alguns pormenores sôbre êsse empreendimento.

Aparecido ao público português em 1938, êsse Teatro é o continuador de uma obra educativa que vem do século XVI. Foi em 1546 que o rei



DOIS ESTUDANTES prontos para entrar em cena onde iriam representar Gil Vicente. Trata-se de simples amadores, cuja carreira teatral se encerra quando saem da Universidade.



AS JOVENS que não participavam das representações, nem por isso deixavam de desempenhar uma tarefa, auxiliando os colegas a vestir-se de acôrdo com as exigências da época.

D. João III tornou obrigatória para os estudantes de Coimbra, a representação de comédias, compostas e ensaiadas pelos professôres. Essa determinação real mostra o aprêço em que sempre foi tido o teatro como instrumento pedagógico, mais tarde muito aproveitado pelos educadores jesuitas e oratorianos.

Camões, Sá de Miranda, Antônio Ferreira e os professôres que foram para Portugal, de outros paises, Jorge Buchanan e Diogo de Teive, são os nomes mais salientes na história do teatro estudantil português no século XVI. Impulsionado pelos Reis e pelos Papas e servido pelos Mestres e alunos, o teatro ajuda a Religião e o Ensino, divulgando a Fé Cristã e exercitando os estudantes na prática da lingua latina.

Nos principios do século XIX alastra ao teatro a propaganda liberal e nos palcos de Coimbra ensaiam-se os efeitos de oratória que farão de alguns estudantes-atores os maiores tribunos portuguêses do Constitucionalismo. Agora já não era a obrigação escolar, mas um impulso espontâneo que impelia os estudantes para as representações. E o teatro foi o núcleo à volta do qual se formaram as primeiras associações de estudantes, "Academias Dramáticas", a cuja vida andam ligados os maiores vultos da Ciência, da Literatura e da Politica portuguêsa do século XIX.

O nome do estudante Almeida Garrett, que em Coimbra se destacou como ator, dramaturgo e tribuno, vai depois projetar-se por tôda a parte como a figura mais saliente do teatro português dos últimos tempos.

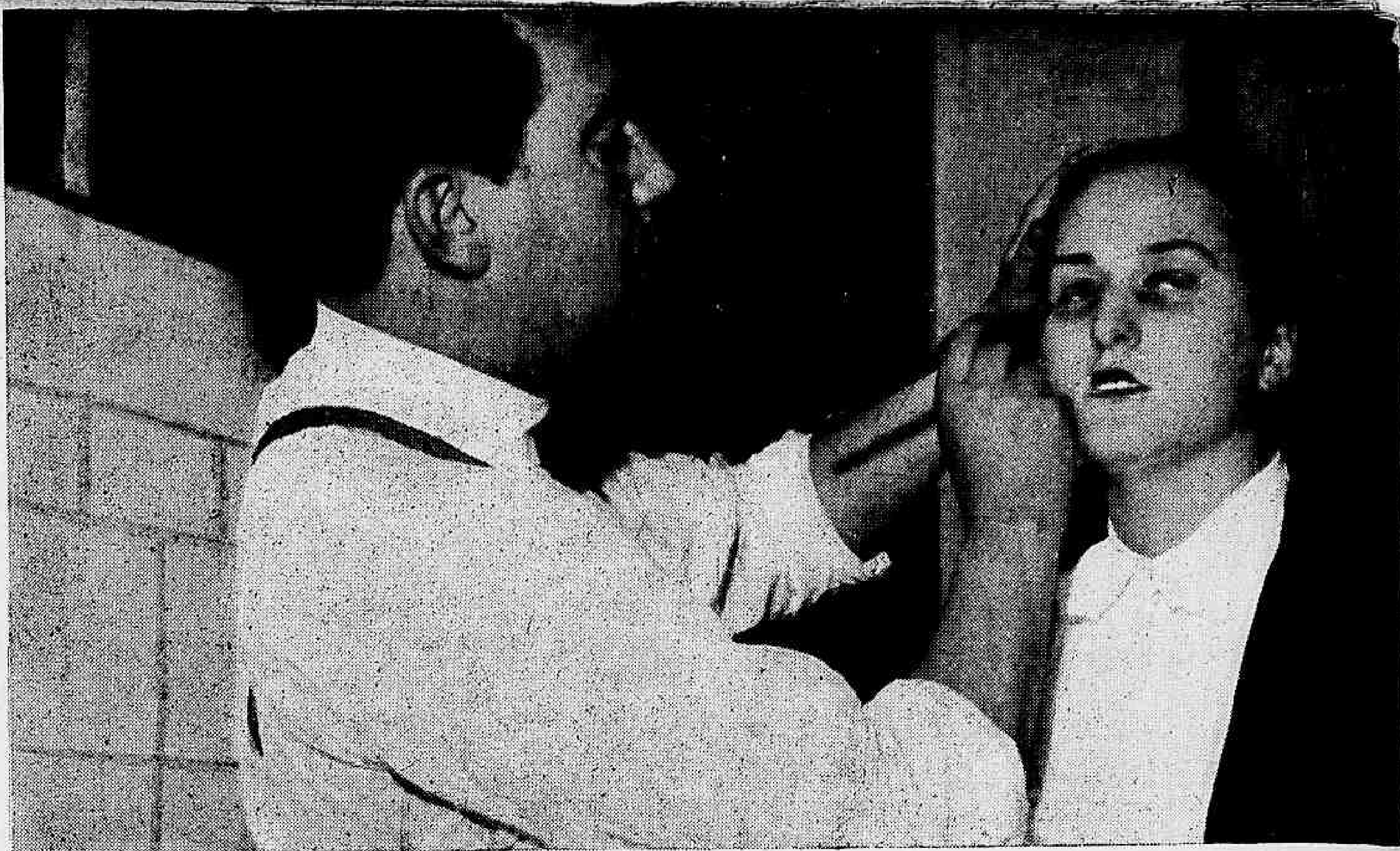
Essa gloriosa tradição universitária ia declinando com a inferioridade de certas récitas de quintanistas surgidas a meio do século, e quase desaparecia após a demolição do Teatro Acadêmico.

Organizados também a Associação Acadêmica, a Tuna e o Orfeão, os estudantes de Coimbra, além das atividades dramáticas, entretinham agora os seus ócios com o desporto e a música. Desaparecida a "Academia Dramática" como organismo autônomo, não se eclipsa tão depressa a atividade teatral da vida extra-escolar do estudante de Coimbra. Os "grupos cênicos" não faltam nos espetáculos da Tuna Acadêmica e do Orfeão Acadêmico, durante o primeiro têrço do século XX.

E foi num efêmero organismo de estudantes "Fado Acadêmico de Coimbra" que, em 1938, teve a sua origem o grupo cênico que, no ano seguinte, se tornava autônomo com o nome de "Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra".

Originàriamente integrados num organismo tão diferente, os estudantes depressa ultrapassaram os projetos iniciais do "grupo cênico do fado". Movidos apenas pelos anseios do nosso tempo, êsses estudantes não quiseram servir-se do teatro para distração grosseira das horas de ócio: procuraram antes servir a Arte Dramática com o ressurgimento do gôsto pela obra de Gil Vicente. A proficiência e a abnegação do professor da Faculdade de Letras dr. Paulo Quintela, que agora acompanha a embaixada, escolhido pelos estudantes para diretor artistico do grupo criaram as possibilidades de sobrevivência de uma iniciativa e permitiram a indispensável colaboração das alunas universitárias, fato novo nas agremiações escolares do ensino superior. Em documentos oficiais, escreveu-se então: "os espetáculos do TEUC constituiram o acontecimento teatral de maior relêvo nos últimos

(Cont. na pág. 50)



OS ESTUDANTES trouxeram todos os auxiliares de bastidores, inclusive um técnico de «maquillage», como se vê na gravura acima. E quando em passeio, nos arredores da cidade, não podiam furtar-se às investidas dos fotógrafos amadores,



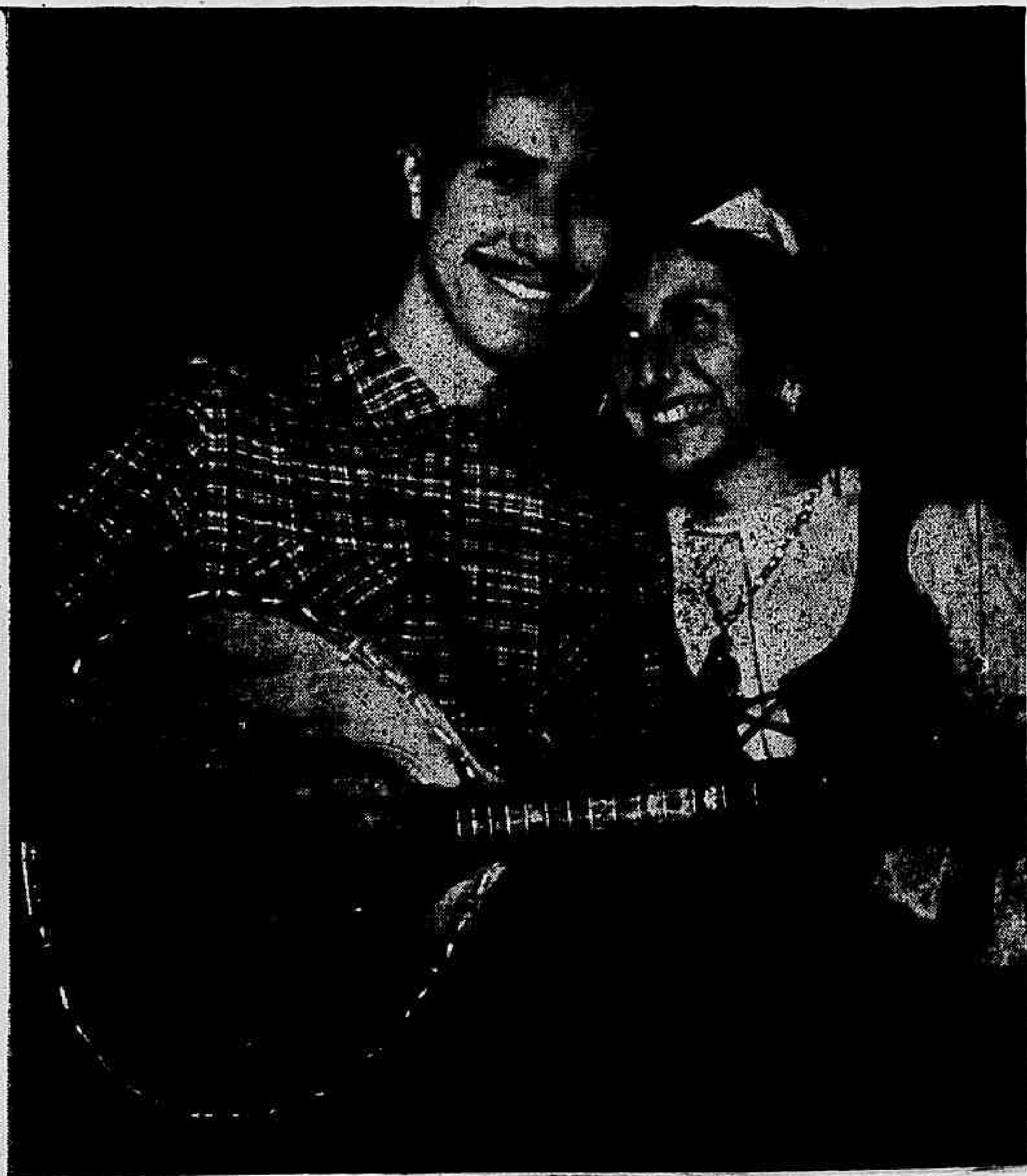
ávidos de uma chapa para o álbum de recordações. Em baixo, os intérpretes de Gil Vicente aguardam a vez de representar. Enquanto não entram em cena, apreciam o trabalho de seus companheiros e a reação da platéia brasileira.



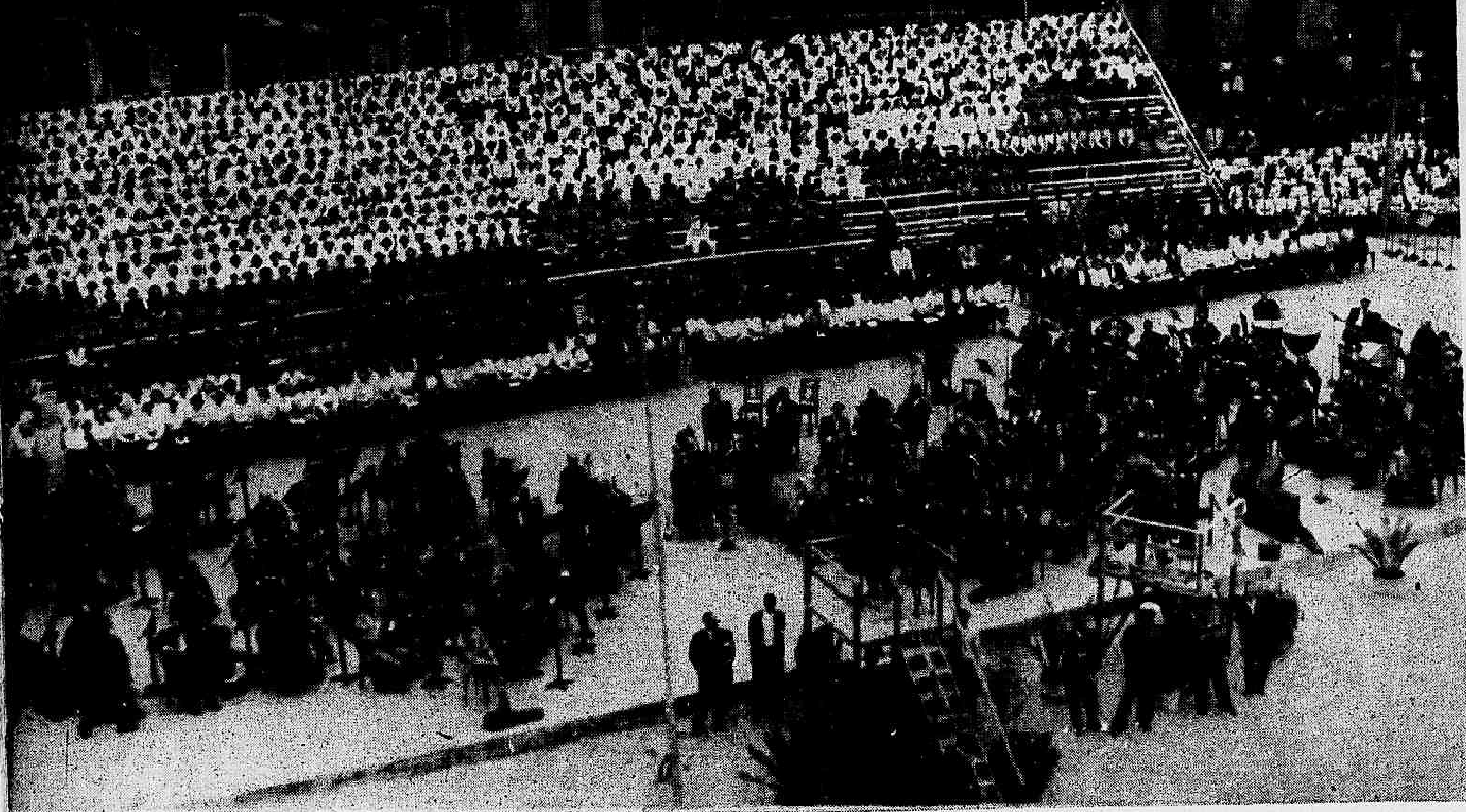


NOS JARDINS da Casa dos Poveiros, foi instalado um palco onde não se exibiram apenas os estudantes, mas várias associações orfeônicas do Rio, homenageando seus compatriotas, sob um «fundo» a caráter. — Em baixo, dois intérpretes da Farça de Inês Pereira, e à direita, um risonho par de trovadores que tomaram parte no «show» em Teresópolis.






MADERAS DE ORIENTE
MYRURGIA
EXTRATO · LOÇÃO · PÓ DE ARROZ
Um perfume de
[redacted]RGIA



CORPO ORFEÔNICO composto de alunos de nossos estabelecimentos de ensino, acompanhada pela Orq. Sinfônica, no programa organizado pelo Min. da Educação



DISCURSA o sr. Presidente da República, dr. Getúlio Vargas, no Dia da Independência do Brasil

UM GRITO QUE ATRAVESSA OS SÉCULOS

SETE DE SETEMBRO DE 1822 — OS FUNDADORES DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL — AS COMEMORAÇÕES EM 1951

DIZIA Ruy Barbosa que a maior data brasileira era o 13 de Maio de 1888, libertação dos escravos negros. Entretanto ficou sendo a de Sete de Setembro a data máxima em nossa história. E se explica: enquanto o 13 de Maio é data muito mais social do que política, e, por sua natureza, um tanto odiosa, pois lembra a maior mancha de nossa civilização, o Sete de Setembro de 1822 se engalana com os fulgores de um episódio épico, não lhe faltando mesmo a moldura ornamental de um rio.

Sete de Setembro de 1822 atravessará sempre os séculos como a data culminante de nossa história. Uma nação que se liberta do jugo político e econômico de outra é como uma criança que nasce, desenvolve-se, educa-se, e, ao chegar à adolescência, procura viver por sua conta, sem os percalços da subordinação dos maiores. O Brasil já estava em plena maturidade, quando Pedro I, estimulado pela espôsa, por José Bonifácio, vários membros do clero católico, políticos e jornalistas como Gonçalves Ledo, Clemente Pereira, etc., não mais suportando as injunções das Côrtes de Lisboa, resolveu dar o grito de "Independência ou Morte", não às margens do Ipiranga, mas em plena festa teatral na cidade de S. Paulo, na noite memorável em que tomavam seu pôsto o verde e amarelo da nacional brasileira.

Sete de Setembro, porém, não foi uma data de Pedro I. E' ela a resultante de variados fatôres que vêm desde os começos do século XVIII. De 1710 até 1822, o tempo se encarregou de mobilizar os espíritos e forjar as armas de nossa emancipação. O Rio de Janeiro, palco mais ativo de tôdas as lutas pela liberdade, refletindo para todos os quadrantes da nossa terra as idéias generosas que nos deram outras conquistas, comemorou êste ano, de forma retumbante, o grande dia de nossa Independência. Trinta mil homens de tôdas as armas formaram em honra da Pátria, desfilando garbosamente pelas principais avenidas da metrópole, entre palmas da imen-

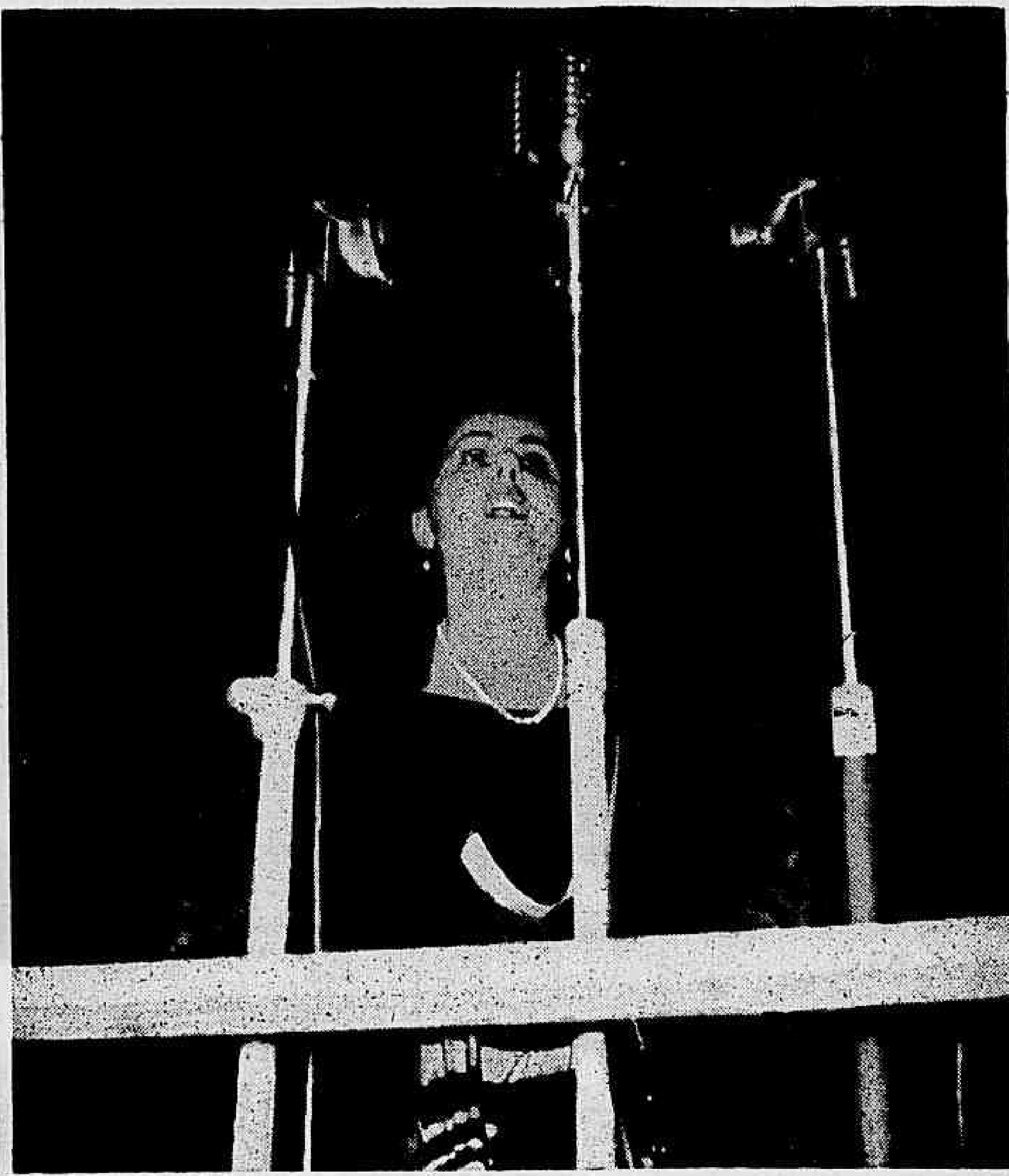
(Continua na pág. 67).



UM ASPECTO do cenário em que se desenrolaram as comemorações cívico-patrióticas do 7 de Setembro de 1951, na Cap. Federal, minutos antes de ter início o ato.



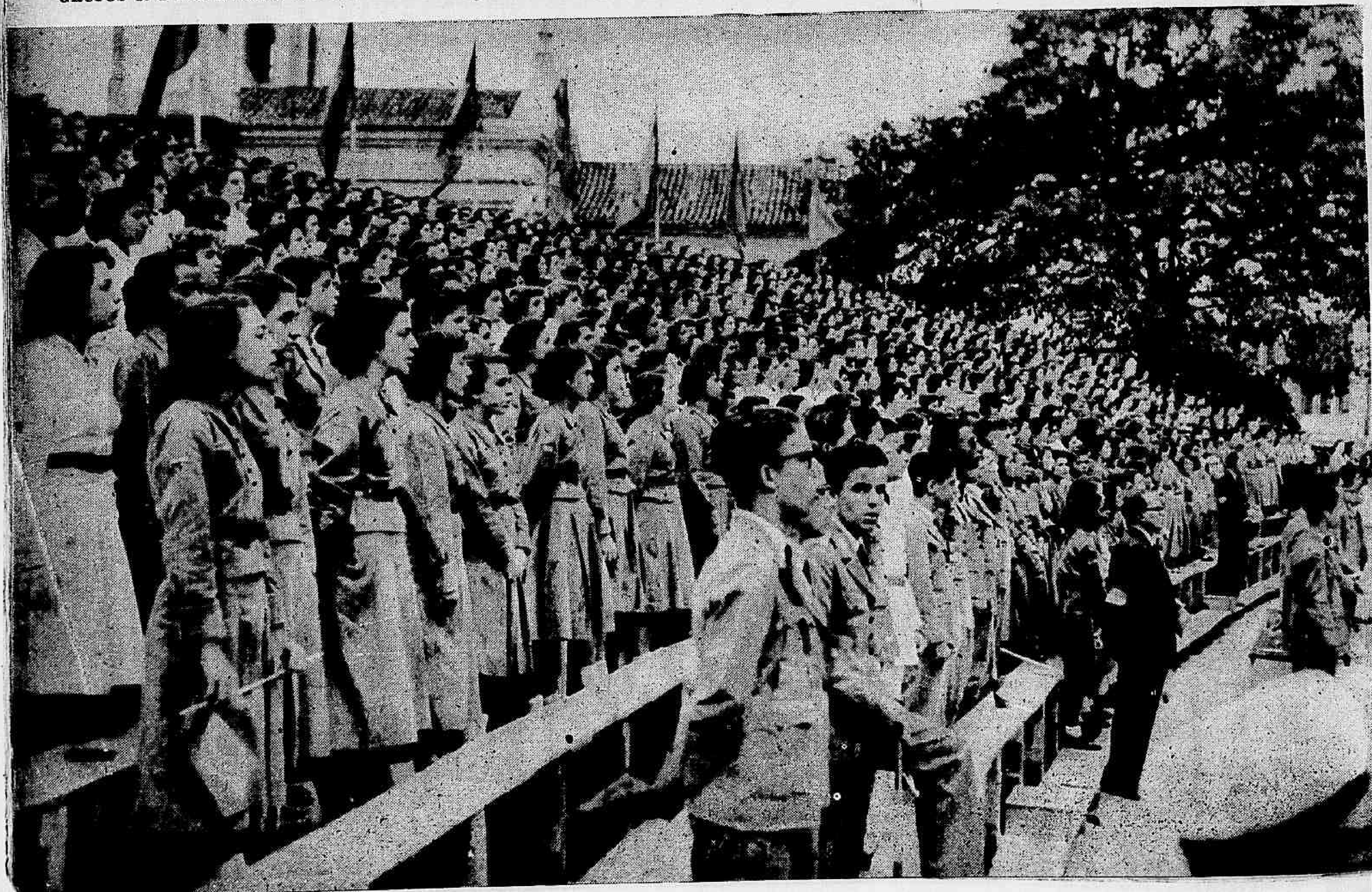
O MAESTRO Villa-Lobos regendo a Orquestra integrada por vários professores.



A CANTORA Cristina Maristani, solista da grandiosa festa de arte e civismo.



GRUPOS de alunos de vários estabelecimentos de ensino do Rio, colocados em arquibancadas ao lado do Ministério da Educação, prontos para os festejos.

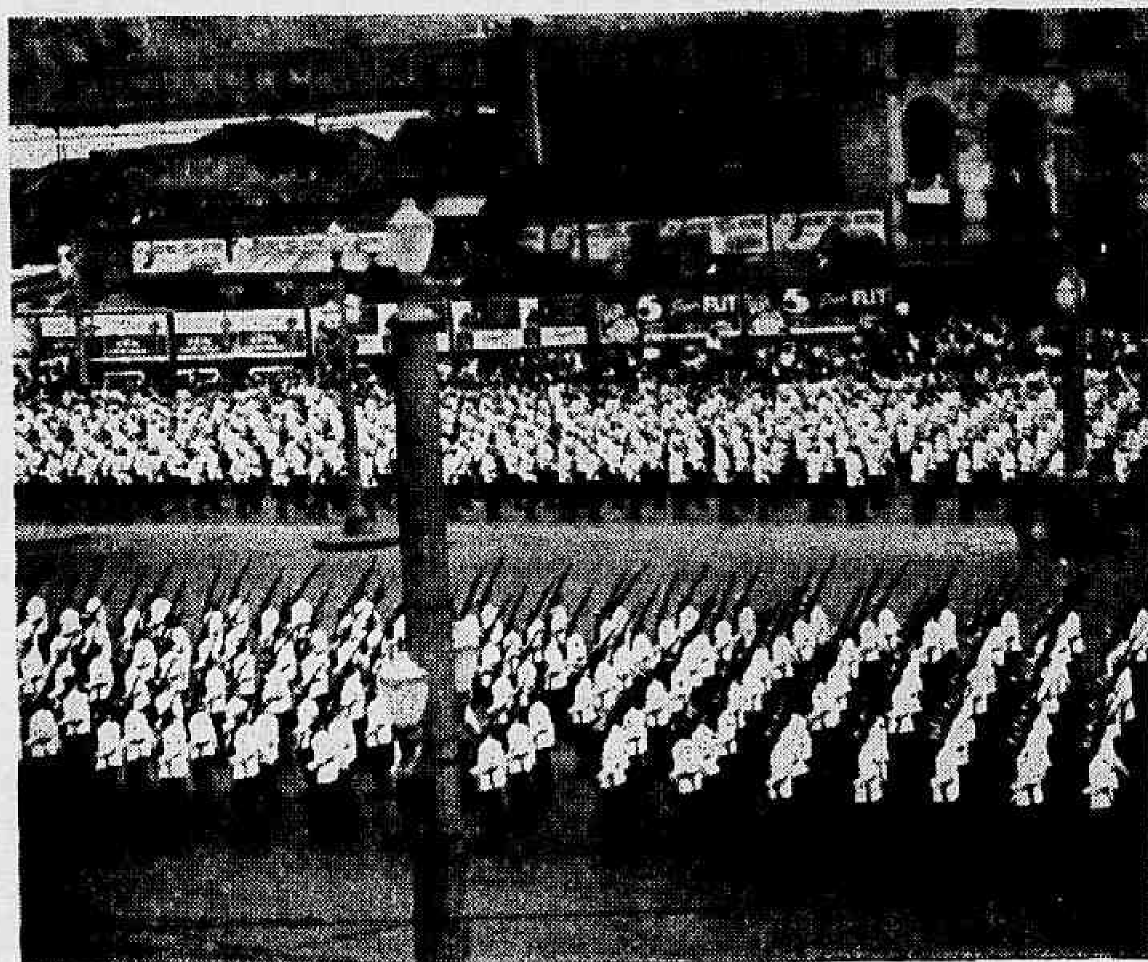




OS GARBOSOS alunos da Infantaria do Colégio Militar do Rio, em desfile.



PASSAGEM do Batalhão Naval pela Av. Pres. Vargas, no Dia da Independência.



DESFILE da Polícia do Exército, Corpo de tropa de organização recente.



ACADEMIA Militar das Agulhas Negras, passando em frente ao Min. da Guerra.



INCALCULAVEL a multidão que, de todos os pontos do Rio, afluiu a cidade.



AO PASSAR dos batalhões, os populares irrompiam em aclamações entusiásticas.



Cenas de uma intervenção no cérebro de um paciente atacado em suas faculdades mentais. O bisturi do médico está prestes a penetrar na massa cinzenta da cabeça, abaixo da arcada do supercílio. A primeira intervenção cirúrgica dessa natureza foi levada a efeito em 1936 pelo médico lusitano Egaz Moniz, com o que recebeu o Prêmio Nobel.

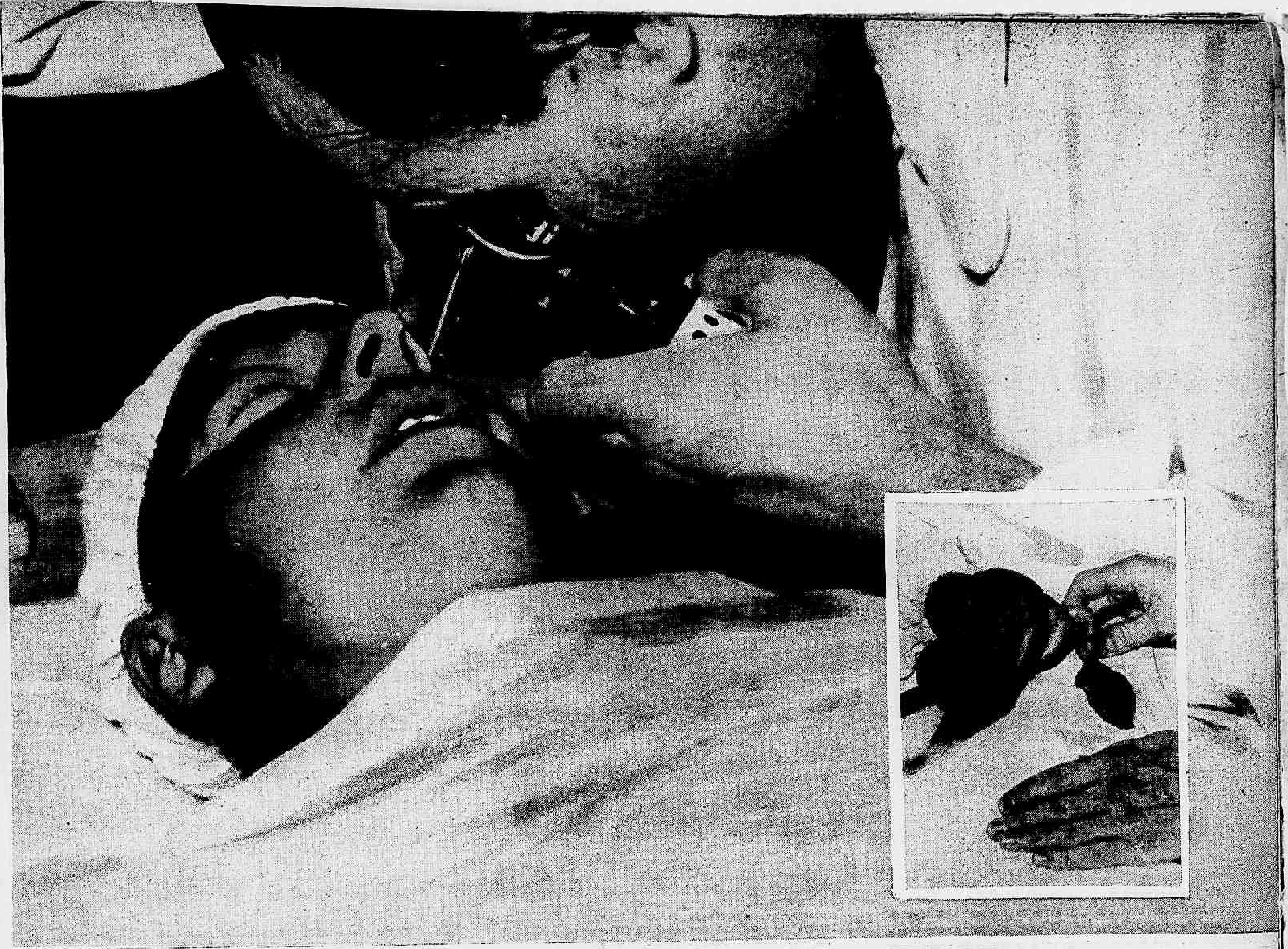
CURÁVEL A LOUCURA?

COUBE A UM MÉDICO PORTUGUÊS A PRIMEIRA INTERVENÇÃO CEREBRAL — OPERANDO O CÉREBRO, CURA-SE A LOUCURA

SEGUNDO os anatomistas e os fisiologistas, há uma zona em nosso cérebro que, operada convenientemente, cura o estado de loucura dos mais ferozes alienados. Há uma luta tenaz entre os que acham que a loucura, em grande número de vêzes é devida a fatos de natureza psiquica, e os que acham que a loucura é resultante pura e simplesmente de disturbios mentais. Como em materia de fé não há argumento possível, as duas correntes continuam a debater os casos de alienação mental e tão cedo não chegarão a bons resultados.

Numa polêmica travada, há anos, na imprensa do Recife, um espiritista, contestando as opiniões de um médico psiquiatra, declarou que, ao contrário do que dizia a medicina oficial, o espiritismo não fabrica loucos, e sim os salva dos manicômios. E citava então, o articulista, uma série de nomes de pessoas que haviam sido libertadas da "Tamarineira" em face da intervenção dos mediuns espiritistas. "Tamarineira" está para o Recife, como já estêve para o carioca a Praia Vermelha, o famoso 70-Sul.

As fotografias que publicamos nestas páginas nos dão uma idéia da cura da alienação mental pela intervenção cirúrgica. Segundo narram as crônicas médicas, a primeira vez que um cirurgião curou, pelo bisturi, um louco, com uma intervenção transorbitária foi em 1936, graças à técnica e ao processo do dr. Egaz Muniz, de Portugal. O caso teve uma repercussão sensacional em todos os meios clínicos da Europa e da América, e o autor da façanha até então, inédita ganhou o Prêmio Nobel. De lá até hoje, a ciência médica só tem conseguido



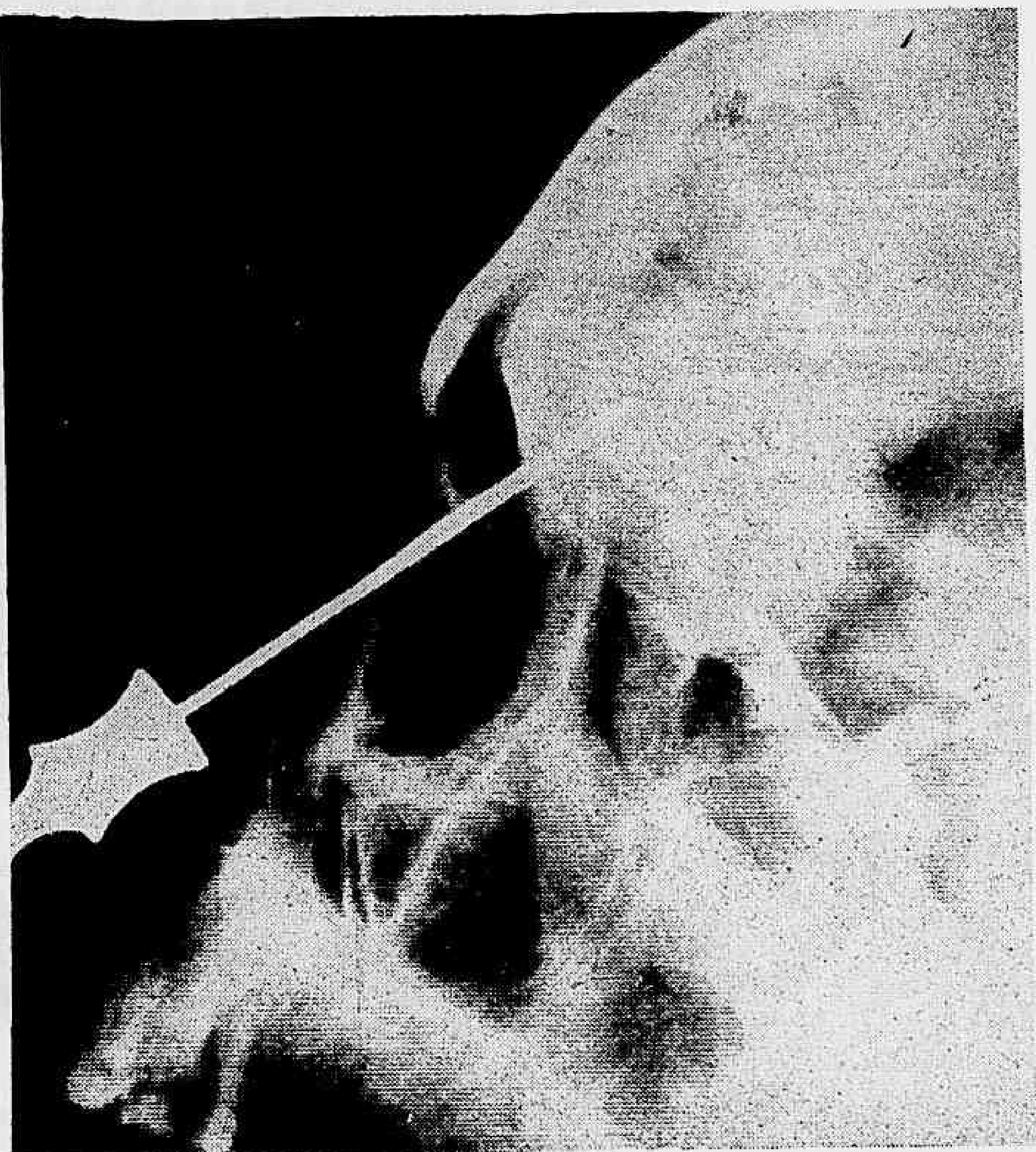
O médico operador executando com a maiôr perícia o ataque sôbre o cérebro de um paciente. A técnica foi melhorada em 1937 pelo professor Fiamberti, a qual vem sendo seguida com muito bons resultados na América e noutros países da Europa. Vemos aqui o oculista controlando a pressão arterial da retina, para garantia da operação sensacional.

afirmar que é possível curar os casos de loucura por meio de intervenção transorbitária. O processo vai de progresso em progresso, parecendo constatar-se que a loucura é de fundo fisiológico e não psiquico. E' exato que, muitas vêzes, o estado nervoso leva o cidadão à loucura, e as intervenções de caráter espiritualista conseguem curas extraordinárias. A medicina, porém, é mais objetiva do que subjetiva, e prefere enveredar pela ação direta e material.

Queremos crer que, até ao fim dos séculos, ainda continuará o homem a discutir a tese: é a loucura de fundo psiquico, ou puramente material? E por que não há casos de alienação mental em menores de quinze anos? Um comentarista jocoso diria que a resposta é muito simples: uma criança de doze anos, por exemplo, já é louca de natureza. E as crianças de dez anos ou menos, vivem fazendo tanta bobagem que são doidinhas da silva.

A técnica de Egas Muniz teve seu maior defensor e aperfeiçoador no Prof. Fiamberi, que está tendo os maiores resultados em tôda a Europa e na América. A medicina não descansa e se avantaja cada vez mais, penetrando os mistérios do ser humano e revelando segredos que até hoje estavam ainda indecifrados.

Os enfermos mentais podem obter curas sensacionais, não sòmente através de internamentos em manicômios, como muito mais ràpidamente, por intervenção do bisturi dos cirurgiões especializados em revolver a massa cinzenta da cabeça.



Radiografia tomada quando o bisturi penetrava no local exato, a fim de atingir a zona cerebral e produzir o efeito destinado a curar o enfêrmo mental.

EXAMF DE CONSCIÊNC!A - V

VOCÊ DARIA UM BOM HOMEM OU UMA BOA MULHER?



UM TESTE CURIOSÍSSIMO ★ RESPONDENDO-O VOCÊ SABERÁ EXÀTAMENTE SE SE SENTIRIA MAIS FELIZ PERTENCENDO AO SEXO OPOSTO...

Por MARY DAVIES

(Proibida a reprodução)



QUANTAS vêzes ouvimos uma jovem dizer: "Ah! se eu fôsse homem..." E muitos homens dizem que as mulheres têm uma vida mais fácil do que êle-. Mas seria qualquer homem ou mulher mais feliz, e alcançaria êxito como membro do sexo oposto? Talvez você pense, se é mulher, que êste é um mundo dos h mens, talvez você esteja secretamente convencido, se é homem, de que a vida é muito mais fácil para o sexo fraco. Pois bem, faça êste teste e veja como poderia viver, se você pudes e mudar. Seja honesto nas suas respostas — não procure demonstrar que nã é uma mulher pouco feminina ou que é um homem viril, a ponto de prejudicar o teste. Mesmo porque, se isso fizer, poderá ter uma surprêsa desagradável com a resposta.

COMO FAZER A C NTAGEM:

Primeiro responda às três perguntas chaves no início do teste. Se a sua resposta fôr SIM a tôdas as três perguntas, você terá de respoider a tôdas as perguntas seguintes. Se a resposta a uma das perguntas fôr NÃO, deverá responder às perguntas seguintes do teste, exceto os números 10 e 14.

Se responder a duas ou a tôdas as três perguntas com um NÃO, deverá responder apenas às perguntas 3, 9, 11 e 14.

Risque o número correspondente à sua resposta. Por exemplo: Se a sua resposta à pergunta n.º 3 é: "Não estou certo", risque o n.º 0.

Depois de terminar, some todos os números que você não riscou. O número encontrado é o número chave da resposta: Você daria um bom homem ou uma boa mulher?

PERGUNTAS CHAVES:

PARA HOMENS	SIM	NÃO
1) Pode imaginar-se como um Don Juan, partindo corações femininos?		
2) Acha justo que os homens sejam chamados «o sexo forte»?		
3) Se fôsse homem seria fiel à sua espôsa?		

PARA MULHERES	SIM	NÃO
1) Gostaria de ser mulher?		
2) Pode imaginar-se com muitos filhos?		
3) Tem encantos e "sex-appeal"? (Nada de falsa modéstia)		

PERGUNTAS

PARA MULHERES	Sim	Não	Incerto	PARA HOMENS
1) Acha que os homens são menos sujeitos a temperamento do que as mulheres?	1	2	3	1) Acha que as mulheres têm vida mais fácil, mais agradável do que os homens?
2) Desinteressa-se pelo êxito e carreira das outras pessoas?	1	2	3	2) Acha que daria uma mulher perfeita?
3) E' preguiçosa e despida de ambição?	1	2	3	3) Acha que as mulheres deviam ter as mesmas condições de trabalho, salário e as mesmas oportunidades de atingir altas posições quanto aos homens?
4) Acha que os monóculos são mais elegantes do que os óculos, ou prefere roupas masculinizadas às saias, e detesta sapatos altos?	1	2	3	4) Para a maioria das mulheres, o esfôrço para terminar a limpesa e colocar a casa em ordem é apenas uma interrupção no vestir e enfeitar-se e sair para ver as vitrines e fazer compras? Você tem a mesma opinião?
5) Se fôsse homem, insistiria em que a responsabilidade pela direção do lar ficasse com a espôsa, e que sòmente ela fôsse responsável pelas meias rasgadas, botões desaparecidos, leite azêdo e, finalmente, as refeições sem gôsto?	1	2	3	5) Se você fôsse uma espôsa e seu marido estivesse para chegar, depois de uma longa ausência, dar-se-ia ao trabalho de arrumar a casa, lavar as cortinas, lixar os metais, a fim de recebê-lo com uma casa irreparàvelmente limpa, ainda que estrague seus primeiros dias em casa, pois você estaria cansada para diverti-lo?
6) Que espécie de homem gostaria de ser? Inteligente, sério, sinistro ou encantador, espirituoso, embora feio?	1	2	3	6) Observa coisas como a poeira nos retratos e nos armários?
7) Inveja os homens por não se preocuparem muito com a roupa e aparência, ou por que é o dono da casa, o chefe da família e, para cúmulo, não tem de ter filhos e criá-los?	1	2	3	7) Se fôsse uma mulher, acharia que seu lugar era no atual tipo de trabalho, e não dentro de casa?
8) Preferiria casar com uma mulher feia mas inteligente, a casar com uma mulher linda, porém estúpida, se você fôsse homem?	1	2	3	8) Um jovem marido prometeu à espôsa ajudá-la em todo trabalho doméstico. Depois do primeiro jantar em casa, êle lavou os pratos, e deliberadamente quebrou duas xícaras de porcelana, de modo que a espôsa teve mêdo de permitir que êle continuasse a lavar. Se você estivesse no lugar da espôsa faria o mesmo?
9) O homem tem mais oportunidades na vida do que a mulher?	1	2	3	9) Detestaria ser cortejada e de namorar se fôsse mulher?
10) Sente-se satisfeita com a sua condição de mulher?	1	2	3	10) Que espécie de mulher gostaria de ser... agradável, sentimental, ou elegante e sofisticada?
11) Se fôsse homem, apoiaria a emancipação da mulher?	1	2	3	11) Prefere sorvetes à cerveja?
12) Desempenham as roupas um papel importante na sua vida?	1	2	3	12) Gosta de ficar andando dentro de casa, arrumando os móveis?
13) Acha que o lugar do homem embora seja um cozinheiro (amador) e goste de pratos e panelas, deve ser na cozinha?	1	2	3	13) E' muito exigente na escolha de suas gravatas, sapatos, meias, etc.?
14) E' do tipo dominador, o centro de tôdas as festas, pela sua capacidade de atrair atenção e se conservar em foco?	1	2	3	14) Já pensou em que, se fôsse mulher, teria de renunciar a muitas liberdades que, como homem, você considera essenciais, freqüentar lugares duvidosos, ou enfrentar riscos estúpidos — ou mesmo casar?
15) E' bonita?	1	2	3	15) E' casado?

RESPOSTAS

PARA MULHERES	Contagem	PARA HOMENS
A resposta é negativa. Não finja que sabe mais do que os homens. Não é verdade. Não fique a sonhar. Conserve o sorriso e seja você mesma.	12 a 20	O seu êrro nesta experiência de troca de sexos é que você não pode imaginar-se de meia de sêda, com verniz nas unhas e um turbante vermelho na cabeça. E' horrível!
E' melhor você primeiro decidir se realmente quer saber se daria um bom homem. Experimente novamente e use a sua imaginação ou pense no homem a quem adora e que você desejaria ser.	21 a 55	De acôrdo com êste teste, você não daria para mulher. O que não o preocupa, eu sei, mas pela maneira que você respondeu, com um ar de quem diz: «Não me amole!», creio que você poderia, afinal de contas, ser uma boa mulher, embora não uma excelente espôsa.
Que homem! Um cavalheiro ousado e arrojado... mas apenas teòricamente. Que confusão você não criaria entre as mulheres, sem falar nas grandes posições econômicas sociais que teria alcançado.	56 a 58	Se você fôsse mulher, seria um exemplo de amor materno. Invejo seu marido imaginário e os numerosos filhos imaginários que você tem.
Você é apenas uma jovem muito inteligente e (provavelmente) não é boa mulher.	69 a 75	Não empurre a minha perna. Devia haver uma lei especial contra as mulheres como a que você a que você quer ser.

O EXEMPLO

AQUILO não devia continuar assim. Fazia já dois meses que a situação se mantinha, parecendo querer instalar-se definitivamente entre nós, modificando para sempre um dos atos mais agradáveis que tinhamos e que era mantido religiosamente, de acôrdo com o estabelecido por papai.

Posta a mesa para o jantar os *velhos* sentavam-se, um em cada cabeceira. Em seguida, nas cadeiras laterais, sentavam-se vovó, entre mim e Elvira Maria; Otávio, entre Mercedes e tia Emilia. Vovó servia a todos a sopa fumegante e deliciosa, distribuindo-a com a alentada concha de prata; papai era o primeiro. Assim, o jantar sòmente se iniciava depois de todos sentados, cada qual em seu lugar, em obediência aos desejos de meus pais. Éramos, portanto, oito à mesa. Durante o jantar, colorido pela graça de minhas irmãs e pela loquacidade de Otávio, eram esquecidos os pesares ou os problemas comuns a tôdas as familias. Vivia-se ali uma hora de contentamento, de satisfação, de distração e bem-estar. Minha mãe, com seu gôsto apurado, adornava a sala ampla, dispondo harmoniosamente imagens, quadros, figuras, bordados e flores. Por que não nos reuniriamos novamente à mesa retornando ao hábito antigo? Eram tão gratos aquêles momentos! Animava-se a conversa sempre conduzida pela jovialidade de Otávio, contando fatos pontilhados de finas ironias de sabor familiar.

Meu irmão Otávio, ou Otavinho, era o primogênito, contava vinte anos, papai, quarenta e dois, e mamãe, trinta e seis! Havia ocasiões em que papai pretendia fazer-se austero e solene, diante das pilhérias e da alegre desenvoltura de meu irmão. Então, de talheres suspensos, olhava-o com um ar de severidade e reprovação que, na realidade, não passava da capa do sorriso a querer aflorar-lhe à face.

Aos domingos os *mais velhos* tomavam vinho. Incluia-se entre êles minha tia Emilia, solteirona, cuja idade estacionara nos vinte e oito anos... Há coisas que escapam à nossa compreensão: tia Emilia, mulher bonita, culta meiga, inteligente, não casara.

Otavinho, trocista imaginoso, vivia a inventar surprêsas e sustos. Se tia Emilia recebia, de apaixonado desconhecido, ardente carta de amor; se, durante o jantar, desaparecia um chinelo de vovó, cujo lugar à mesa era defronte ao seu; se alguém encontrava sob o prato uma *lagartixa* de borracha, que lhe desse um grande susto; se a colherzinha de café derretia-se ao entrar em contato com o liquido quente, proporcionando viva decepção, podia-se garantir: havia em tudo a cabeça e o dedo do endiabrado Otávio, que, descoberto, perdia-se de rir... Certa vez Mercedes reclamou. Não lhe agradava a sobremesa que estavam preparando: doce de laranja. Preferia uma fruta simples, outro doce, mamão... A deliciosa fruta foi comprada mas, quando Mercedes trincou-lhe a polpa, cheia de satisfação saboreando o primeiro bocado, fêz horrivel careta, levando as mãos aos lábios. Otávio nem podia falar de tanto rir, enquanto sua irmã com o guardanapo limpava, aflita, dos lábios ardentes, o sumo de pimenta que êle injetara... Depois a própria *vitima* acabou rindo, todavia papai chamou Otávio, quando deixamos a mesa, e censurou-lhe o excesso do procedimento.

— Otavinho!... Mamãe, dê modos a Otávio — queixavam-se as meninas, e até eu, muitas vêzes. Tia Emilia também.

— Meu filho! Fique quieto, vou chamar seu pai... — ameaçava-o mamãe.

Otávio corria, enlaçava mamãe pela cintura, cobria-a de beijos e fazia-lhe uma *declaração de amor*, chamando-a de minha noiva, noiva como *não havia outra igual*.

— Tenha juizo Otavinho, você é uma criança grande, um homem de vinte anos... Seu pai não é assim — dizia-lhe vovó, cuja repreensão mais parecia um carinho.

— E' intriga, vovó eu não fiz nada — respondia meu irmão, com a cara mais lavada dêste mundo... Até com papai Otávio gracejava. O *velho* fingia não gostar daquelas liberdades...

Mas meu trêfego irmão gozava da indulgência de todos. Era, na realidade, o favorito do lar e desfrutava o beneplácito, exagerado, aliás, de nós que o considerávamos (êle sabia) o mais alto representante da casa, depois de meus pais. Certa vez, com uma ponta de despeito, ouvi mamãe dizer que Otavinho era a *jóia mais valiosa* da familia. De fato, em tudo sobressaía essa predileção. Fôsse pelos presentes ganhos constantemente, fôsse pelos cuidados e atenções especiais que lhe dispensávamos, ninguém poderia esconder aquela verdade. Nada se fazia que não fôsse do gôsto de Otávio, discos e músicas só se compravam os que êle apreciasse; pudim de pão e bôlo de aipim havia sempre em nossa mesa preparados por mamãe, porque dêles Otávio gostava muito. Inúmeras vêzes mamãe repassava a ferro os colarinhos de meu irmão, enviados pela lavadeira, pois sabia, não estavam a seu gôsto. Minha boa mãe enternecia-se na presença dêle e, se depois de uma festa fora, Otávio demorava-se, ela inquietava-se, indo à janela frequentemente à espera do filho querido.

Um dia Otávio dançou valsas e tangos com vovó, arrastando, ao compasso da melodia, o reumatismo antigo, os sessenta e cinco anos da velha e a sua relutância inútil...

Elvira Maria tinha adoração pelo irmão, Mercedes e eu sentiamos orgulho, quando iamos juntos a passeios, ao cinema, ao teatro, ou ao banho de mar. Comovida até às lágrimas ficou a sédula Mercedes na manhã em que completou dezesseis anos. Despertando verificou, cheia de alegria e reconhecimento, que lindo colar de pérolas realçava ainda mais seu busto mimoso. O autor daquilo, Otávio, já havia saído para o trabalho, de onde, depois, perguntava, pelo telefone, se a sua *boneca* já havia despertado... Vivo, querido, inteli-

Conto de
Vicente C. de Carvalho

Ilustração de
Jerônymo Ribeiro





Quando a nossa Copacabana se prepara, engalanada e cheia de sol, para receber novamente a visita primaveril da mulher carioca, estuante de mocidade e de vitalidade, aqui está uma evocação de outra praia famosa, a de Santa Mônica, na Califórnia, mostrando Joyce Holden numa saudação festiva, com o seu mais feiticeiro sorriso à nova estação. — Na página ao lado: os bailarinos de Hollywood: June Haver e Gene Nelson, numa valsa princípio-de-século.

Primavera... Movimento... Ritmo...



Outro gracioso movimento de Joyce Holden, dansando nas areias da praia em que as «estrêlas» de Hollywood se banham.

ILUMINAM-SE as praias cariocas, do Flamengo ao Leblon. Iluminadas ficam pelo sol dourado que vai beijar a areia, refletindo-se nas águas límpas, e pela beleza faiscante das mulheres cariocas. Enfim, Primavera no Rio! Enfim, novamente a praia, novamente os "maillots" — que devem ter sido renovados, pois os do princípio do ano passaram de moda — e outra vez os jogos que exercitam os músculos! Primavera é assim, mocidade, tudo ritmo, tudo movimento, em que se traduz a vital alegria da gente moça. Aqui estão reflexos de outra praia famosa, a de Santa Mônica, na Califórnia, onde Joyce Holden dá expansão ao seu espírito de jovialidade sadia e elasticidade aos músculos. Enquanto Gene Nelson e June Haver, não menos ritmados e ágeis, fazem a evocação de uma valsa que papai e mamãe também dançaram antes da primeira grande guerra, a valsa "old-fashioned", com roupas em estilo e movimentos que não s erenovam, porque têm a imortalidade da própria juventude. Depois disso, vamos para Copacabana, que a tarde é bela e a Primavera não sabe esperar. Depois virão os dias de calor bárbaro...



Um legítimo bailado primaveril, ondulante e ritmado, o de June Haver e Gene Nelson. Lá fora a praia os espera...







No cenár



SÔBRE as escadarias de mármore rosa do pálacio de Versalhes, vestida de sêda, de tule e de veludo, Eva desafia o tempo, e com sua beleza estonteante, só não desperta mesmo a indiferença das pedras.

Os costureiros franceses, que sempre foram os mestres consumados na arte de revelar a beleza das formas femininas, sob os caprichosos aspectos da moda, acabam de apresentar ao público vestidos de noite vindos de todos os tempos, de feitios já hoje desconhecidos, mas, todos êles, muito elegantes e belos de acôrdo com as épocas em que fizeram furor no mundo das elegantes da capital de França.

Nas escadarias de pedras queimadas pelo sol, ou apresentando a ação destruidora do tempo, a juventude do mundo feminino de Paris por alí passa no resplendor de sua beleza louçã e primaveril, num contraste que emociona. Os mágicos de Paris, êsses costureiros sem igual no mundo, conseguem converter uma beleza de formas em belezas de arte como jóias de uma sociedade. Só êles sabem descobrir o segrêdo da eterna juventude, o verdadeiro ouro da vida, metamorfoseando ao seu bel prazer.

Na exibição de Paris, a modêlo que vemos nestas fotos era como uma flor de tule, grácil e ligeira libélula pousada no castelo do Rei Sol, prestes a começar, com êle os volteios do baile, ao som de uma "gavotte" de Rameau. E aquela outra tôda envolta em ondas de sêda alvíssima, semelhante a uma visão



o de Paris





bíblica? E a terceira? O seio nu adereçado de jóias faiscantes, o vestido colado envolto em grande capa de sêda, olhando cismativa para os degraus já cotiados pelo tempo, como estátua de carne diante da Eternidade.

Tendo como fundo a majestosa Catedral de Notre Dame, também um milagre da arte rendilhada dos godos, o templo colossal como que olha o modêlo que passa à sua frente, envolta em brocados de tule alvissima, tendo à cabeça uma grinalda de flores da côr da inocência juvenil. Esta noiva da primavera de Paris é um símbolo da elegância de tôdas as noivas. O mundo inteiro foi ver Paris no seu bimilênio de existência. A cidade recebeu os milhares de turistas, não como uma cidade envelhecida e descrente, mas com a feérica fascinação de seu espírito imortal. O povo da grande capital de França aplaudiu exibições que confirmam ser Paris a terra da luz e da alegria. E os visitantes que alí ficarão até ao fim do ano, continuam a assistir aos mais empolgantes espetáculos da supremacia parisiense em materia de moda e de elegância da mulher.

Os mágicos que sabem transformar um perfil de mulher em verdadeira obra de arte, Fath, Dior, Piguet, Carven e tantos outros, continuarão a dar vida às mulheres, criando novos modêlos, mostrando como usar os echarpes multicores, as flores ornamentais, as sêdas, os tecidos finíssimos e as lãs grossas, tudo dentro de um conceito de harmonia e encantamento, que fazem a alegria das mulheres e o desespêro de muito marido desambientado...

LISTAS



SIM, as listas continuam em grande moda, e a Primavera incumbe-se de sugerir novos e graciosos modelos. Veja êstes, de sugestivas combinações, em linhas bem modernas e fáceis de aproveitar, porque os figurinos de Ramon são sempre, como devem ter visto, de absoluta simplicidade, sem requisitos pomposos que dificultem a confecção do vestido. Cintos bastante justos, ombros nus ou de mangas curtas e bem folgadas, golas abertas, esportivas, singelas, saias rodadas ou estreitas, mas de movimentos desembaraçados e livres, eis os traços primordiais dêstes modelos. Escolha, leitora, o que mais lhe aprouver e dê suas ordens à costureira — mais nada.





ILUMINADO

A multiplicidade de funções é um dos belos exemplos que nos dão os habitantes de nossos pequenos povoados. No afã de aumentar seus rendimentos, ei-los trabalhando neste e naquele mister. Ei-los ocupando-se dêste e daquele trabalho, no intuito de ganhar um pouco mais para fazer face à carestia da vida, pois a falta de empregos rendosos é caracteristica de nosso interior.

O barbeiro local, enquanto espera o freguês peludo, vai cortando um terno, remendando um rasgo, consertando uma peça. O "seu" Olivio, escrivão do Registro Civil — no intervalo que vai do grato assentamento de uma vida que surge e a desagradável anotação de uma vida que desaparece — deixa de encher fôlhas dos grossos livros com sua letra exercitada, para inundar o ar com as monótonas escalas musicais do trombone que ensina aos rapazes da vizinhança. Êste outro, sapateiro há longos anos, ajuda o capelão no exercicio das cerimônias religiosas, badalando os sinos, limpando a branca igrejinha, dizendo, grave e solene:

— "Dominus vobiscum". "Amem".

★

Depois de me refazer da penosa viagem, livre da poeira dos caminhos e confortado por uma farta refeição, fui para a espaçosa sala do Hotel de Monte Bonito, onde fiquei hospedado, atraido pelo grosseiro cartaz pintado a tinta preta. Puxei conversa com o único empregado da familia hoteleira, um velhote asseiado e simpático, para passar as horas daquele calmo dia, convidado pela vadia despreocupação dos que se encontram em gôzo de férias.

Não me surpreendi quando o meu companheiro, depois de atender a quem batera à porta, pediu-me licença e saiu apressadamente. Momentos depois o silêncio reinante foi quebrado por fortes pancadas de martelo e pelo roc-roc irritante de uma serra desdentada. Imediatamente me veio uma idéia: o empregado do hotel era também o carpinteiro da localidade. E as pancadas e o roc-roc continuaram...

À tarde, quando procurei novamente um pouco de prosa, fiquei a par dos acontecimentos. O carpinteiro recebera uma estranha encomenda:

— "Era um caixão para o Madeira" — disse-me êle. — "Tive que atender o pedido com urgência porque o corpo ainda vem lá da Mata do Coração, lugar muito afastado daqui."

Falador por excelência, o serventecarpinteiro só fêz uma pequena pausa e prosseguiu, dando corda à sua conhecida loquacidade.

★

Há quarenta anos passados, quando aqui chegou, o Madeira encontrou todos êstes campos circunvizinhos, hoje cultivados e ricos, no mais completo abandono. E isto porque era grande a preguiça dos seus antigos proprietários.

— "Quem é o dono dêstes campos?" — perguntava o moço. Mas, antes da resposta, ia êle prosseguindo:

— "Esta terra boa e fértil, com tanta água perto, está pedindo pelo amor de Deus, que lhe lancem uma semente."

E ninguém dava atenção ao que ouvia. Só o Madeira adivinhava as grandes possibilidades daquele solo. Só o Madeira descobria tôda a riqueza escondida. Que podia, porém, fazer, rapaz pobre que era? Disposto e trabalhador, empregou-se como camarada de um fazendeiro, economizou e arrendou um terreno. Largando o serviço, vinha êle compor o seu pedaço de terra, ora fazendo uma cêrca de bambu, ora aterrando uma vala que a chuva deixou e ainda melhorando o solo com estêrco, cavando um poço ou cortando o mato daninho. Plantou, irrigou, protegeu as tenras plantas e colheu. O seu primeiro milho foi graúdo e farto. Tinha um bom comêço.

Vendo seus primeiros esforços premiados, criou novas fôrças e suas ambições já eram outras e bem maiores. Ajudado por uma incomum vontade e pela fé que fazia no milagroso São João, fêz uma promessa: Cada ano ofereceria uma fogueira ao seu patrono e ela seria tanto maior quanto mais rica fôsse a colheita. Os anos passaram. Houve grandes progressos e sua situação era privilegiada. Dono de extensas terras, tôdas cuidadosamente plantadas e tôdas as plantações dando muita renda, enriqueceu.

Qualquer um daqui pode falar da beleza destas fogueiras. Cada chama mostra uma passagem desta vida que hoje terminou. Cada estalo de lenha queimada lembra um exemplo dado, um trabalho passado, um sacrificio feito. Cada rôlo de fumaça significa um benefício prestado. Cada fagulha conta o grande número de pessoas que êle auxiliou. Muitos de nós nunca viram a iluminação elétrica, salvo quando se sobe na Serra e, do alto, se avista um clarão longinquo e indeciso que é o vago reflexo da luz da cidade. Mas, nos dias de fogueira do fazendeiro, tinha-se perfeita impressão de que Monte Bonito também contava com sua usina transformadora. Tôda a vila se iluminava e era bonito ver-se o casario desigual e muito branco, ficar, durante algumas horas, banhado pela claridade avermelhada e forte. Com a madeira consumida terminava aquela festa de luz, que só voltaria no próximo São João, com uma fogueira maior ainda, porque a promessa estava de pé e a vontade de progredir mais se arraigava no espirito do devoto.

A sorte é caprichosa. Chega de repente, agrada a gente, ajuda, melhora e, de repente também, desaparece. Foi o que se deu com o Madeira. De muito cuidar dos outros, auxiliando a um e a outro, descuidou-se de si mesmo, não tomando qualquer medida de previdência. Mas para que preocupar-se, se os seus braços ainda eram fortes; se o número de seus amigos era enorme, podendo contar com êles.

Poucos dias faltavam para aquêle São João. Todos aguardavam as festas que sempre acompanhavam a fogueira oferecida pelo forte fazendeiro. O pequeno povoado, como por encanto, transformara-se. Quanta ati-

pre sob um critério de alta fidelidade

Conto de
JOSÉ A. DE MOURA

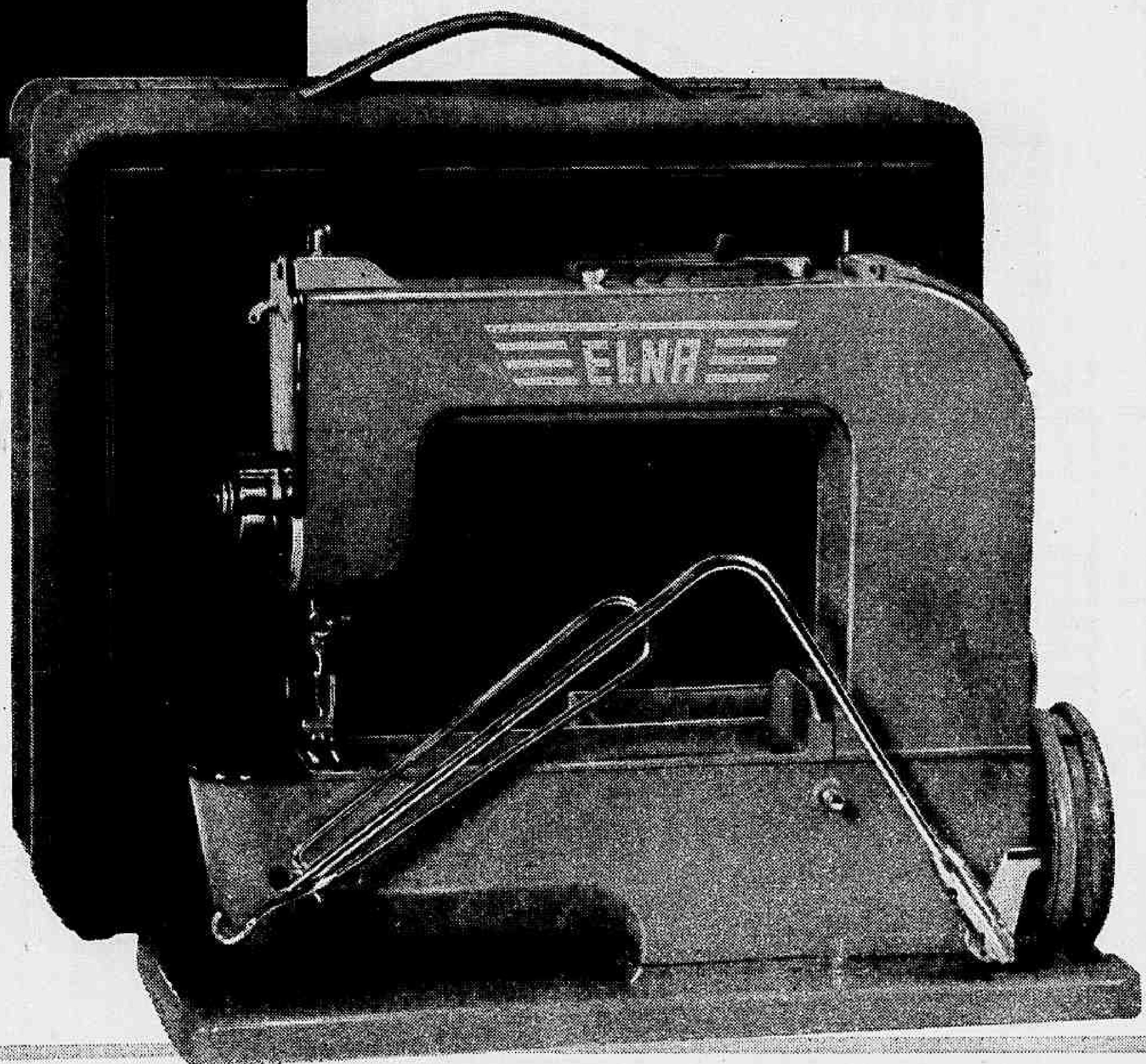
Ilustração de
ORLANDO MATTOS

SEM ENTRADA INICIAL!


Precisão Suiça.

. . . sim, pela primeira vez e durante uma temporada especial, a sra. poderá comprar uma máquina da qualidade de ELNA, sem entrada inicial e pagando-a suavemente em pequenas prestações mensais. Visite sem demora a loja de ELNA para solicitar uma demonstração e inscrever-se nesse novo sistema de pagamento, antes que seja tarde.

ELNA




Assistencia técnica permanente.


Demonstrações em sua casa, sem compromisso.

ELNA É MODERNA,
ELÉTRICA,
PORTATÍL.

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro	Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo	Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8151
Belo Horizonte	Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre	Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife	Rua da Concordia, 143
Curitiba	Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora	Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos	Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador	Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515
Bauru	CASA DOS FIOS - Rua Batista de Carvalho, 5-26
Fortaleza	CASA PARENTE - R. Guilherme da Rocha, 203/213 - Tel 1503
Campinas	CASA DOS FIOS - Rua 13 de Maio, 729

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.

Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: .... Tel.: ....

Estado: ....

RBI 123

Variados

AS praias e os esportes já começam a merecer as atenções das mulheres elegantes, os dias quentes de sol, que se aproximam, começam a faze-las pensar num guarda-roupa adequado. Aqui estão pois algumas sugestões, as mais modernas, que Paris nos envia. Algodão estampado, em côres vivas e alegres, será o tecido preferido na próxima estação.













À sombra das moças-fantasmas

AS moças-fantasmas, a loura de Petrópolis e a morena de Niterói, encontram-se no Além, depois de terem encantado por alguns momentos e assustado por tôda a vida dois rapazes que viram naquelas lindas notívagas, à hora macabra da meia-noite, a possibilidade de uma aventura de amor, acabando por se meter em um cônto de Hoffman: depois de rápidos momentos de palestra, as moças dirigiram-se para o cemitério, atravessando os portões, como se fossem feitas de nuvens... A loura de Petrópolis sorriu com a sua boca sem dentes, cheia de fosforecensa azul (conforme a viu o galã petropolitano), e disse à moreninha insinuante que saíra a passear, deixando na clara noite niteroiense, a sua tumba de Maruí:

— Então, você também resolveu passear entre os vivos? Romantismo ou curiosidade?

— Resolvi... Depois do sucesso que você fêz, achei que, afinal, devia ser bom voltar um pouco à vida e arranjar um "pequeno..." O pior é que os rapazes de Niterói estão muito comportados, deitam muito cedo... E não pude arranjar um bonitão que trazia de ôlho, um da turma de Icaraí... Mania de atletismo: êsses moços altos, morenos e simpáticos, com essa coisa de serem fortes, deitam-se com os pardais e madrugam na praia... Afinal, sempre encontrei aquêle operário com mania de notambulismo, você leu?

— Li, sim... Achei graça de êle ter ido dar parte à polícia... Naturalmente, pensa que a gente é trouxa... Você não viu o estardalhaço que arranjou aquêle rapazinho de Petrópolis? Assim, saiu perdendo: nunca mais me encontrará... O coitado nem tem automóvel, me obrigou a uma incômoda viagem de onibus e acabou pondo a perder a mais linda aventura da sua vida e da minha morte... Alem disso, é um namorado muito desenxabido... Fala tanta banalidade, meu Deus...

— Mas você marcou mesmo outro encontro com êle?

— Marquei... Estava até disposta a fazer do caso um amor imortal... Imaginava trazê-lo para o meu túmulo, uma bela noite de luar... Falar-lhe de nosso outro mundo... Contar-lhe a paisagem e as almas... Mas o tolo teve mêdo, não resistiu a prova de amor que exigi dêle... Apenas descobriu quem eu era, saiu correndo, perdeu a fala e, até hoje, anda apavorado...

(Continua na pág. 50)

Juvenis





GRACIOSO MODÊLO em organza branca, para mocinhas, decote amplo, saia rodada, com aplicações horizontais em todo o modêlo. Rosa branca enfeitando o busto.



SUGESTIVA CRIAÇÃO, para noite também em organza branca, com aplicações de vidrilho, decote bem original. Notar a exótica colocação das flores no braço.

PARA as festas de fim de ano, que já se aproximam, aqui encontrará você, presada leitora, algumas sugestões para sua escolha. Os modelos apresentados deixam transparecer em suas linhas uma simplicidade marcante, aliada ao bom gôsto. Tecidos leves, como tule, organdi, organza e outros, são os mais indicados para a confecção dos mesmos.



ORGANDI BORDADO, foi o tecido escolhido para êste simples, porém, bem sugestivo modêlo. De linhas bastante singulares, é o modêlo ideal para jovens.



EM TULE branca temos na página ao lado esta vistosa criação, de inspiração grega, decote sugestivo, saia ampla, e flores vermelhas no busto e na cintura.

INAUGURADAS AS NOVAS INSTALAÇÕES DO "SALÃO CARLOS GOMES"



TEVE ampla repercussão nos círculos sociais a inauguração das novas instalações do Salão Carlos Gomes, que se notabilizou por ser o mais freqüentado pelos nossos artistas de rádio, teatro e cinema. O Sr. José Lemos, o dinâmico proprietário do Salão, compreendendo que as antigas instalações localizadas numa das lojas do Teatro Carlos Gomes não davam mais para comportar o grande número de clientes que o procuravam, tratou de organizar um novo salão, numa das enormes



salas que ficam na entrada do Cinema Moderno, à rua Pedro I (em frente ao antigo salão), com aparelhamento dos mais modernos, oferecendo confôrto e higiene à sua distinta clientela. As fotos que ilustram esta nota, foram colhidas no dia da inauguração, vendo-se, ao alto, numa troca de brindes, o Dr. Domingos Segretto, Armando Pereira, Dr. Bastos, e Sr. e Sra. José Lemos. Na foto do centro, outro flagrante das pessoas presentes e, em baixo, o Salão Carlos Gomes já em pleno funcionamento.





WEEK-END

PUDIM DE LARANJA

140 gr de açúcar, casca ralada de uma laranja, 140 gr de avelãs raladas, 4 ovos, 1 colher de sopa de caldo de limão.

Batem-se as gemas com o açúcar e a casca de laranja, juntam-se as avelãs, o caldo de limão e as claras em neve. Põe-se a massa em fôrma untada e assa-se durante 25 a 30 minutos.

RECHEIO DE QUEIJO PARA SANDWICHES

2 xícaras de queijo ralado, ½ xícara de leite, 1 punhado de castanhas do Pará.

Cortam-se as castanhas do Pará, e passam-se na máquina de moer. Mistura-se tudo e com esta massa untam-se os sanduíches, que devem ter sido prèviamente barrados com manteiga e mostarda, e que se cortam, depois, do feitio que se quiser.

APERITIVO

Rala-se um queijo bom e forte e mistura-se com manteiga. Untam-se com esta mistura fatias pequenas de pão de sanduíches. Levam-se ao forno quente, retiram-se e sorvem-se como aperitivo.

ARROZ COM AÇÚCAR E MANTEIGA

Lave 250 gr de arroz agulha, deite numa caçarola, ponha 1 pitada de sal, cubra com pouca água quente, tape e leve a cozinhar sem mexer. Deixe ficar bem sôlto. Na hora de servir, despeje bem quente num bonito prato de porcelana e ofereça ao mesmo tempo, em separado, manteiga e açúcar, para que cada comensal tome quanto queira.

SOUFLES DE FÉCULA

Desmanche 2 colheres de fécula de batatas em 2 colheres de leite frio. Leve a ferver 3 xícaras de leite e despeje sôbre a fécula. Junte ½ colher de manteiga, sal e leve ao fogo para fazer um mingau. Depois junte fora do fogo 2 colheres de queijo ralado, 3 gemas e 5 claras em neve. Despeje numa fôrma de porcelana, untada de manteiga, e polvilhada de queijo, e leve a assar durante uns 10 minutos e sirva logo se quiser, adicione um pouco de passas sem caroços; assenta muito bem e dá um sabor especial. Sirva como acompanhamento de carne. Para 12 pessoas faça o dôbro.

SOPA DE FUBÁ COM PRESUNTO

Quando fizer o caldo, junte a quarta parte de um repôlho, e um pedaço de presunto cru. Antes de coar, retire o presunto e o repôlho, parta aos pedaços e torne a juntar ao caldo coado. Faça uma parte um mingau de fubá de milho bem fresco, com água, sal, 1 colherzinha de manteiga e deite a esfriar num prato fundo. Depois de bem frio, corte em fatias, deite na sopeira e despeje por cima a sopa bem quente.

FIGADO AU BEURRE-NOIR

Parta 1 kg de fígado de vitela em bifes finos do mesmo tamanho e tempere com sal. Deite 4 colheres de vinagre numa frigideira e leve ao fogo deixando quase até secar, junte 2 colheres de manteiga com ½ colher de salsa picadinha e deixe no fogo até mudar de côr, para então aí fritar os bifes de ambos os lados. Sirva bem quentes, e no meio do prato deite um monte de batatinhas cozidas com cascas, mas já então descascadas e passadas na manteiga. Enfeite com raminhos de salsa.

CAMARÃO COM QUIABOS

Ensope 1 kg de camarões. Depois adicione rodelas de quiabos em igual quantidade de camarões, tape a panela, e deixe cozinhar. Ao retirar do fogo, junte algumas pimentas e 1 colher de azeite de dendê. Sirva com o angu de fubá ou arroz.

TORTA DE NOZES

6 ovos, 300 gr de açúcar, 100 gr de nozes moídas, 4 colheres de farinha de biscoito, 1/4 de quilo de ameixas, 1 xícara de açúcar.

Batem-se bem os ovos, põe-se o açúcar e bate-se ainda, muito bem. Quando estiver bem batido, acrescentam-se as nozes moídas, a farinha de



biscoito e vai ao forno em duas fôrmas, untadas com manteiga e farinha de biscoito.

CREME DE AMEIXA

1 garrafa de leite, 4 claras, 8 colheres de açúcar, 8 gemas, 250 gr de ameixa, 1 cálice de vinho do Pôrto.

Batem-se primeiro as gemas com o açúcar, depois as claras em ponto de neve. Mistu-

NA COZINHA

ra-se tudo e vai ao forno, em banho-maria, numa fôrma untada com manteiga. No outro dia, depois de bem frio, retira-se da fôrma e cobre-se com merengue ou nata batida, que sendo mais barata é, entretanto, melhor.

GELATINA ORIGINAL

6 ovos, 1 caixinha de ambrosina branca ou 10 fôlhas de gelatina branca, 1 litro de água, caldo de compota de abacaxi ou pêssego.

Faz-se uma gemada com os ovos, acrescenta-se a caixinha de gelatina já dissolvida e ½ litro de água ou de leite e mais 3 fôlhas de gelatina branca (quando não se pode obter gelatina de caixinhas, usam-se nove fôlhas de gelatina comum). Dissolvem-se 7 fôlhas de gelatina branca em ½ litro de água. Perfuma-se bem a gelatina amarela com essência de baunilha. Tomam-se pratinhos individuais de sobremesa. Em cada um se põe um pouco da gelatina branca, de modo a formar um círculo, como o que faz a clara de um ôvo estalado. Quando estiver gelada, põe-se sôbre ela uma roda menor de gelatina amarela e se deixa no refrigerador para gelar. Depois de pronta, deve dar a ilusão perfeita de um ôvo estalado. A gelatina branca é feita com calda de compota de abacaxi ou de compota de pêssego, caso se queira imitar o ôvo cru. Preferindo-se a aparência de ôvo cozido, faz-se a gelatina com leite.

LICOR DE ABACAXI

1 litro de álcool de 40°, 1 quilo de açúcar, casca de abacaxi.

Põem-se as cascas de 1 ou mais abacaxis em fusão, dentro do álcool ou caninha bem clara, deixando aí ficar um mês ou mais. Vão-se substi-



tuindo as cascas antigas por outras novas, a fim de intensificar o sabor. Continua-se a proceder como para qualquer outro licor. Côa-se e filtra-se.

CHUCHUS RECHEADOS

Aferventa-se alguns chuchus em água com sal, escorre-se, tendo-se cuidado para que não amoleçam demais, e descasca-se: parte-se ao meio pelo comprimento, tira-se um pouco do centro de cada metade, e enche-se a cavidade formada com um recheio de picadinho de carne, de frango e de camarões. Arruma-se as metades dos chuchus assim recheados num prato de forno, polvilhando-se de parmezão ralado, rega-se com manteiga derretida, levando se ao forno para corar. Servem-se quentes. Muitas pessoas costumam cobri-los com um môlho de tomates ao servi-los.

SALADA DE TOMATES COM ANCHOVAS

Escolhem-se tomates grandes, chatos, verdolengos, e cortam-se em rodelas grossas temperando-se com qualquer môlho para salada. Depois de temperados, arrumam-se as rodelas de tomate numa travessa, coloca-se sôbre cada rodela uma anchova, enfeitando-se a volta da travessa com pedaços de ovos cozidos, montinhos de alface picada bem fininha e azeitonas grandes. Guarnece-se tudo com môlho de maionese.

CARNE SÊCA GUISADA

Põe-se a carne de môlho de véspera e, depois de bem lavada, corta-se em pedacinhos. Leva-se ao fogo uma panela com gordura, cebola picada, tomates partidos, pimenta do reino e alho; refoga-se tudo, junta-se a carne picada, refoga-se mais um pouco, junta-se um copo de água e abafa-se, deixando a panela em fogo brando. À medida que a água fôr secando, vai-se juntando mais, aos poucos, até que a carne sêca fique bem mole. Tempera-se de sal se fôr preciso. Quando a carne ficar com um pouco de môlho e estiver bem macia está pronta para ser servida. Serve-se um pirão de farinha de mandioca.

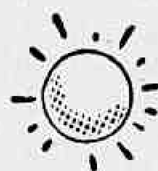
RECHEIO DE GALINHA

Cozinha-se a galinha como para croquetes. Feito isto, descarna-se os ossos, desprezando as peles. Depois, pica-se a carne obtida em pedacinhos (se o recheio fôr para pastéis, empadinhas, panquecas ou pães) ou deixam-se os pedaços como ficaram ao se descarnar os ossos se o recheio fôr para torta. Em seguida, refoga-se em gordura ou manteiga, com cebolas batidinhas e tomates, junta-se o caldo em que a galinha cozinhou, engrossando com farinha de trigo desmanchada à parte. A êsse recheio mistura-se palmito cozido à parte ou de lata (picado), "petits-pois", azeitonas, ovos cozidos, picados, salsa picadinha, pimenta a gosto e, também, espargos ou champignons.



Brilhará em seu colo durante anos...

— **Porque é feito de Pérolas** *Sparta*



Este novo colar brilhará em seu colo durante anos seguidos! São Pérolas Sparta, que não descascam... porque contêm extrato de Hareng — a mágica substância que fixa o brilho das pérolas! Procure ainda hoje êstes maravilhosos colares, em sua loja de bijouterias. Você os reconhecerá pela beleza... e pelo nome Sparta gravado na etiqueta de luxo!



Produto da Inbrapel Limitada
ESCRITÓRIO SPARTA: AV. RIO BRANCO N.º 20 - 19.º ANDAR
TEL. 23-1063 — RIO DE JANEIRO



TOUROS BRAVOS

A "plaza de toros" de Cuenca, pequena cidade distante uma noite por trem de México City, é um lugar deserto durante tôda a semana. Mas nas tardes de domingo converte-se em um poderoso imã, atraindo centenas de pessoas de tôda a cidade e cercanias. E hoje, nêste dia 4 de dezembro, no Festival de Santa Barbara, ainda está mais repleta que o costume. E' que Luis Bello vai lidar os touros bravos de Las Astas, diante dessas cinco mil pessoas que pagam, frementes de emoção, para contemplar o espetáculo da morte ao entardecer...

★

Esta "corrida" de 4 de dezembro foi criada numa manhã que já vai longe, quando Eládio Gomez, o empresário da "plaza de toros", prometeu imprudentemente aos seus amigos e companheiros, "algo de especial" para o Festival de Santa Barbara, a grande data da pequena cidade. Quem seria o toureiro? Perguntaram todos, curiosos. "Luis Bello", respondeu Eládio com ar de superioridade. O nome do famoso "matador", o mais caro do país, havia-lhe ocorrido sem que êle soubesse bem por que. E agora Eládio tinha de apresentá-lo ou servir de alvo do riso de tôda a cidade.

Entretanto, a centenas de milhas de distância, Luis Bello ignorava a jatância de Eládio, muito ocupado em tourear em La Pascua. Ovações gigantescas saúdam suas "sortes de capa" quando o touro se inclina, volve à carga numa nuvem de pó e Luis Bello é atirado a distância. Domina o terror que o assalta e volta ao meio da arena, pronto para o combate. O homem mata a fera, embora ferido em uma perna. Mas depois vê-se obrigado a retirar-se para o rancho de sua mãe, em Guerreras, para descansar e restabelecer-se.

Na casa de campo, Luis recebe a idolatria de Pepe, o seu irmão menor, que sonhava tornar-se um dia também um grande "matador". E alí fica várias semanas, até que um dia recebe um chamado telefônico da México City. Um dos principais toureiros havia sofrido um grave aci-



(The Brave Bulls))

ELENCO

Luis Bello	Mel Ferrer
Linda Calderón ...	Miroslava
Raul Fuentes	Anthony Quinn
Pepe Bello	Eugênio Iglésias
Eládio Gomez	José Torvay
Raquelita	Charlita

e ainda uma centena de figurantes.

Produção de Robert Rossen

Baseado na mundialmente famosa novela de Tom Lea.

Distribuição da Columbia



dente na arena e êle, Luis, devia substituí-lo no próximo domingo, na "plana" da grande cidade. Luis toma um avião e Pepe, acompanhado de uma improvisada "cuadrilla", segue o mesmo rumo em um velho automóvel.

Em México City, Luis Bello é recebido pelo seu elegante secretário Raul Fuentes e todos os membros de sua "cuadrilla". Todos têm compromisso para aquela noite e o "matador" vai jantar acompanhado apenas de Raul. Aborrecido, entra numa cantina de categoria duvidosa e ali encontra um grupo de pessoas elegantes que, seguramente, andavam em busca de emoções. São amigos de Raul, que os apresenta a Luis. Entre êles a aristocrática Linda de Calderón, que exerce desde longo tempo uma poderosa fascinação sôbre o toureiro e que divide as suas atenções entre êle e o elegante Raul.

No dia seguinte, ainda no leito, Linda recebe um chamado telefônico de Luis e recusa-se a atendê-lo. O toureiro procura Raul e êste lhe explica que êle e Linda são apenas amigos. A conversação é interrompida por Eládio Gomez, o empresário de Cuenca. Já havia procurado Luis Bello muitas vêzes e suas propostas tinham sido sempre recusadas. Mas em seu singular estado de espírito o famoso toureiro aceita agora o contrato, impondo apenas duas condições: o seu irmão Pepe devia compartilhar com êle das honras devidas a um "matador" completo e os turos seriam da mais fina raça do México. Eládio aceita.

Partem todos para Cuenca, Raul levando Linda de Calderón. Vão visitar uma fazenda de criação, passam juntos a tarde. Linda sabe que Luis Bello é um camponês rude, mas sente-se fascinada por êsse homem valente, moreno e apaixonado. Jantam juntos em um restaurante elegante, depois Luis a leva à casa e ela cai em seus braços, num beijo ardente. O "matador", pela primeira vez desde a morte de sua jovem espôsa, sente uma emoção tão intensa quanto a de enfrentar os touros bravos nas tardes de domingo.

A êsse tempo Eládio Gomez ia ao rancho Las Astas, onde se criavam os mais belos e finos animais do México. Hospeda-o o dono do rancho, Don Tibúrcio Balbuena, grande de Espanha. Eládio, pequeno empresário, sabe que não pode apresentar um programa igual ao do México City, com três "matadores" e seis touros. Mas em seu amor pelas touradas procura compensar a quantidade pela qualidade. Dois "matadores" — os irmãos Bellos. E quatro touros de Las Astas. Apesar de tudo, êle não tem dinheiro suficiente para comprar os animais. Mas convence Don Tibúrcio a cedê-los, incluindo um touro negro hirsuto, magnífico — El Brujo.

Voltam a Cuenca e passam o tempo escutando pelo rádio uma tourada que se realiza em México City. Luis não está de sorte. Seu velho amigo Juan Salazar, "el flaco", é atacado por um touro o recebe uma chifrada fatal. Morre na arena.

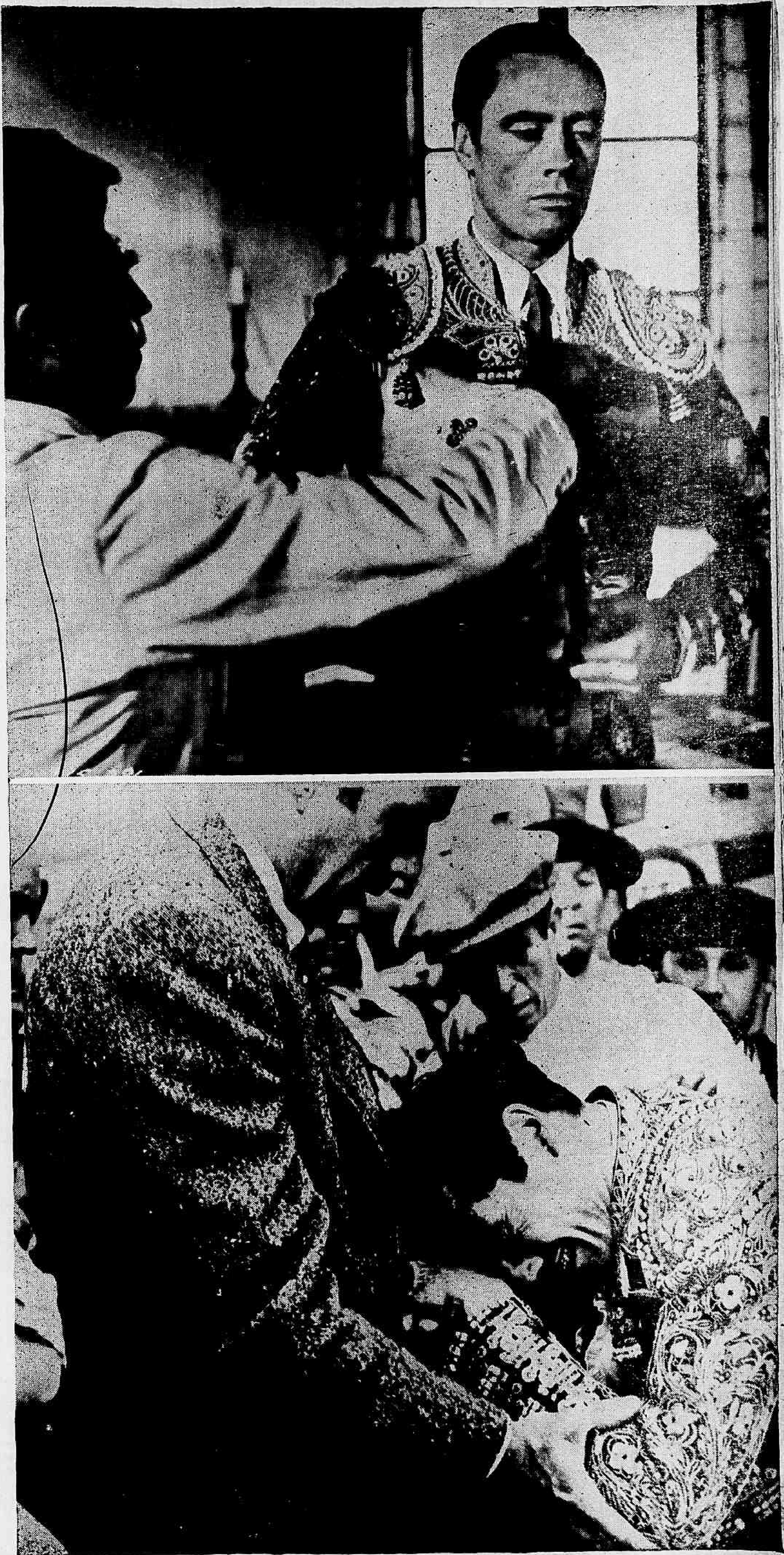
Afetado pela morte de Salazar, preocupado com sua carreira, Luis Bello decide não ver Linda até ao dia da tourada. Mas não pode resistir... Conta a moça como se elevou desde o seu pequeno povoado até a glória da "plaza de toros" do México. Um garôto de aldeia que havia tornado-se "a espada de Guerreras..." e tudo isso devia a seu amigo Raul Fuentes. Entretanto Raul exige de Linda que não veja Bello, no próprio bem do toureiro diz êle. E Luis solitário, vai passear em Gualdalajara. Quando volta Pepe está a sua espera na estação. Tinha mais notícias. Raul e Linda haviam-lhe pedido o velho carro emprestado, para um passeio pelos arredores. Um golpe de direção, um desastre... e ambos haviam morrido! A morte de ambos foi um golpe tremendo para Luis. Mas o que mais lhe doía não era a morte. E' que só agora êle compreendia que havia entre Raul e Linda alguma coisa mais que simples relações de amizade. Havia amor. E o "matador" sente que a morte penetra em sua alma.

A' noite Pepe e seus amigos o vão encontrar no cabaré de Mamacita, bêbedo e violento, quebrando tudo como um louco. As mulheres estão num canto, apavoradas ante o furor do toureiro. Não! Êle nunca mais lidará com touros! Pepe sente que aquela seria a única oportunidade de êle próprio tornar-se um "matador" e decide não perdê-la. Promete a Eládio que Luis toureará.

Chega o domingo, com a procissão de Santa Bárbara, e, depois a multidão de devotos se espalha e enche a "plaza de toros" até à última arquibancada. Os "matadores", ao som da Macarena, iniciam o seu passeio pela arena, seguidos de suas quadrilhas e dos picadores a cavalo. Lá está Luis Bello — o primeiro touro é para êle. A multidão o aclama, delirante.

Mas algo se passa com Luis. O "matador" está desvairado pelo mêdo, pelo terror. Lida como se fôra um aprendiz. A multidão o apupa e êle foge diante do touro, saltando a cêrca. Vai para a enfermaria e enquanto lava os olhos, ouve o público aplaudindo delirantemente. Volta à arena sem que ninguém o note. E vê Pepe, elegante e deste-

(Continua na pág. 54)



SAÚDE DO BEBÊ

A PUBERDADE - IDADE CRÍTICA DA CRIANÇA

Dr. SABOIA RIBEIRO

A puberdade é o período que se coloca entre a infância e adolescencia, iniciado, em geral, aos doze até dezesseis anos na menina, e aos quatorze até dezoito anos no menino, período que se acompanha de modificações já de natureza morfologica, já fisiológica, e psiquica, ao cabo das quais está transformada em adolescente.

Dentro do período da puberdade observa-se um como pulo sensível do crescimento; nas meninas ocorre principalmente entre os doze e quinze anos; nos meninos, dos quatorze aos dezessete anos. Mas, essa fase de crescimento sensível é precedida, em condições normais, de uma outra em que se observa, antes, uma diminuição ou parada do mesmo — o que é, aos onze anos, na menina, e aos doze, nos meninos.

Êsse detalhe tem importância, porque, ás vêzes, causa certa impressão, na familia, quando se trata de um fato antes fisiológico, natural, dentro do rítmo normal do crescimento do indivíduo.

O impulso do crescimento, observado na puberdade, é mais pronunciado nas meninas, maxime no da bacia, marcando aquêle traço que os poetas denominaram, com uma intuição perfeita, de menina e moça, desde longos anos. Aumento dos seios, mudança da voz, desenvolvimento do sistema piloso, completam o quadro da puberdade.

Interessante notar, de referência ás modificações da voz, que, na mulher, ela toma um tom mais elevado, ao passo que, no homem, ela se torna, a princípio, rouca e desafinada, e mais tarde, baixando de tom.

Cumpre estar advertido de certas modificações que podem dar lugar a pequeninos acidentes, nessa fase, como as palpitações, a dispnéa (certa dificuldade respiratória) e as lipotimias (leve perda dos sentidos). A um exame mais profunvamos encontrar outras modificações não menos fundamentais.

O coração aumenta de volume. O pulso torna-se mais lento, pois anteriormente batia 90 vêzes no minuto, em ambos os sexos, e agora uma média de 75 e 82, respectivamente no menino e menina. De sua vez, baixa também o número de movimentos respiratorios, que se fixa, então, em 20 e 21, como no adulto. No crescimento operado na puberdade subsiste, porém, um como desequilíbrio das diversas partes do corpo: com efeito, enquanto os membros crescem, o tronco se mantêm curto e estreito. Por outro lado, a musculatura se conserva delgada, todo êsse tempo.

Terminada a puberdade, mudam-se os têrmos: o torax retoma o crescimento, a musculatura se enche, e então adquire o corpo, num e noutro sexo, as suas definitivas proporções.

O conhecimento do rítmo do desenvolvimento, na puberdade, deve ser familiar aos espiritos, para bem interpretar suas particularidades que, por êrros de comparação, podem causar inquietações e falsas idéias. A êsse respeito, é preciso ter em mente que vários fatôres e de natureza deversa podem atuar de modo a tornar a puberdade mais precoce ou mais retardada, ativá-la ou prolongá-la. O clima, a raça, a herança, os costumes, a constituição pessoal, a alimentação, gênero de vida e educação.

Sob a influência de tais fatôres acontece, muitas vêzes, que duas crianças da mesma idade, dentro do período da puberdade, apresentem um desenvolvimento e pêso diversos, sem que isso denuncie qualquer anormalidade.

Não menos importante de conhecer, no período da puberdade, é um como desequilíbrio que atinge ambos os sexos, o qual leva o rapaz a não estudar, ser turbulento, desordenado, e a menina a exagerar suas qualidades boas ou más, originando-se, daí, muitas vêzes, a timidez, a insociabilidade e o misticismo religioso.

Mas isto passa, nos casos normais, ao completar-se o período da puberdade (16 na mulher, 18 no homem).

Tomam lugar, porém, outros sentimentos que, dessa vez, marcam a psicologia do adolescente, e da qual faremos um breve resumo.

No rapaz, há um manifesto exagêro do amôr próprio, uma grande confiança em si mesmo, que atinge à própria vaidade.

Os sentimentos de alegria e tristeza, admiração e desprêzo, amor e ódio alcançam logo ás últimas. Na moça, predomina a tendência a enfeitar-se, a dedicação, o sacrifício. E prefere a glória à riqueza, a honra aos proveitos, o belo ao útil. E' uma encruzilhada difícil se anteriormente não foi a criança conduzida de modo a neutralizar as suas tendências negativas, tornando o seu comportamento, a essa altura dos anos, mais susceptível de contrôle.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

F. A. Nesta — Ao 18º até 30º mês o almôço de seu filhinho pode ser: 1º prato. — Um ôvo cozido ou omelete, ou mioles, e sopa em caldo ou purê de legumes, de uma só espécie ou misturados.

2º prato: Carne de vaca ou vitela cortada em pedaços ou fritada com tomates ou como empadas (as duas últimas qualidades duas vêzes por semana).

Também duas vêzes por semana: 50 gramas de peixe branco, quer cozido, frito ou em empadas.

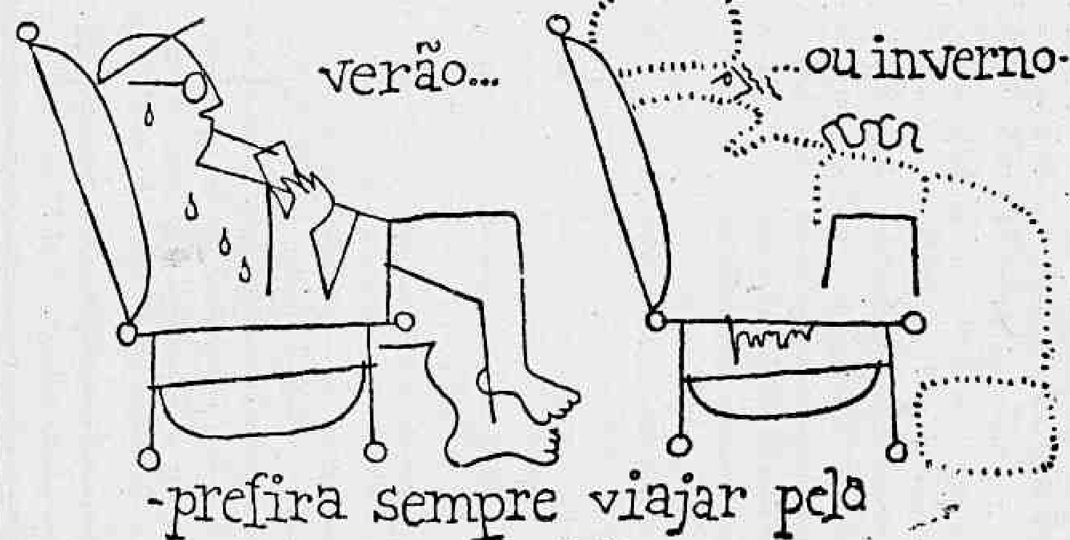
Uma vez por semana: Miolos cozidos ou feito omelete, ou presunto cru e magro, bem fragmentado.

Como sobremesa, frutas, creme.

V. N. Taubaté — Não é fácil diagnosticar no caso presente. Não se esqueça, porém, que a criança alimentada corretamente é, em geral, socegada. Assim está acontecendo com o seu bebê?

M. S. Realengo — Se seu bebê, com diz, já está no quarto ano e anda constantemente resfriado é mais do que provável que êle tenha vetações e amigdalas crescidas que estão exigindo tratamento com o especialista. Aliás, quero crêr exista necessidade de um tratamento geral e certas modificações de seu regimen.

Nota — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirija para a REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio. Secção A Saúde do Bebê.



Cruzeiro do Sul



ILUMINADO

(Cont. da pág. 32)

vidade, todos se preparando para as missas na igreja, limpando a roupa escura, que ia bem com a atitude humilde e respeitosa que se mantém perante um altar; todos se enfeitando para os bailes a sanfona, onde a diversão inocente prometia horas de passatempo agradável. As doceiras iam e vinham das vendas, para preparar os gostosos doce de leite ou os bolinhos de farinha, para vender pelas esquinas. Tanto se preocuparam com os divertimentos que esqueceram o inverno rigoroso daquele ano. Da noite para o dia, adeus plantações de milho, adeus lavouras de café, adeus culturas de arroz. Tudo queimado e destruido pela inesperada geada. Esta colheita, que o Madeira contava como certa, daria margem suficiente para cobrir as grandes despesas feitas sob hipoteca para a introdução de diversos melhoramentos em sua fazenda. Credores gananciosos, cobranças judiciais, penhora. Resultado: Tudo perdido.

— "Só sinto não poder acender a fogueira" — lamentava o Madeira.

Foram estas as únicas palavras que se ouviram. Até os amigos certos que êle podia procurar para salvá-lo da angustiosa situação foram esquecidos. Como as suas fogueiras, que viviam pouco tempo, assim foi a existência do Madeira. Acabrunhado pelos acontecimentos, retirou-se do povoado. Raramente era visto. As noticias a seu respeito foram escasseando até que o seu nome caiu no esquecimento. Muitos anos depois, apareceu aqui um crioulo, tropeiro de uma fazenda distante, com uma noticia. Numa velha choça, perdida na Mata do Coração, foi encontrado um homem morto. Quando o representante das autoridades lá apareceu para tomar as providências necessárias, soube-se que era o cadáver do Madeira.

Causou geral consternação saber-se que o velho, que durante anos sempre se viu cercado dos que o procuravam para pedir, falecera na miséria, sem ter quem lhe fechasse os olhos e — o que ainda é mais triste — sem um cristão que lhe acendesse uma vela, cuja fraca claridade lhe alumiasse a escuridão da morte.

O RAPTO

(Conclusão)

Tornei ao lar, carregando o cadáver de Constança. No dia seguinte fui aprisionado. Imputaram-me a posse da arma, um empregado de Peixoto, a falsa testemunha, jurou, diante do Conselho de Sentença, de que Peixoto fazia parte, que me vira açular o cão contra o fugitivo, a quem, antes, eu alvejara, quando êle viera buscar a noiva... No dia do julgamento ouvi apático e atormentado todo o incongruente libelo acusatório. Um sorriso simiesco incendiou a face deslavada do clínico Peixoto, logo que o tribunal provinciano proferiu a sentença, baseado no que êle chamava provas da influência culposa... Peixoto exultou, orgulhoso de sua obra. Estava feliz... Tive compaixão daquele ser de coração tão duro. Condenaram-me a 25 anos de prisão...

Assim, cometi o crime de agasalhar em minha casa uma pobre tísica, exuberante de ternura, frágil, débil e hemóptica!!! Há 20 anos faço-me cruciantes perguntas, só o silêncio responde. Amava-me Constança? Como justificar sua presença na charrete fatal? Dissimulava a deliberação de abandonar-me ou acompanhou o ex-noivo sob ameaça, temendo a minha morte, adormecido e despreocupado? Que me teria explicado no último momento, se a morte não se opusesse, a renúncia ou seu amor? Preferia ela o moço ao velho? Por que perdão? Esta suspeita morrerá comigo...

— Vamos... Sossegue, está muito nervoso... Fume outro cigarro, vamos entrar; a campainha já tocou. Enxugue os olhos, tome o meu lenço... Ela muito o amava, o amor verdadeiro é imorredouro e não tem idade, não tenha dúvidas... Vamos, a noite vai ser fria...

Leiam a CENA MUDA

REVISTA SEMANAL
DEDICADA AO

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA





O "GUIA DAS MÃES" EM SUA 11ª. EDIÇÃO

UMA OBRA QUE PERDURA PELO TRABALHO INFATIGÁVEL DE UMA ESPÔSA

O Dr. Germano Wittrock, acatado e conceituadíssimo clínico pediatra que o Rio de Janeiro conheceu e admirou, pelo seu notável e infatigável esfôrço em prol de uma infância sadia e fisicamente perfeita, encontrou sempre em sua boníssima e inconsável espôsa, D. Eunice Pimentel Wittrock, uma companheira valiosa e entusiasmante que o fazia mais ainda trilhar o caminho da ciência e do bem. Com sua dedicação de todo o momento, com a sua ajuda prática, seja atendendo a qualquer mãe aflita, pelo telefone, enquanto seu marido tardava, seja amparando-o moralmente no lar, quando a fadiga era excessiva, por todos os modos, enfim, lá estava D. Eunice Pimentel Wittrock no seu papel valioso de mulher de médico, de mãe que compreendia as outras mães e de enfermeira, quando preciso fôsse.

Entre os trabalhos que o Dr. Wittrock, a par da sua clínica e desvêlo pela infância, cuidou, o "Guia das Mães" está em primeira linha. E' o repositório de todos os ensinamentos que êle cuidadosamente reuniu e ministrava às mães, pessoalmente, na sua clínica de pediatria. Neste livro valioso, encontram-se, página a página, todos os informes e tôdas as diretrizes para fazer dos filhos organismos sadios, felizes e perfeitos. E, neste livro, cuidadosamente preparado, e dedicado à infância, a mão e o pensamento de D. Eunice Pimentel Wittrock está em cada página e em cada linha. Era o desvêlo de pai, o cuidado de mãe que se transportavam, naquele livro, do seu próprio lar para os lares de todo o Brasil.

O livro continua a sua missão educativa pelo Brasil afora. Edição sôbre edição é posta fora do prelo, numa demonstração de que, em tôda parte, é êle esperado, recebido e lido com ansiedade. E, para que a obra perdurasse e se mantivesse a serviço da coletividade infantil, mister se fêz que D. Eunice Pimentel Wittrock, não só para manter bem vivo o nome do reputado clínico mas também para satisfazer às necessidades de tôdas as mães, que procuram, muitas vêzes debalde, ensinamentos corretos, que ela fugisse da sua comodidade, dos seus lazeres, para se dedicar ao trabalho de recompor, a cada período, o "Guia das Mães".

E' justo que façamos todos os elogios a quem se tem empenhado a fundo para o triunfo de um livro cujo objetivo é orientar a criação de uma infância sadia e apta para a grandeza do Brasil de amanhã.

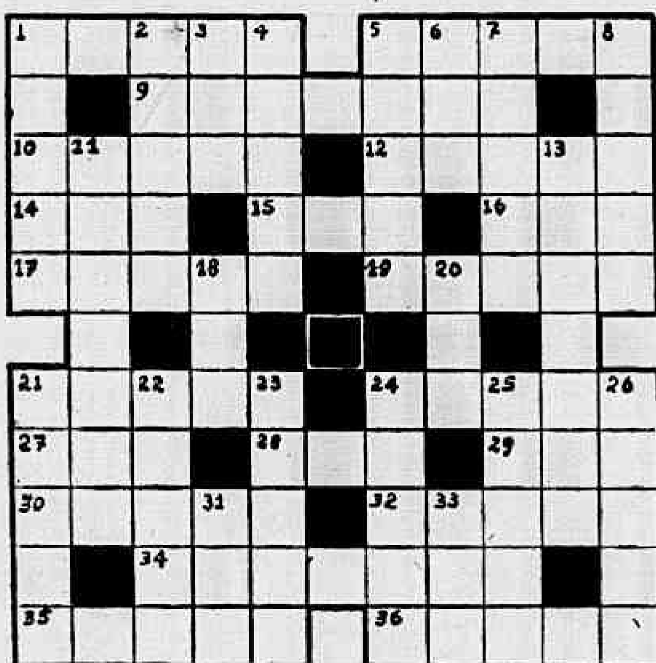
Que as mães brasileiras se apercebam do trabalho inestimável prestado por D. Eunice Pimentel Wittrock e roguem a Deus para que a ilustre dama possa ainda reimprimir por muito tempo êsse imprescindível "Guia das Mães" que é, afinal, um verdadeiro tesouro em cada casa.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 72 -- PARA VETERANOS

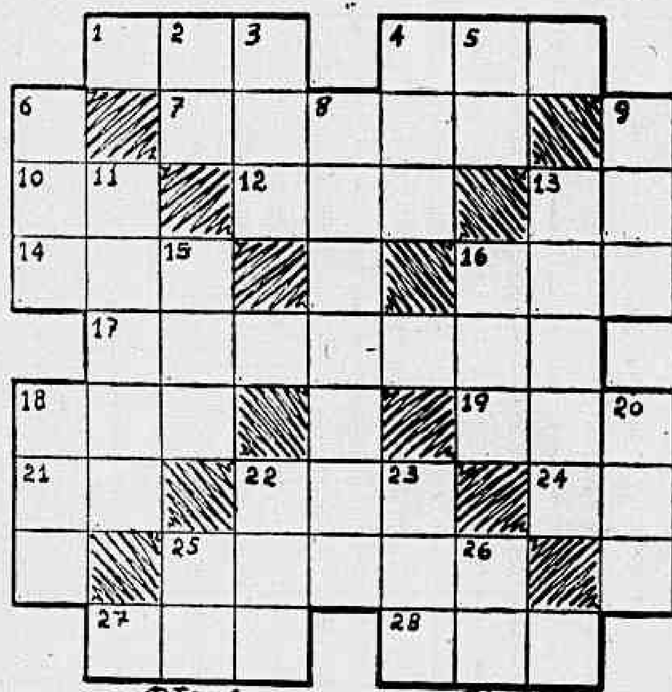
HORIZONTAIS: — 1. Brio — 5. Armadilha — 9. Detestáveis — 10. Relativo ao cúbito — 12. Indígena da tribo que habitava as margens do rio Piraparaná — 14. Rio da Rússia, tributário do mar Branco — 15. Moeda do Iran — 16. Cidade da França, no dep. de Bouches-du-Rhône — 17. Fomenta — 19. Relativa ao osso — 21. Vinho tirado da seiva sacarina das tâmaras do Egito (pl.) — 24. Burro de um ano — 27. Carlinga — 28. Princípio — 29. Cidade dos EE.UU. no Estado da Pensylvania — 30. Colar de contas — 32. Réstia de sol — 34. Relheiras — 35. Mete em dificuldades — 36. — Árvore da família das Leguminosas.



VERTICAIS: — 1. Vadadeira — 2. Remoto — 3. A tenda considerada como um lar — 4. Range os dentes — 5. Mulher formosa — 6. Tapeçarias antigas e valiosas — 7. Último rei de Israel — 8. Chapadão — 11. Questão — 13. Relativos ao baço — 18. Espécie de palmeira — 20. Mata-se com trabalho — 21. — Encaminha — 22. Elemento grego, que significa longo — 23. Alparca — 24. Pedreira — 25. Impressão moral — 26. Boa sorte — 31. Promoutório da França, na costa provençal — 33. Árvore terebintinácea, da Índia.

★

PROBLEMA N. 72 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Sinal gráfico — 4. Óxido de cálcio — 7. Impelir com o auxílio dos remos — 10. Outra coisa — 12. Seguias — 13. Prefixo que traz a idéia de posição em derredor — 14. Claridade — 16. Liga — 17. Cama de soldado — 18. Título abissínio — 19. Mau cheiro — 21. Caminhar — 22. Vazio — 24. Atmosfera — 25. Venera — 27. Unidade das medidas agrárias — 28. Membro empenado de ave.

VERTICAIS: — 2. Andar — 3. Norma — 4. Cabelos brancos — 5. Brisa 6. Moléstia — 8. Designação genérica dos moluscos comestíveis — 9. Gosta — 11. Combater — 13. Assalta — 15. Interjeição que designa procedimento rápido — 16. Rebordo de chapéu — 18. Gracejar — 20. Argola — 22. Composição poética — 23. Reza — 25. Aparência — 26. Artigo plural.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 71 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Morno — Dopo — Maré — Baré — Vida — Borboleteia — Lóculos — Baé — Ilo — Nanicas — Seguilhotes — Galo — Otão — Caso — Oslo — Safos.

VERTICAIS: — Bôlso — Morbo — Ri — Omito — Araí — Parlengas — Adesistas — Eocénio — Velacho — Babas — Lu — Alóes — Aulos — Il — Aotos — Egas — Éolo — If.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — És — Aca — Al — Malcriado — Ro — Mó — Magnético — Ab — Ir — Lacaiesco — Na — Ia — Adiantado — Rã — Rei — Os.

VERTICAIS: — Em — Sarabanda — A.C. — Crie — Ai! — Adocicado — Ise — Log — Amí — Mal — Nua — Tié — Oro — Cai — Ione — Sia — Ar — Ar — Tí — Os.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

O EXEMPLO

(Cont. na pág. 27)

gente, dotado de grande coração, Otávio gozava a sua mocidade radiante e sem cuidados; entretanto, se alguém adoecia em casa, sentia mais do que todos e, amigo da família, não abandonava a cabeceira do enfêrmo, tornando-se melancólico.

Era, pois, na hora do jantar, quando mais se exaltava o espírito irrequieto e incorrigível de meu irmão. Porém, agora tudo mudara, como se uma sombra de desgôsto houvesse caído sôbre nós; ninguém se sentava à mesa da sala de jantar para aquelas reuniões tão alegres, cada um servia-se fora do conjunto e do horário, na pequena mesa da copa, desde aquêle dia negro... O memorável dia, que felizmente já ia longe, quando Otávio saiu para não mais voltar...

Por volta das catorze horas entrou na biblioteca e insistiu em que eu o acompanhasse até ao banho de mar, na Barra do Norte:

— Cláudio, vamos à barra? O banho lá é animado, notável, ficas aí atoleimado... Logo estaremos de volta, é um pulo... Vamos?

— Não, não posso, tenho prova têrça-feira — respondi.

— Depois eu te explicarei os pontos prováveis. Vamos?...

— Não irei, vá você — retruquei.

— És um palerma! Pois irei só.

Otávio beijou mamãe, que lhe renovou um conselho, deu dois piparotes nas meninas e saiu. Da janela mamãe ainda o viu subir no bonde e, risonho, dar-lhe adeus.

À tardinha minha jovem mãe já estava inquieta com a ausência de meu irmão, êle tardava e estava quase na hora do jantar. Do banheiro ouvi o grito de Elvira Maria, seguido do de mamãe. A confusão, as correrias fizeram-me sair semi-nu para verificar que de grave acontecera. Todos rodeavam o rádio; o locutor dera a notícia: na Barra do Norte um banhista desaparecera tragado pelas vagas!... O locutor voltaria para dar outras novidades... Ninguém se entendia, minhas irmãs choravam, mamãe e vovó, muito brancas, desfaleciam; papai vestiu um casaco e ia sair apressadamente... Perturbado também, procurei acalmá-los. Ficássemos atentos e tranquilos, Otávio não era o único banhista na Barra do Norte. Por que seria êle, entre tantos? Não havia motivo seguro para receios, mortificações e lágrimas... Entretanto, o pior veio alguns minutos depois; a voz do apregoador tornou, apagando em nossos corações a luz vacilante das últimas esperanças... Assim, sabia-se agora, a vítima, cuja identidade se ignorava, bradara socorro, num clamor desesperado, e desaparecera juntamente com seu gorro azul... Gorro azul!... Otávio levara a sua coifa azul! Era êle, estava perdido!...

E' humanamente impossível a um escriba da minha estirpe a descrição fiel das cenas patéticas desenroladas, logo que ouvimos a negreganda notícia: meu pai caiu numa cadeira gritando que *não era possível*, mamãe desmaiou e tornou-se rija que só a muito custo a reerguemos depois, as meninas tremiam abobalhadas em pleno chôro, eu fiquei frio e tonto, tia Emília e vovó iam e vinham sem saber que fazer. Tudo confusamente... Eu conhecia a Barra do Norte e considerava quanto era perigoso o banho naquela região, embora fôsse ela muito frequentada e Otavinho fôsse eximio nadador.

Lá nos encontramos todos, nem sei como se deu a viagem, quarenta minutos de automóvel, ao cair da noite. Esperávamos encontrar uma esplanada aquática e não aquelas dunas móveis a quebrarem-se na praia, estrepitosamente. Permaneciam ali apenas alguns pescadores, junto de seus bancos, comentando o lamentável fato. Trouxeram lampiões, archotes e lanternas e a amargurada busca principiou, estendendo-se pela noite a dentro na orla da praia rumorosa. O longo arco arenoso foi percorrido de ponta a ponta. Os pesquisadores procuraram cuidadosamente, mergulharam nos pontos mais indicados da praia que tão bem conheciam; tudo em vão.

Passava já da meia-noite, quando Elvira Maria trouxe a papai um achado precioso: o gorro azul de Otavinho!... O tecido estava dilacerado, o corpo não podia estar longe... Agitou-se o grupo, nova esperança, pôsto que penosa, despontava. Mamãe, em lágrimas, com o gorro de Otávio nas mãos trêmulas, parecia a encarnação do desespêro; estávamos todos descalços e encharcados. Recrudesceu a atividade. Mergulhamos várias vêzes, eu e meu pai. O conselho dado por alguns pescadores mostrou-nos, com precisão, a extensão do nosso infortúnio: não nos afastássemos demasiado, para fora, além de cem metros, era perigoso devido às incursões, naquela época, de meros e tubarões vorazes! Um gemido profundo, melhor, um soluço escapou do peito de papai, assim que mencionaram o nome do terror dos mares.

O oceano, arrebatado, indiferente, desafiava a nossa dor e lembrava um assassino tarado e impune vociferando: *Fui eu! Fui eu!* E a tragédia desenrolava-se na Barra do Norte, dentro de aflitiva expectativa. Papai atirava-se à água contínuas vêzes, nadávamos até aos rochedos que ladeavam a enseada; talvez o corpo estivesse prêso entre os recifes. Nunca julguei meu pai capaz de tal bravura, vencendo sôfregamente o perigo dos escolhos, em cujas grimpas feria as mãos e o busto. A impetuosidade dos vagalhões obrigava-nos a submersões periódicas. Entrementes, aumentava o furor dos elementos, as ondas brutas alteavam-se ruidosamente, com majestade imperial; como mil leões enfurecidos, martelavam as rochas; com a pompa da fôrça sufocavam as fragas e iam rebater-se sôbre a areia, num ritmo sereno de fluxos e refluxos... Os ventos do largo espanejavam as cristas das vagas e rugiam pavorosos aos nossos ouvidos. Mais além, o boqueirão escuro confundia-se com a imensidão do mar, donde surgiam imensos e ameaçadores os vagalhões envolventes, seguindo a vanguarda enganadora, o embuste das espumas...

Uma onda traiçoeira rebentou, com tôda a truculência, sôbre o busto de mamãe, que também entrara n'água, chamando por nós. Por fim, papai voltou à praia, deitou-se na areia, exausto e arquejante, meio corpo imerso, desiludido, os pés sangravam... A matéria vencia a ansiedade do espírito. Como sempre, o princípio da resignação coincidiu com o fim das energias. Sòmente o céu, calmo e plácido, estabelecia o contraste daquela noite dramática; quantas estrêlas refulgiam sôbre nossas cabeças! Um navio passava ao longe, onde o levaria o destino? Nunca o mar fô

tanto mar, nem tão sereno o céu, nem a dor tão dolorosa! Lembrei-me de nosso lar, antes tão alegre... Dali por diante a palavra *oceano* passaria a ter, para nós, uma significação mais dilatada. Minhas irmãs choravam desgrenhadas, molhadas da cabeça aos pés, agarradas a vovó... Tôdas as buscas foram infrutíferas, o oceano guardava o cadáver frio e irreconhecível do desditoso Otavinho!

Reunimo-nos para o regresso. Caminhávamos enregelados e febris, avelhantados de fadiga e de paixão, voltávamos, arrimados uns aos outros, qual grupo errante de párias trôpegos e desfigurados... Do *local do crime* voltava o cortejo lemural e lúgubre, desesperançado e abatido pela desventura. As luzes que empunhávamos formavam, com o vai-vem do andar desgovernado, a luminária macabra de um préstito de morte, rompendo a escuridão da madrugada... Para trás ia ficando o túmulo por de mais imenso para tão modesta criatura.

Chegamos ao lar. Novas crises acometeram-nos, impiedosas. Minha mãe, profundamente acabrunhada, atirou-se ao leito. Ninguém se conformava com os acontecimentos, mas a realidade da ausência dizia tudo.

O tempo passava, nossa casa parecia um sepulcro onde só o sono repousante, quando vinha, aliviava, se bem que o despertar fôsse angustioso. A resignação é a dor estagnada em estado de saturação. Os dias seguiam, monótonos e pesados, sentia-se que densa nuvem os envolvia. Todos estiveram acamados, o confôrto das palavras amigas não bastava, às vêzes era até prejudicial porque, reavivada, a lembrança constituia ponto de partida para novas mágoas. Papai estêve várias semanas sem barbear-se, quedava-se longas horas com o olhar fito ao longe, idiotizado, como se ainda balbuciasse: *não é possível*...

Por isso, agora, decorridos dois meses, vovó queria dar um exemplo, o primeiro, da volta gradativa aos hábitos antigos; seria a primeira a sentar-se para o jantar na sala, tudo, ou quase tudo, seria como dantes. Avisou a todos que iria servir ali os alimentos, cada um tomasse seu lugar à mesa, o lugar antigo. Preparou o espírito de todos, recomendou a mim e às meninas que durante a refeição falássemos em coisas alegres, que esquecêssemos o passado, explicou o irremediável; a alegria, a vida normal deviam voltar ao nosso lar, a alma de Otávio estaria sofrendo, assistindo àquela desolação... Os que se vão ficam em paz...

Minha mãe ouviu admirada as palavras de vovó e replicou, incrédula:

— Todos à mesa? Acho difícil...

— Sim, e você será a segunda a sentar-se — tornou vovó. — Não há luto que dure sempre, nada é eterno. Devemos arejar esta casa, abramos as janelas, que o sol entre e alegre o ambiente.

Papai não fêz a menor objeção. Como antes, às dezoito horas, a empregada anunciou a comida na mesa. Eu liguei o rádio, baixinho, vovó tomou o seu lugar, seguida de papai e de mamãe, Elvira Maria acendeu o candelabro. Depois sentaram-se minhas irmãs e tia Emília, que relutou antes de fazê-lo. Talvez porque estivessem todos de luto, pareceram-me pálidos, principalmente vovó. Mercedes quebrou o silêncio da situação incômoda, dizendo possuir *um apetite de lôbo*. Meu pai juntou que *aquela sopa estava deliciosa*. Eu sabia que tudo aquilo era estudado, forçado, vazio, sem espontaneidade. Pela minha parte, confesso, quis falar mas não pude...

Vovó levantou-se, empunhou a concha, nós viramos os pratos, a concha foi mergulhada na sopeira. A generosa anciã teve um rápido momento de hesitação, olhou em tôrno e seu olhar fixou-se no claro aberto na mesa, defronte do seu lugar; era ali que Otavinho se sentava, risonho e falante. Trêmula, deteve-se um instante. Tia Emília tossiu. Ninguém dizia nada... Decorreram alguns segundos, todos esperavam. As faces de vovó contraíram-se e vi duas pesadas lágrimas rolarem de seus olhos apagados... Depois, largando a concha, foi sacudida por violento pranto e abateu-se sôbre a cadeira, expandindo sua emotividade. Ela, a frágil criatura, que daria o bom exemplo, falhara em tão salutar intenção. Supunha-se suficientemente forte, capaz de antecipar-se, superando o tempo, a quem cabia dispor a marcha natural das coisas, na época própria, sem pressa nem precipitação; mas o sentimento, o coração nobre, decepcionara-a dolorosamente.

Sempre se espera qualquer coisa na vida: o enfêrmo espera a saúde, o guerreiro a vitória, o jovem a noiva ideal que nunca vem, a mulher espera um filho, para entregá-lo ao mundo, ao sabor do destino, os velhos a morte infalível.

Levantamo-nos. As moças, em pranto, retiraram-se para o quarto, chorávamos todos, tia Emília veio consolar vovó, enquanto que papai, abraçado a mamãe, lastimava-se...

Vovó explicou, depois, que *viu* Otávio olhando-a sorridente, mas triste...

A sopa fumegava na mesa, onde jamais voltaríamos a sentar juntos. Meu coração ficou pequenino dentro do peito oprimido.

Mamãe ficou marcada para sempre, nunca mais sorriu.

DIA DA PÁTRIA

(Cont. na pág. 23)

sa multidão que assistia ao empolgante espetáculo. O Ministério da Educação tomou a seu cargo a comemoração de caráter cívico, realizando um programa que recebeu a consagração pública, pelo brilhantismo de que se revestiu.

Nestas páginas damos novos flagrantes que documentam as diversas fases dos festejos do Dia da Independência Nacional, pelas quais poderão os leitores ter uma idéia do que foram as comemorações de Sete de Setembro de 1951. Essas festas populares tendem a ser cada vez mais belas, uma vez que, com o próprio decorrer dos tempos, vai o povo adquirindo mais cultura cívica, e nossa pátria maior adestramento de caráter militar. Robustecendo-se na alma do nosso povo o amor à independência nacional, estamos todos tranqüilos quanto ao futuro do Brasil, de cujos filhos espera todos os sacrifícios em defesa da integridade do território e constância de nossa civilização.

Completamos, assim, neste número, a reportagem sôbre o Dia da Pátria que se iniciou na edição anterior.

Respostas ao teste

1—Ambidestra
2—Semelhante ao grasnar do pato
3—Anólena
4—Anorexia
5—Nevoeiro espesso
6—A rã
7—A décima parte dos vencimentos
8—Espaldar
9—Barrete turco
10—Guarda-pós
11—Sulfeto de ferro
12—Marajoara
13—Nunes
14—Tirar leite (de vaca, cabra, etc.)
15—Fogo de Santelmo.

ERA UMA JOVEM REBELDE AO AMOR, LEVADA PELO PRAZER DA AVENTURA...

POR ISSO A CHAMAVAM

A INSATISFEITA

— EMPOLGANTE HISTÓRIA DE MARY, A MOÇA DE ESPÍRITO FORJADO NA MAIS ALUCINANTE CONCEPÇÃO DE LIBERDADE E AUTO-SUFICIÊNCIA...

A INSATISFEITA

— O SENSACIONAL ROMANCE CUJA TIRAGEM JÁ ATINGIU A SOMA DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES NOS EE.UU.!

A INSATISFEITA

SÍMBOLO DA MULHER MODERNA, ROMPENDO AS AMARRAS DA EDUCAÇÃO DE ONTEM EM BUSCA DA VIDA DIFERENTE NO AMANHÃ, NOS EMBATES DAS AGITAÇÕES DA SOCIEDADE ATUAL!

A INSATISFEITA

de

IRENE TEMPLE BAILEY

(Tradução de RENATO DE ALENCAR)

É O GRANDE ROMANCE QUE A SENHORA ENCONTRARÁ NAS PÁGINAS DA:

REVISTA DA SEMANA

A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO

UMA JOVEM DO OUTRO MUNDO

Amando? Não me faça rir! Você não sabe o que é amor!

Pare, Speed!

Mas êle não parava de beijar-me. Eu estava excitada com os seus beijos e tive que devolver beijo por beijo!

Veja o que eu quero dizer, menina! Você respondeu beijo a beijo. Mas o amor é coisa mais fina do que êsses beijos.

Odeio-te, Speed Stanley!

Eu não estava certa de que odiava Speed. Não podia esquecer seus beijos... No dia seguinte, por ocasião do Festival, Marcia chegou ao lado de Byron...

Aquela moça me faz lembrar aquela idiota que matou meu marido!

Não diga tolices, Marcia! Diana é encantadora! Nós vamos casar-nos! Ela encerrará sua carreira e virá morar aqui!

Que lindo vestido! Que bonito!

Saia de junto dessa mulher, menina!

Não faça Marcia!

Na manhã seguinte, quando acordei em meu quarto, vi, ao meu lado, Maria Andrews!

Subornei o camareiro para entrar em seu quarto! Preciso falar-lhe!

Que quer? Diga!

Embora aparentasse calma, eu estava ardendo do ódio!

Você é a criatura mais louca dêste mundo, Dora Jones! E' inútil voltar aqui com todos êsses disfarces! Não me engana! Vi-a muitas vêzes com o meu espôso!

Êle me disse que era divorciado! Precisa acreditar em mim!

5

Reconheci que fôra indiscreta. Já não era possível mentir.

Então, eu estava certa! Você é Dora Jones! Quero pagar-lhe para deixar esta cidade!

Você não me suborna! Não quero mais ouvi-la! Retire-se do meu quarto!

Naquele instante eu ouvira ruídos de luta à entrada de meus aposentos. Pulei da cama e...

Olha! Já destruí sua "camera" e lhe amassarei a cara se não me confessar tudo!

Está bem! Está bem! Não quero mais encrencas. Mrs. Andrews pagou-me para obter flagrantes!

Depois que Marcia e o homem saíram...

Bem. Quando vamos embora, Diana? Eu surrei aquêle tratante, mas ninguém pode evitar Marcia! Acho melhor sairmos já!

Não, Speed! Eu fico ainda por aqui. Prometi comparecer ao festival e estou disposta a ir!

Eis ali a inimiga, Diana! Estou de ôlho alerta e a protegerei, querida!

Fico nervosa ao pensar que Byron sente o mesmo!

Cheguei ao festival muito cedo. Eu queria aparentar serenidade, mas estava com um médo terrível! Fui ao camarim de Marcia...

Agrada-me ver que chegou cedo. Assim poderemos falar!

Não quero discutir com você agora, miss Jones!

Eu não sabia que Bart era casado, saí com êle, Marcia! E eu não guiava o carro quando êle morreu no acidente!

Você procura inocentar-se porque Byron está caído de amôres por você! Mas êle a repugnará quando souber quem é você!

6

UM AMOR PROIBIDO

Eu estava inquieta com Edgar e fui ao hotel...

...tá hospedado aqui Sr. Whit Davies?

Êle saiu após receber um telefonema, faz meia hora. Acho que foi à casa dos Carters.

Corri até lá. Mrs. Carter esperava-me à porta!

Whit Davies só pisava êste solo antes de tentar roubar-nos com aquela Estrada de Ferro! Eu lhe disse que você ia casar-se com meu filho. E que não a incomodasse mais!

Como pôde fazer isso!

Minutos após a ida de Jim, Whit voltou a si...

Que sucedeu? Um choque?

Uma árvore caiu sôbre seu carro, querido.

Quando êle ouviu minha voz ficou alegre; depois furioso.

Que faz aqui? Por que não está com seu noivo?

Não sou noiva de ninguém, a não ser de você, querido!

Levei muito tempo a convencê-lo. Finalmente, acreditou. Seríamos felizes quando estivéssemos sem os Carters.

Eu pensei que o homem estivesse ferido; Jim mentiu.

Sua conduta é deplorável Miss Lane!

Ela não fêz nada de mal!

...andei de ôlho em cima de ...cê, desde o primeiro dia. Mas ...o quero que a cidade ria de ...eu filho! Êle reconhecerá ...êrro depois!

Para onde foi Whit?

Eu sabia que aquela velha não costumava ligar importância a ninguém. Ela me deu as costas e Jim apareceu.

Psiu! Psiu! Miss Lane! Whit foi para a cabina. Eu disse a êle que você estava numa pequena tempestade. Posso levá-la de carro até lá.

Fêz mal Jim; mas, eu vou dirigindo.

Não fique triste, miss Lane!

Eu ia explicar tudo a Whit, justamente agora!

Nada sério, rapaz. Mas, se miss Lane não o encontra, você morreria enregelado!

Você salvou-me a vida, Linda!

A despeito das intrigas dos Carters, eu fui até ao fim do magistério, em harmonia com Whit...

Amanhã é o dia de nosso casamento, querida! Como a amo!

Meu querido

Fim

...meçou a nevar ao chegarmos às mais altas montanhas. A ...ibilidade era má e eu ia muito devagar, porque...

...h! E' Whit! ...m acidente!

Corramos, Jim!

Ambos o socorremos e eu não sabia da gravidade dos ferimentos.

Volte, Jim, e traga recursos. E' uma felicidade você guiar!

Vou correndo!

7

NO PROXIMO NUMERO INICIO DE:

ROMANCE NO HUDSON



Só é velho...
quem se sente velho!

USE



LOÇÃO BRILHANTE

Diminue a seborréa e evita a caspa.
Devolve a juventude e a côr natural aos seus cabelos.

Loção Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS S.A.
S. PAULO

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso
A venda nas boas Farmácias

CAPAS NEGRAS NO...

(Cont. da pág. 17)

tempos"; logo suplantou, na harmoniosa interpretação dos textos clássicos, os melhores agrupamentos de artistas profissionais: "a mais alta e sadia lição de arte teatral oferecida ao nosso país".

O êxito da primeira representação provocou imediatos convites para o TEUC se deslocar a Lisboa e ao Pôrto, onde foi acolhido com entusiásticas críticas. A obra de Gil Vicente era posta sôbre as tábuas do palco com tal viveza e tal calor que conseguia despertar no espectador um interêsse dramático, extra-literário que mal se adivinhava na leitura. As canções medievais recitadas em côro falado foram outra surprêsa para o público que de tôda a parte convidava o Teatro dos Estudantes.

Nos seus treze anos de existência o TEUC percorreu tôdas as Províncias, dando espetáculos em cidades, vilas e aldeias, em palcos de teatros, de salas e ao ar livre, de noite e de dia, em récitas de caridade, de cultura e de recreio, numa incansável jornada que já provocou ao crítico teatral Eduardo Scarlatti as seguintes palavras: "E' um alfobre de entusiasmo resistente às desilusões; pode ser o fulcro sôbre o qual se formaria o novo teatro em Portugal. Tem vastas condições para isso: elementos valiosos e desinteressados; ambiente de arte e de cultura; disciplina".

Do Continente passou depois para as Ilhas, obtendo, na Páscoa de 1949, êxitos retumbantes. No Funchal, S. Miguel, Terceira, Faial e São Jorge, os aplausos repetem-se. E os mais honrosos louros foram depois colhidos no estrangeiro, na Primeira Delfíada, realizada na Alemanha — Mogúncia — em julho de 1950, onde o TEUC obteve dos críticos mais exigentes, calorosas referências.

Finalmente agora, no Brasil, êsses triunfos se repetem. As três apresentações feitas no Rio e as seguintes, que ora se realizam em São Paulo, dão mostras pujantes da vitalidade dessa iniciativa e do seu alto sentido cultural.

ÊLES FUGIRAM DA. . .

(Cont. da pág. 12)

— Que foi âue primeiro os impressionou na cidade?

Carmen responde:

— Foi o número de retratos de Stalin, por tôda a parte. Nas livrarias só havia livros de Stalin ou sôbre Stalin. Em quase tôdas as portas, a bandeira russa e o retrato do líder do comunismo. Era algo que chegava a impressionar.

— Que acharam do soldado russo?

—E' um homem como qualquer outro — respondeu Taciano. — Talvez um pouco mais carrancudo. Ficamos aborrecidos, quando alguns membros da delegação brasileira quase que atacavam os soldados soviéticos, de tanta admiração, só faltando abraçá-los.

— Mas faziam coisa muito pior — interrompeu Carmen. — Arrancavam as estrêlas vermelhas dos quépis e dos braços dos soldados russos, para guardar como "souvenirs".

— Como está a cidade de Viena?

— E' um lugar lúgubre — afirma Soane. — Nos quatro dias em que lá estivemos, não ouvimos uma só música, ao menos no lado soviético. Além das casas destruidas, o povo da cidade tem um ar de tristeza permanente. A noite, as ruas ficam desertas. Sempre ouvimos falar tanto na "alegre Viena", com suas valsas, suas orquestras de coreto e foi uma cena melancólica a que lá contemplamos: uma cidade que poderia muito bem ter o nome de "cidade morta".

FOME NA TCHECOSLOVÁQUIA

— De Viena, seguimos para Berlim, num trem que deveria atravessar a Tchecoslováquia e parar um dia em Praga. Nossas lembranças da Tchecoslováquia — é Taciano quem fala — são as piores possíveis. Basta dizer que passamos fome em Praga. Ficamos um dia e meio com um pedaço de pão e água. De nada adiantaram os nossos protestos, de que tinhamos pago para ida e volta, com o compromisso da parte dos organizadores do Festival de que teriamos alimentação e transporte du-

(Cont. na pág. 54)

A SOMBRA DAS . . .

(Cont. da pág. 37)

-- O meu pequeno foi mais banal ainda: deu parte à policia... que coisa ridicula, você não acha?

— Se acho... Mas os homens são sempre ridiculos... Até nem sei por que me deu a veneta de sair aquela noite... Não sei se foi o luar, que estava lindo... Estava mais claro do que meus cabelos... A noite era azul, tôda azul como o meu vestido... Combinava tão bem que sai... Apesar de tudo, a gente às vêzes se cansa do "requiescat in pace..." Tem saudades de ouvir alguma coisa mais do que o silêncio, entre os ciprestes. A música do vento, por entre as casuarinas... Aquela paz mortuària do "aqui jáz" também enjôa... A eternidade tem o seu tédio, vamos ser sincero... ... ...

— Tem, sim... Mas, por que você não volta? Não pode? Experimente uma sessão espírita, passe alguns momentos agradáveis no corpo de algum médium... Olhe que é bem interessante... E' uma espécie de cinema, você se diverte um pouco e não tem todo êsse trabalho de materialização, para um passeiozinho à meia noite no mundo dêles... Eu tenho feito isso muitas vêzes... — Então por que se materializou e foi namorar aquêle inocente operário? Ficou com inveja do meu sucesso, não foi?

-- Bom, não quero esconder êste pecado... Quis também ser um ponc ofalada, Sair no horário, na primeira página, com você... No meu tempo de vida, só saía nas sociais... O cemitério estava muito monótono, ùltimamente... Aquêles passeios entre os túmulos, lendo epitáfios tristissimos e colhendo flores naturais, pelas sepulturas, já não têm tanto encanto para mim... Quando ouvi falar no seu caso, achei que devia também ter um romance de amor... Sai e estive muito tempo sentada em um banco, na praia... Ninguém apareceu... Os homens andam apressados e distraídos, agora, parece românticos... Fiz um passeio de barca até ao Rio, mas, como a noite estava muito bonita, voltei andando por cima do mar... Ia voltando para o túmulo, completamente desanimada com a galanteria masculina, quando encontrei aquêle rapaz... O alarma policial me enxeu de raiva... Olhe, minha filha, aquêles heróis de Edgard Poe, de Hoffman e ao moderno Johan Collier são pura imaginação... Ou, então, os homens capazes de amar desapareceram da terra... E nós a imaginar que poderiamos encontrar um apaixonado capaz de amar para além da vida... Isso é muito bom de dizer... Na realidade, todo o amor dos homens cessa à beira do túmulo... Os nossos namorados ainda foram mais vulgaress detiveram-se a porta do ceritério... Entretanto, êsse amor imortal que os homens andam procurando, nós é que lhes podiamos dar...

— E' isso, minha amiga... Nós nos esquecemos de encontrar um poeta... Só os poetas ainda são capazes de compreender um amor como o nosso... Por mim, garanto-lhe que, da próxima vez que me materializar, não perderei mais tempo em pequenas aventuras de ônibus... Procurarei um poeta...

— Você tem razão... Só os poetas ainda sonham e acreditam no amor... Só um poeta nos poderia compreender...

— Ah! Byron... Ah! Castro Alves...

E as duas moças-fantasmas, num suspiro, esvairam-se na tardê azuk-cinza.

LYSE

Uma cousa...



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO

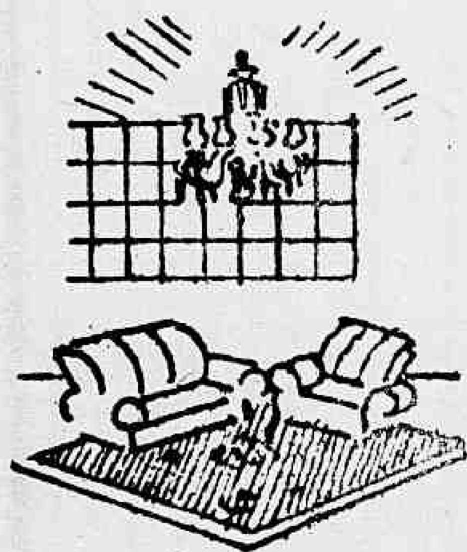


DESODORANTE
CICATRIZANTE

PREÇOS DE CLASSE

LUSTRES DE CRISTAL

Produção oriunda de 26 das maiores fábricas Européias para todo o Brasil.



NILO RIBEIRO

Proporciona a todos os lares o que de mais belo a Europa produz em lustres de cristal.



A PARTIR DE 1.000,00

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

GALERIA SÃO PEDRO

Av. PRINCESA ISABEL, 126-D
Junto ao TÚNEL NOVO
COPACABANA

Vendas pelo REEMBÔLSO POSTAL

TELEFONES:
37-1200
37-3428

DECORADORES E DESENHISTAS

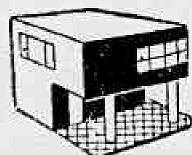
*

FACILITA-SE O PAGAMENTO

NO DISTRITO FEDERAL

ENQUANTO O NÚMERO DE DOMICÍLIOS CRESCEU 29% A RÊDE TELEFÔNICA CRESCEU 87%

1940

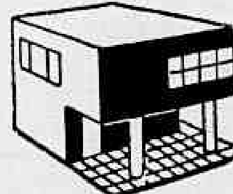


341.745 DOMICÍLIOS



113.248 TELEFÔNES

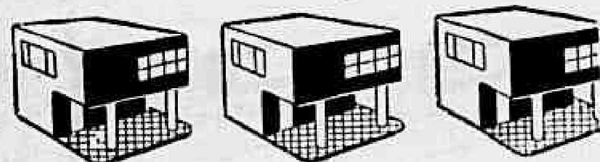
1950



443.594 DOMICÍLIOS



212.307 TELEFÔNES



CRESCIMENTO 29% EM 11 ANOS



CRESCIMENTO 87% EM 11 ANOS

TUDO ISTO



ISTO SUCEDEU EM CHICAGO, Estados Unidos. Esta noiva, após o fatal «sim», aos pés do altar de uma igreja daquela cidade, deixa o templo de braço com o espôso, cujo sorriso bem traduz o seu estado de euforia espiritual. E' um homem verdadeiramente feliz. Há, contudo, uma curiosidade absolutamente inédita nesta foto: o piscar de olhos da espôsa. Não queremos dizer que nenhuma noiva haja feito o mesmo antes dela; mas, positivamente, ainda não fôra apanhado tão interessante flagrante. E o assunto foi de tal maneira sensacional, que esta fotografia ganhou um concurso de fotos, com um prêmio de quinhentos dólares, instituido por um jornal americano.

PROEZA DE MULHER

MISS Chadwick é uma nadadora norte-americana. Seu grande sonho era o de, um dia, atravessar a Mancha, da costa inglesa para a francesa em tempo recorde. Tem ela, atualmente, 32 primaveras bem molhadas, pois Miss Chadwick quase que só vive n'água. Em começos de setembro houve a grande oportunidade: ela ia atravessar o Canal da Mancha e bater o recorde anterior. E Miss Chadwick caiu n'água e meteu o braço com vontade. Lanchas a acompanharam, numa delas, seu pai contava os minutos, temendo pela própria vida da destemida filha. A travessia da Mancha, da França para a Inglaterra, é comum; entretanto ,em sentido contrário, é coisa muito difícil e perigosa. Basta dizer que, até hoje, só sete homens conseguiram fazê-lo, e até agora nenhuma mulher o conseguira. O tempo gasto pela nadadora americana foi de 16 horas e 22 minutos, maior do que o dispendido anteriormente pelo nadador inglês Tom Blower, que marcou 15 horas e 31 minutos. Mas isso não tirou a glória de Miss Chadwick, que tem a honra de ter sido a primeira mulher a alcançar tamanha vitória. Durante a travessia o nevoeiro impedia de ver-se um palmo adiante do nariz, e a nadadora foi prejudicada em seus movimentos pelos gases expelidos pela lancha que a acompanhava de muito perto. Em certo momento o seu pai, Mr. Richard Chadwick, insistiu com ela para que abandonasse a prova, pois sua vida corria sério perigo. Mas a moça é mesmo teimosa e continuou, embora atacada de náuseas. Quando chegou à costa francêsa, foi recebida triunfalmente pelo prefeito e disse que sua travessia era "um presente de aniversário" para seu pai, que fazia anos naquele dia.



O DONO DA PORCA

SER delegado aí por êsses distritos suburbanos ou rurais é coisa de tirar o sono ao Pão de Açúcar. Muita gente acha que um delegado de polícia leva um vidão. E o comissário também. Mas vão ser uma dessas coisas, para ver como a vida é trabalhosa e cheia de espetos. Um dia dêstes chegou à sede do distrito de Marechal Hermes o sr. Abilio Fernandes, em companhia do sr. Wandenkolk dos Santos, para decidirem uma questão. O sr. Abilio disse ao comissário que, desde muito criava uma porca, a qual já era agora mãe de mimosos bacorinhos. Comprou-a por quinhentos cruzeiros ao sr. Arlindo de Carvalho, morador na rua Sapopemba, 517, ali mesmo no bairro. Mas o sr. Wandenkolk, ali presente, dizendo-se o dono da porca, exigia que êle a entregasse. E perguntou à autoridade: "Como é seu comissário? Eu não entrego uma coisa que é minha". O comissário ouviu o outro. Disse que o animal era seu. Fugira, havia doze dias, lá de seu quintal, com doze filhotes. Para provar, revelou o nome da porca: Chica. Chama-se Chica. O comissário coçou a cabeça. A única pessoa que podia decidir essa pendenga encrencada era a própria Chica. Mas, como poderia êle obter o milagre de fazer-se compreender pela porca, mesmo chamando-lhe pelo nome de batismo? E o comissário Laudelino Coelho está lá no 25º Distrito em palpos de aranha, sem saber como resolver o problema. Já lhe passou pela idéia dar o golpe de Salomão. Mas, pensando bem, teve pena dos bacorinhos. Como partir ao meio aquêles inocentes? Resolveu então converter a queixa em inquérito, ouvindo testemunhas de ambos os lados. E talvez assim a coisa não dê em sujeiras e porcarias. . .



JUSTIÇA SUPER-SÔNICA

ESTAMOS na era das velocidades alucinantes. Aviões a jacto vão além dos dois mil quilômetros por hora; já se pensa em ir à lua em alguns dias; os carros são mais velozes hoje do que ontem; os taquígrafos conseguem recordes admiráveis; jornais esgotam edições num abrir e fechar de olhos; atravessa-se a Mancha em menos horas do que dantes, e se gasta mais dinheiro numa camisa, hoje em dia, do que num fraque há dez anos passados. Tudo corre, tudo voa, tudo sibila na vida vertiginosa dêste século das correrias desabaladas. Era natural que em nossa Justiça sucedesse qualquer coisa que acabasse o proverbial marasmo dos processos. Não dizem que a Justiça deve ser rápida e barata? Que não seja muito barata, vá lá; mas que seja rápida, é um ideal de todos que vão bater às suas portas majestáticas. Foi pensando assim que um funcionário da Justiça do Distrito Federal se tornou recordista em rapidez. Trata-se de um processo de retificação de nome em registro de nascimento do Sr. Arthur José Tinoco da Silva. O serventuário da Justiça encarregado do processamento conseguiu êste milagre: em um só dia, 26 de agôsto de 1951, levou a petição inicial a despacho, autuou com os documentos, lavrou diversos têrmos, expediu publicação do despacho para as páginas do "Diário da Justiça", considerou decorrido o prazo de cinco dias, fêz conclusão para julgamento depois de obter parecer do Ministério Público. O juiz Paulo de Faria Cunha, porém, embora elogiando a rapidez super-sônica do funcionário, não concordou com tanta pressa, pois a lei exige o prazo de cinco dias da publicação. Mas, leitor, não era melhor sem tanto prazo?





FORMATURA NO DIA de aniversário do Rei da Inglaterra em Londres. A «Horse Guard», em seu uniforme de gala, se manteve firme durante horas. De súbito dois homens da tropa, sofreram colapsos, caindo ao solo. Os companheiros se mantiveram erectos como blocos de pedra e ninguém surgiu para socorrer os caidos. Não é novo o caso. Sempre que se verificam provas de resistência de tal gênero, caem ao solo, desfalecidos, alguns soldados. Acham que a causa provável do desfalecimento é determinada pelo intenso ritmo dos exercícios que se estendem por alguns dias consecutivos, aumentando a prova o fardamento pesado e o capacete que quase cobre os olhos dos militares. Mas a Inglaterra é o país das tradições, e não será por tais acidentes que a «Horse Guard» vá modificar a indumentária dos seus bravos militares.

ACONTECEU

O FUTEBOL SALVOU-O



MORA em Londres o cidadão de nome Llewllyan Evans, ainda jovem e cheio de responsabilidades de família. Mr. Evans exercia uma das mais modestas profissões dêste planêta: a de entregador de leite em residências. Que pode ganhar um leiteiro? Muito pouco. Por isso, o pobre Evans vivia a suspirar em face do orçamento minguado e cada vez mais insuficiente para atender aos seus compromissos. Mas sucede que o jovem entregador de leite nas ruas de certos bairros londrinos era também um forte torcedor de futebol de sua capital. Na Inglaterra se usa muito uma espécie de bôlo, a exemplo do que se faz aqui. Dão a isso o nome de "Foot-ball Pools", e, embora a contribuição dos afeiçoados seja insignificante, a bolada é colossal. O herói leiteiro apostou apenas seis pence, o que significa, em nossa moeda de hoje, coisa assim como dois cruzeiros e pouco. Uma manhã, como [illegible] cinco de setembro, estava êle na sua faina cotidiana, entre litros de leite, sua carrocinha e o muar que puxava o pequeno veículo, quando soube que ganhara o "pools" de futebol da Inglaterra, no total de cêrca de 6 milhões e quatrocentos mil cruzeiros em nossa moeda. Logo que soube disso, procurou terminar a entrega do leite, recolher a carrocinha e o burro, entrando em nova vida. Aproximou-se do patrão e disse: "Tome sua carroça de entrega. O senhor mesmo pode continuar. Eu não preciso mais disso". O homem ficou perplexo. Estava doido o seu auxiliar; mas, quando soube que êle ganhara 80.000 libras, prêmio máximo, nem mesmo se lembrou de dar-lhe sociedade!

UMA CORRIDA INFELIZ



UM cidadão desta capital, muito amigo de animais e de corridas de hipódromos, era devedor de um outro. Como o credor não recebesse em dia, entrou em juízo com uma ação e executou o amigo, penhorando-lhe um belo cavalo de corridas. O animal ficou como garanti ado débito, até que o devedor dispusesse de dinheiro suficiente para libertar o rocinante. Mas, os dias se iam passando, não havia dinheiro para resgatar o animal e o credor não estava gostando da história. Mas, sempre que o devedor ia ver o cavalo tinha uma idéia: inscrevê-lo numa corrida lá em S. Paulo. Se ganhasse, era uma mão na roda, e o lucro seria a salvação. Mas, — raciocinou — seria isso permitido em direito? Êle era o depositário do bicho, já não o seu dono. A posse e o domínio são coisas diferentes em matéria jurídica. Porém o diabo da idéia de levar o cavalo para correr em S. Paulo não o abandonava. Quem sabe se não seria isso um bom augúrio para abiscoitar alguns milhares de cruzeiros? Com os frutos da corrida, pagaria tudo e libertaria o animal. Sem nada dizer ao amigo, despachou-o para São Paulo, a fim de tomar parte num páreo. Mas êste mundo é muito pequeno, e esta cidade está apenas a uma hora e pico de S. Paulo, pelos ares. O credor soube da tramóia e deu queixa à justiça. O juiz Henrique Braune decidiu o caso na execução da sentença, censurando o depositário infiel e expediu ordem de prisão para o mesmo e precatória para a apreensão do animal em S. Paulo. Êste mundo tem dessas surprêsas. Embora pensando que o seu cavalo penhorado ia correr, foi o dono que correu para a cadeia!



FOTOGRAFIAS DAS tentativas de armistício na sangrenta guerra da Coréia. Em cima o local das conversações entre os chefes militares da ONU e os representantes sino-coreanos do norte, em Kaesong, sôbre o paralelo 38. Na foto inferior, dois soldados que, dias antes, talvez houvessem trocado tiros mortais, estão nesta atitude de familiar camaradagem. Um norte coreano e o outro, um norte-americano. Êste acende, gentilmente, o cigarro do inimigo, sentado num jipe de fabricação russa. Até agora não se sabe quando a paz voltará à Coréia, pois as negociações se arrastam com altos e baixos, entre esperanças e desilusões. Que os combatentes apressem a pacificação.





ÊSTE É O CIDADÃO DO MUNDO, e chamado Jean Jacques Bahel, nascido na cidade de Genebra, na Suiça. Tem apenas 31 anos de idade e deseja regenerar o mundo pregando uma filosofia que não tem encontrado a quantidade de adeptos com que êle sonhara. Estêve em Paris, Londres e Liverpool, bem como em outras cidades da Europa, presidindo aos Congressos de sua teoria pilítico-social, de maneira que, ao chegar a Roma, soube que o Papa não concordara com suas idéias. Então o peregrino «Cidadão do mundo» resolveu deitar-se na escadaria do Vaticano e começar um protesto curioso: com a greve da fome, esperando que o Papa aderisse e o livrasse de morrer...

O SABOR DO PÃO DE AÇÚCAR



FRANÇOIS é um rapaz de França. Vivia em Paris e tinha muita vontade de conhecer o Rio. Desde pequeno que ouvia falar nas belezas da Guanabara, o Pão de Açúcar, o Corcovado, a pedra da Gávea, as montanhas que ornamentam o cenário da grande baía carioca. Mas, como vir até cá? Douguay Trouin, Duclerc, já não mais existiam para aliciar piratas e atacar-nos, desembarcando gente aí pelos arredores da cidade. Dinheiro não havia para uma viagem normal. Emigrar da França isso está difícil, pois os departamentos de imigração, do Brasil e de lá, entendem as coisas diferentemente dos projetos do nosso François. O jeito era dar tempo ao tempo e esperar uma oportunidade. Um dia o rapaz, que é mecânico, foi parar em Dakar. Olhava a imensidão do Atlântico para os lados do ocidente e suspirava: "Eis a rota para o Brasil, para o Rio de Janeiro". Mas ficava sòmente no suspiro. Porém a idéia da vinda para o Brasil não lhe saía do espírito inquieto, e François sonhava com a Guanabara. Certa tarde, um navio de passageiros estava prestes a atravessar o Atlântico e vir ao Rio. O rapaz não pestanejou: arrumou uns francos que ainda lhe restavam e se meteu lá por dentro do barco. Escondeu-se como bom clandestino e suportou a longa travessia. Chegando ao pôrto do Rio iludiu a vigilância dos guardas e botou pé em terra. Primeiro que tudo foi ver de perto o Pão de Açúcar. Lindo. Mas o dinheiro se acabou e êle andou a dormir aí pelos bancos. A polícia o deteve sob o dossel do Tabuleiro da Baiana. E François, com ar de chôro, disse ao delegado: *Como é amargo o Pão de Açúcar!*

ÊLES FUGIRAM DA. . .

(Cont. da pág. 50)

rante tôda a viagem. E foi ainda com fome que chegamos a Berlim, onde tivemos de esperar várias horas, porque era desejo das autoridades que tôdas as delegações descessem juntas do trem, a fim de causar uma boa impressão.

AMBIENTE DE ÓDIO EM BERLIM

Soane continua:

— Chegamos a Berlim no dia 3 de agôsto. Descansamos no dia 4 para a inauguração do festival, que foi no dia 5.

— Como foi essa inauguração?

— A coisa mais impressionante que já vi. Desfiles, espetáculos de ginástica, de ballet, de música. Os chefes comunistas faziam tudo para nos levar para o lado dêles. Lembro-me de que um comunista levou-me a ver uma demonstração de ginástica no Estádio de Berlim. Diante do meu entusiasmo, êle disse: "Então, não vale a pena ser comunista?" Respondi: "A ginástica é perfeita, mas isto a juventude alemã já sabia fazer no tempo de Hitler. Não é porque os alemães fazem bem ginástica que eu vou tornar-me comunista."

— Como vive o alemão na Zona Soviética?

— Muito mal. Cada pessoa tem uma ração de 1 quilo e 800 gramas de carne por mês, 800 gramas de manteiga por mês e leite só é dado às crianças até seis anos. Nas lojas, nada há para comprar. Enquanto que, na Zona Ocidental, como vimos mais tarde, os franceses, inglêses e norte-americanos procuram melhorar o nivel de vida dos alemães, na Zona Soviética os russos exploram tôdas as indústrias alemãs e deixam o povo à mingua.

— Como decorreu o Festival?

— Durante todo o Festival, só se falou em ódio. Os comunistas tentavam insuflar, nos jovens que lá estavam, ódio às democracias ocidentais. Veicularam os mais desencontrados boatos. Diziam que os norte-americanos estavam distribuindo chocolate envenenado entre os participantes do Congresso. Diziam que os norte-americanos atacavam as jovens que se aventurassem a ir para os lados da Zona Ocidental. O Congresso da Paz foi um verdadeiro Congresso de Guerra.

Quem assim falava era Soane Nazaré de Andrade. E Carmen Ribeiro continuou:

— O alemão tem o senso da disciplina. Saí, várias vêzes, para passear com meninos alemães e a única preocupação que êles tinham era acertar o passo dêles pelo meu. Não compreendem que um grupo possa andar junto que não seja no mesmo passo.

BRASILEIROS ATACAM O BRASIL

— Que fizeram os comunistas brasileiros em Berlim?

— Apresentavam o Brasil como o pior lugar do mundo, onde se morre de fome pelas ruas e onde o govêrno é fascista, do mesmo tipo da Alemanha de Hitler ou da Itália de Mussolini. Ai, começaram realmente as nossas brigas com os nossos companheiros. Não podíamos compreender que brasileiros dissessem tal coisa da própria terra enquanto muitos jovens alemães se mostravam interessados em vir para o Brasil, tendo alguns dêles chegado a dizer: "Se os seus colegas não gostam do Brasil, por que não trocam de lugar conosco". Êles ficam aqui com os russos e nós vamos para o Brasil."

— Qual é a atitude dos alemães em relação ao comunismo?

— A juventude alemã é, em sua grande maioria, anticomunista, mas pertence à "Freue Deutsch Jugen", "Juventude Livre Alemã", que é uma organização comunista, porque esta é uma condição essencial para que os jovens possam estudar. Quem não pertence à "Freue Dautsch Jugen" não pode fazer coisa alguma, não é admitido nas escolas nem tem cartões de racionamento, ficando à mercê do "câmbio-negro", que é patrocinado pelo próprio Estado.

COMO SE DEU A FUGA DA "CORTINA DE FERRO"

— Em que condições se deu a fuga de vocês do setor soviético?

— Terminado o Congresso, os comunistas brasileiros de mais confiança passaram a se unir, juntamente com os representantes russos e de todos os países que enviaram delegações a Berlim num hotel cujo nome é muito simbólico: Hospício Hotel. Eram reuniões secretas, onde discutiam, o que nos diziam, os melhores meios de abalar os governos de seus países e facilitar a conquista do comunismo. Como estivéssemos sempre em briga com os nossos companheiros, fomos deixados de lado. Pouco antes do embarque, o chefe da delegação brasileira disse-nos: "De amanhã em diante, vocês ficarão por conta de vocês mesmos". Ora, tinham êles nos prometido a volta em condições normais. Antes de nossa viagem, sabíamos que não éramos comunistas. Se queriam nos conquistar para a causa dêles e fracassaram, a culpa não era nossa. Ficamos, assim, numa situação desesperadora. Como voltar, sòzinhos de Berlim, através da Tchecoslováquia e da Áustria, até a Gênova, para tomar um navio? Quem garantiria a nossa vida, nesse trajeto? Êles disseram que nos dariam 140 dólares, a cada um, e que o resto seria conosco. Conhecemos, então, um estudante alemão, que foi o verdadeiro herói no caso. Perguntamos-lhe se teria coragem de nos levar para a Zona Ocidental. Êle disse que seria perigoso, mas que poderia tentar. Fomos, então, discutir com os comunistas sôbre os nossos passaportes, que êles, desde a nossa chegada a Berlim, tinham tomado, não mais os devolvendo. Depois de uma grande discussão, em que os comunistas perderam a paciência, recebemos os passaportes de volta. Isto aconteceu na noite de 24 de agôsto. No mesmo instante, fomos a uma esquina, onde o estudante alemão nos esperava com dois carros: um particular, que êle mesmo dirigia, e um carro de praça.

— Vocês tiveram mêdo?

— E' claro que sim — é Soane quem fala. — Quando chegamos, com as nossas bagagens no carro, na fronteira das duas Zonas, um soldado comunista parou o carro da frente, onde iam o estudante alemão e Carmen. Os dois fingiam-se de namorados e estavam abraçados. Atrás, no auto de praça, vinhamos eu e o Taciano. O estudante alemão disse ao soldado que íamos a um "bar", situado na Zona Soviética, mas que, para ser alcançado, exigia, por causa da mão, que os carros passassem pela Zona Americana. O soldado acreditou e nós passamos.

NO BRASIL NOVAMENTE

— O resto todos já sabem — continuou Taciano. — Na Alemanha, o cônsul brasileiro Mário Calabria nos cumulou de tôdas as gentilezas e conseguimos tomar um avião, em Francforte, vindo até ao Rio de Janeiro.

A longa história dos três estudantes estava contada. No Rio, foram êles alvo de manifestações de tôda ordem. Falaram em dois comícios promovidos pela Frente da Juventude Democrática, nas escadarias do Teatro Municipal foram recebidos pelo Sr. Getúlio Vargas, compareceram à Câmara dos Vereadores, onde o Sr. Leite de Castro pediu que lhes fôsse dado um voto de congratulações. Quando partiram para a Bahia, Soane Nazaré de Andrade, Carmen Ribeiro e Taciano Cordeiro deixavam muitos amigos no Rio de Janeiro, todos aquêles que os admiravam pela sua coragem e pelo seu desassombro em contar, agora, o que viram e sentiram atrás da "Cortina de Ferro".

TOUROS BRAVOS

(Cont.: da pág. 43)

mido, desafiar o segundo touro. A lida de Pepe é brilhante. Com certeiros golpes vai matar o touro quando é atingido pelos cornos numa perna e cai desmaiado na arena. E' retirado logo, enquanto Luís, tomando a capa e a espada, se lança à luta. "Qualquer um, menos êsse covarde!" — grita a multidão enfurecida. Mas Luís não nos ouve. Desafiando a morte, possuído da coragem da loucura, mata o touro com golpes magníficos. A turba o aplaude timidamente.

Então, abre-se o portão do curral para o terceiro touro — "El Brujo", que entra majestoso, formidável, todo negro. A multidão cala-se. Luís Bello, calmo e decidido, compreende que nunca havia temido a morte — tinha mêdo da agonia. "El Brujo" avança como um demônio e o "matador", rápido como um raio, parece uma serpente vermelha rondando a morte negra. Já não ouve os aplausos da turba ela não lhe importa. Lida como nunca havia antes lidado. Ajoelha-se e recebe "El Brujo" na ponta de sua espada e mata-o de um só golpe. Indiferente ao tumulto, apenas murmura para a bêsta morta: "Touro... Senhor touro..." E eis que Pepe, com a perna vendada, volta à arena para lidar com o quarto touro. O rapaz é magnífico, sensacional. E' realmente um toureiro, um grande toureiro, como o seu irmão Luís.

A multidão invade a arena, quer levá-los nos ombros. Mas Luís Bello grita furioso: "Não o toquem! Não o toquem! Nem a mim, tampouco!..." Depois, suavemente, passa o braço sôbre o ombro do irmão e caminha ao seu lado: "Veja, Pepe. Olha como essas moças sorriem... Vem comigo, rapaz. Viveremos eternamente..."

FIM

SABÃO RUSSO







Em 3 tamanhos **Líquido, sólido e bastões para barba**

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Êste sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

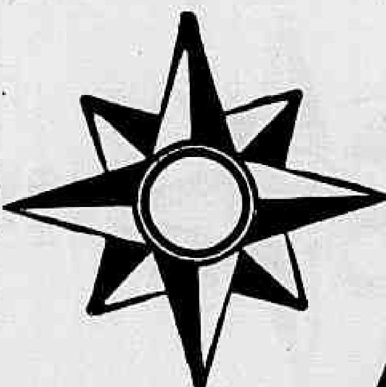
BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

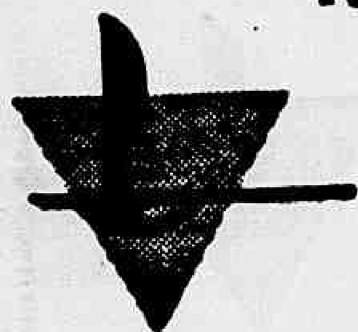
Traço de união  entre o Norte, Centro e Sul

A linha aérea do São Francisco!



ESCALAS - ida e volta

Salvador
Petrolina - Joazeiro
Remanso
Xique-Xique
Barra
Lapa
Carinhanha
Januária
Pirapora
Belo Horizonte
Rio de Janeiro



Coube ao rio São Francisco um papel de relevante importância no curso de nossa história. É a estrada do sertão, o elo que sempre ligou o Norte ao Centro e ao Sul, dando escoamento à produção das imensas regiões que percorre. Mas o progresso exigiu novos e mais rápidos meios de transporte. Hoje, abrindo amplas perspectivas ao interior do Brasil, existe a Linha Aérea do São Francisco que a NACIONAL criou para unir o sertão e suas fontes de riqueza aos grandes centros do País, através dos caminhos do ar. No momento em que a Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso torna-se uma brilhante realidade — contribuindo decisivamente para o desenvolvimento econômico do Nordeste — cresce de importância a Linha Aérea do São Francisco, que a NACIONAL tem orgulho em dedicar aos supremos interêsses da coletividade

Ao viajar, procure o nosso agente local que fornecerá tôdas as informações desejadas.

NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS
Rua Santa Luzia, 685-8 — Tels.: 32-7399 e 32-6119 — Rio de Janeiro

INGRID BERGMAN





JÁ SE FALA EM ROMA QUE ELA VAI DIVORCIAR-SE ★ MAS TALVEZ NÃO PASSE ISSO DE BOATARIA ★ O CASAL MAIS FALADO DO MUNDO

DUAS recentes notícias da imprensa romana atraíram as atenções de todo mundo sôbre a família Rossellini. A primeira delas foi a que espalhou a novidade do encontro de Ingrid Bergman com o seu ex-marido Peter Lindstrom e com a filha Maria Pia, em Londres, encontro êsse que não foi contestado. Aliás êsse encontro entre mãe e filha já era de há muito esperado, uma vez que ambas muito se correspondiam e conversavam através do telefone internacional. Não fôsse mesmo a guerra na Coréia, e a filha de Ingrid teria ido passar férias em Roma; entretanto, como é natural, não faltou quem a advertisse dos perigos de viagens agora lá pelo Velho Mundo, quer por mar, quer por terra. Os cronistas pouco puderam dizer do encontro em Londres. Sabe-se apenas que os três se encontraram num hotel de Curzan Street em Mayfair, é o quarteirão mais elegante da capital britânica.

Os repórteres se assanharam; mas, tudo o que se soube foi uma frase mais ou menos pitoresca de Lindstrom, o qual, interrogado por um jornalista sôbre a sua afeição à "estrêla" que o deixou pelo italiano, respondeu: "Não procure saber se ainda estou enamorado, pois nada direi". A segunda novidade que foi espalhada aos quatro ventos, em tôrno do casal mais falado do mundo, deixou o povo perplexo, sem poder compreender: era a conta no total de duzentos e cinqüenta mil liras, importância que Rossellini estava devendo ao médico assistente da espôsa, quando de seu último parto.

Rossellini não pagara ainda, e o médico credor entregara a cobrança a advogados, srs. Manfredonia e Caroleo. O executor da dívida é o professor Sannicandro, que já não pode mais esperar. Mas isso não passa de simples notícia sem muito fundamento, tanto mais que se dizia também que a conta se elevava a mais de dois milhões e meio de liras. Quanto à primeira notícia, isso não é inédito. Dizem mesmo os cronistas sociais, que, quando se separam, os casais que têm filhos costumam, uma vez por outra convergir para os mesmos sítios sob o pretexto de ver os filhos comuns. E, muitas vêzes, dêsses encontros nasce novamente a velha afeição morta, ressurgindo o amor como na Fenix da fábula.

Certa vez o próprio professor Sannicandro, chefe da clínica ginecológica onde estêve internada Ingrid, declarou à "estrêla", que muito lamentava o pouco caso que Rosselini estava fazendo da conta que lhe enviara, pois já lhe escrevera por mais de meia dúzia de vêzes, pessoalmente e por intermédio dos seus advogados, sem que o diretor de filmagens se dignasse a responder uma só palavra que fôsse. Dizem que isso foi exato, e se aponta como uma conseqüência da má situação financeira do grande cineasta.

Mas, e o que resultou dos filmes "Miracolo", "Stromboli", "Francesco giullare di Dio?" O êxito financeiro não foi lá muito bom, e, diante disso, não conseguiu êle financiadores para sua maior obcessão em materia de filmagem, a película "Europa 1951", que lhe não sai do pensamento.

A situação, pois, de Rosselli não é boa

SERÁ FELIZ?







em matéria de finanças. Pelo menos até a bem pouco tempo. E o boato de próximo divórcio entre êle e Ingrid Bergman talvez tenha os seus fundamentos nessa situação do casal. Como todos sabemos, quando as pessoas chegam a posições como êles chegaram, já não é mais possível sofrer os vexames da pobreza. Quem se habitua ao confôrto, à vida social intensa, às excursões custosas, ao luxo, ao bom viver, não suporta a diminuição dêsse nível de vida. E o jeito é cada um tomar o seu rumo sem arrastar o outro em lamentações. Ademais, há filhos de ambos os matrimônios, e a educação das crianças não se consegue com tostão.

ROSSELLINI DIZ ALGO ao ouvido de Ingrid, que parece um tanto surpreendida. Na outra foto, Ingrid tendo ao colo o seu filho Robertinho, com ano e meio. E' dêsse parto a contrariedade com o prof. Sannicandro. Na última foto, a estrêla passeia num parque de Roma com os seus dois cães

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 29 de setembro de 1901)

ANIVERSÁRIO DE SS. MM. FIDELISSIMAS

O Paço Real da Ajuda e a Cidadela de Cascais ostentavam ontem pomposas galas e regorgitavam da mais distinta concorrência por motivo do aniversário de Suas Majestades Fidelíssimas, D. Carlos I e D. Maria Amélia. Mas não é só nos Paços Reais, onde o elemento oficial tem o dever determinado pela pragmática de ir associar-se à festa dos soberanos, que o júbilo se manifesta. Cá fora, nas associações de beneficência, criadas sob o patrocínio dos augustos reinantes, nos centros artísticos e nas oficinas, que ambos visitam a miúdo animando-os com a sua proteção oficial e pessoal, não é menor a alegria, e se os ecos dos acordes despertados por bem afinadas orquestras e os brilhos das deslumbrantes iluminações partidas da habitação dos Reis, chegam cá fora soando agradàvelmente aos ouvidos e fascinando os olhares do povo, êste, eleva até aos salões o clamor das suas sinceras manifestações, associando-se ao festim régio. Em Lisboa é que se realiza a recepção oficial, no Palácio da Ajuda; mas as festas que se fazem em tôda a vila de Cascais, onde a família real e a Côrte se acham a banhos, tem um caráter mais simples, todo íntimo, que muito se dá com a singeleza de trato de El-Rei de Portugal e sua augusta consorte.

Não há um campo, um jardim, uma igreja, na pitoresca estação balneária, que não ostente arcos de verdura e flores, bandeiras e iluminações em suas frontarias. Nos jardins públicos e nas praças de armas da Cidadela levantam-se lindos coretos, onde as melhores bandas militares tocam até alta noite. Nas baterias da Cidadela os holofotes e as luzes de tijelinhas de côres disputam, com a grande esquadra inglêsa, e os navios de guerra japonêses, fundeados na formosa baía, a palma dos brilhos.

A família real e a côrte embarcam de manhã para Lisboa, em trem especial composto de carros de luxo, regressando a Cascais depois de terminada a recepção de gala no Palácio da Ajuda, que costuma realizar-se à 1 hora da tarde. Essa recepção é a mais concorrida de tôdas as da côrte portuguêsa, assistindo a ela o corpo diplomático e consular presidido por Monsenhor Ajutti, Núncio de Sua Santidade; o Cardeal Patriarca de Lisboa e seu Cabido, a camareira-mor duquesa de Palmela e tôdas as damas de honor de S. M. a Rainha, camaristas, etc.





D. Car'os 1º e Rainha D. Amélia, soberanos de Portugal.

NOS TEATROS

AS NOTAS artísticas da semana foram "Saldunes" e o repertório de Clara della Guardia. "Saldunes", tentativa de drama lírico wagneriano, mereceu do público gerais manifestações de apreço: mas os adeptos intransigentes da nova escola, aplaudiram incondicionalmente o trabalho de Leopoldo Miguez; os outros, mais discretos, limitaram-se a aplaudir a ciência e a técnica do harmonista e do contra-pontista. ★ A COMPANHIA Clara della Guardia continua a fazer as delícias do público que frequenta o S. Pedro e o papel de protagonista na "Locandiera", de Goldoni, pode considerar-se uma obra-prima de interpretação por parte da notável atriz, dignamente secundada por Orlandini e Valentini. ★ O APOLO, representando ora a "Pera de Satanaz", ora a revista "Talvez te escreva", deu a sua regular série de espetáculos com satisfatória concorrência. O Folies Bergéres e a Guarda-Velha mantiveram-se galhardamente, dispondo tôdas as noites de grande número de espectadores. No Moulin Rouge, fêz as suas despedidas a graciosa atriz brasileira Cinira Polônio, que recebeu calorosas demonstrações de aprêço de seus inúmeros admiradores.

A companhia espanhola que no Recreio procurava por todos os meios atrair concorrência pública, variando seus espetáculos com as mais apreciadas zarzuelas de seu repertório, deu sua última representação com magnífico programa em benefício da sta. Bianca Vidal e do tenor Alfredo Fernandez, seguindo para a capital do Pará onde dará alguns espetáculos. Êsse foi o movimento teatral da semana.

HUMORISMO

— Aqui, onde me vês, cheguei ao Rio de Janeiro com oito mil e tantos réis no bôlso.
— E agora?
— Agora tenho de oito a dez contos... de dívidas...

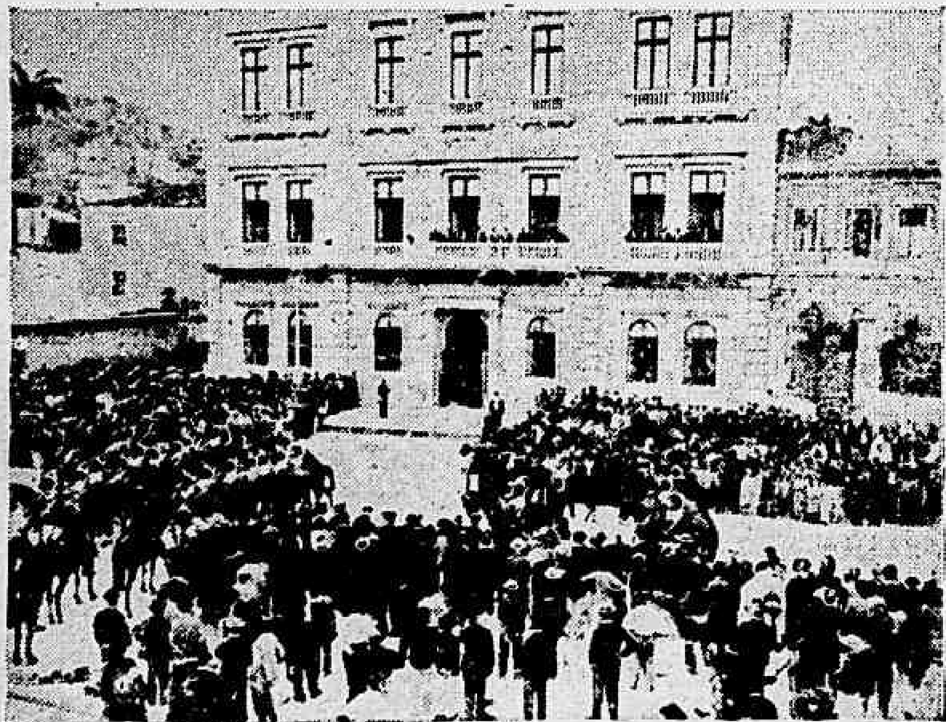
★

O cúmulo da magnificência: Tomar o "Shah" da Pérsia com torradas.

★

À saída do Guarda-Velha.
— Patrão, quem um carro?
— Não, obrigado, vou mesmo a pé.
— Não seja essa a dúvida, eu também não faço empenho em ir para longe...

A COMEMORAÇÃO DE 7 DE SETEMBRO



O 1º de cavalaria desfilando em continência ao sr. Presidente da República, no Catete.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 39 ★ 29-9-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

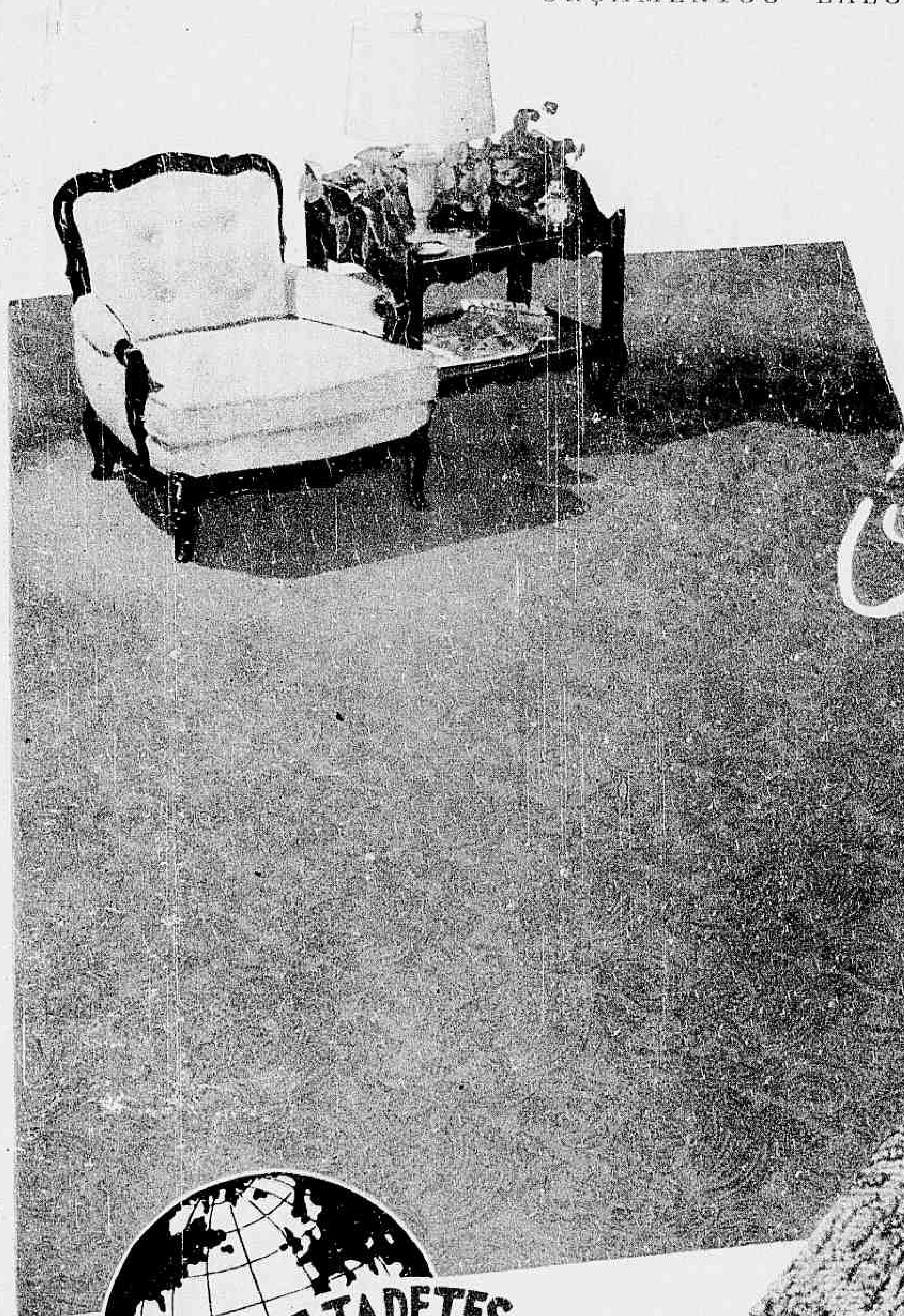
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

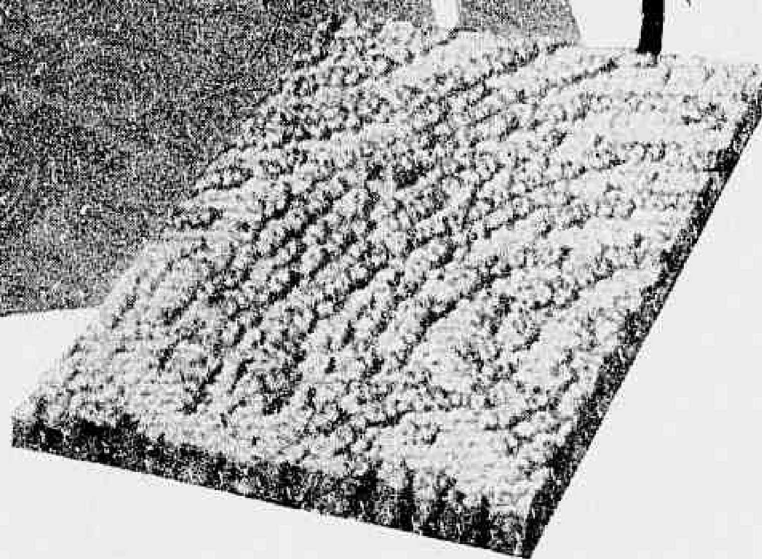
MÓVEIS E DECORAÇÕES

ORÇAMENTOS EXECUTADOS POR DECORADORES













TAPETES E PASSADEIRAS

DE FORRAÇÃO, EM CÔRES LISAS E COM FLORES

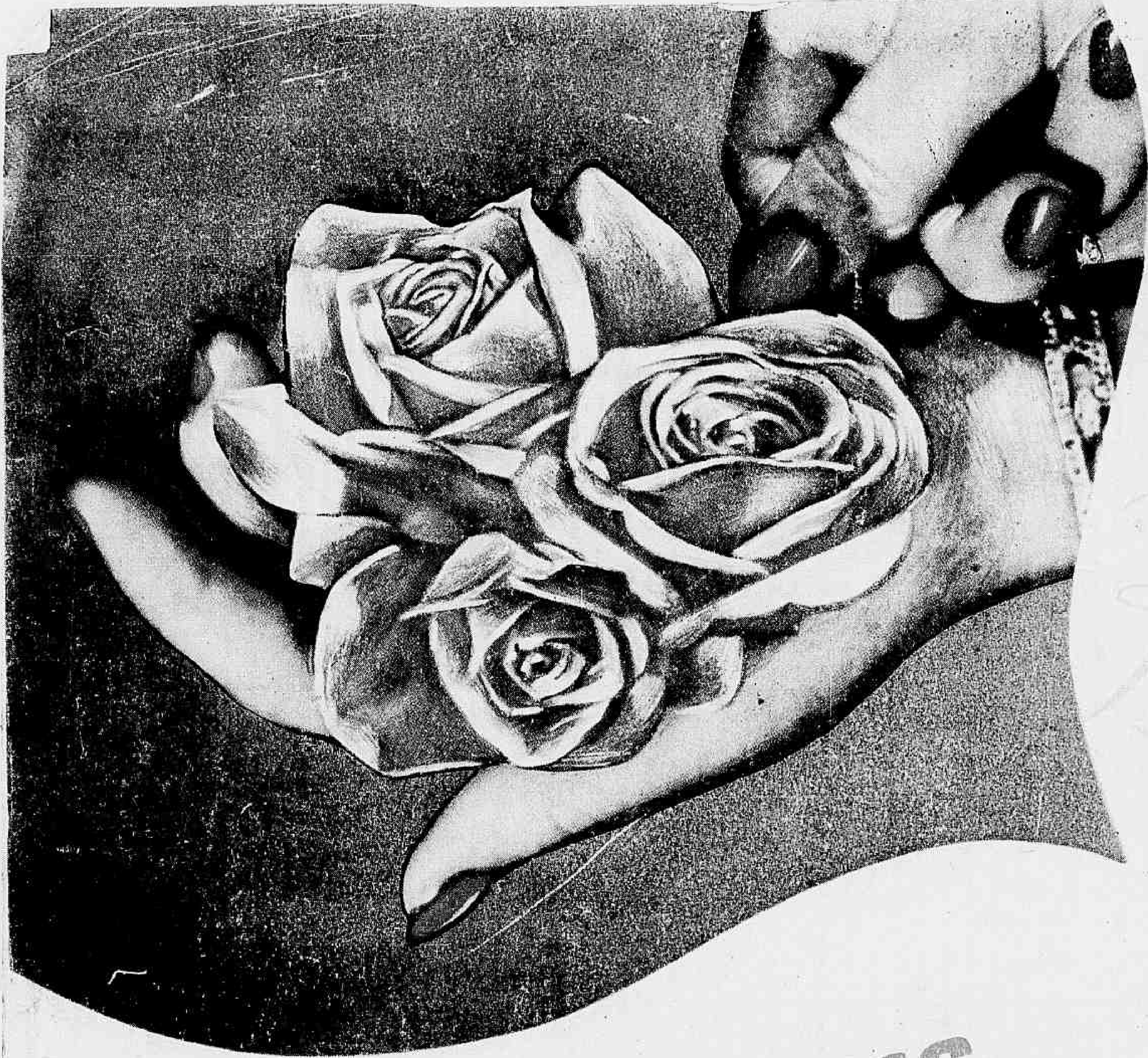
GRUPOS ESTOFADOS

ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS



65 - RUA DA CARIOCA - 67

RIO DE JANEIRO



Belez

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós se celebrizou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

LEITE DE ROSAS





LAB. LEITE DE ROSAS LTDA
RUA S. LUÍS GONZAGA, 2085 A
TELEFONE: 48-7660 — RIO